

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional

TOCCA

Uma terapêutica ocupacional.

Andréa do Amparo Carotta de Angeli

Porto Alegre, 2014.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional

TOCCA

Uma terapêutica ocupacional.

Andréa do Amparo Carotta de Angeli

2

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção parcial de título de doutor em psicologia social e institucional.

Orientação: Profa. Dra. Tania Mara Galli Fonseca

Porto Alegre, 2014.

Andréa do Amparo Carotta de Angeli

TOCCA

Uma terapêutica ocupacional.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Tania Mara Galli Fonseca
(Presidente da Banca e Orientadora)

3

Prof.^a Dr.^a Sandra Maria Galheigo (PPGCR–FMUSP)

Prof.^a Dr. Luis Artur Costa (UFPEL)

Prof.^a Dr.^a Rosane Azevedo Neves da Silva (PPGPSI – UFRGS)

Agradecimentos

Ao grupo de acompanhantes terapêuticos “Espaço Atitude” (Mônica, Luana, Daniela (s), Sara, Francis, Karen, Carlos Augusto (Guto), Felipe, Alexei, Hamilton, Pedro, Rafael W, Rafael R., Fabiana) por tanto que as palavras não comportam.

À Tania pela orientação, companhia e presença nesta trajetória intensa que vivemos, mas, principalmente, por acreditar comigo que este trabalho seria uma tese.

Ao Luís Arthur, Neuza Guareschi e Sandra Galheigo pelas contribuições importantes e generosas na banca de qualificação do projeto.

À equipe do TOCCA e suas variações, a Alessandra e a Caroline, especialmente. As minhas orientandas que me nutriram a pesquisa com suas questões na feitura de suas monografias. Aos estagiários. À Daniela Souto, bolsista em 2013, que me apoiou incondicionalmente para que conseguisse terminar a tese.

À Eliane Castro, Elizabeth Lima, Erika Inforsato, Priscila Mamy, Sandra Galheigo, Flavia Liberman, Annita Malufe, Cristiane Mesquita pelas contaminações, pelas derivas, pela amorosidade e amizade que me trouxeram até aqui de diferentes modos.

A Amara, Dani Laura, Miriam e Jadir que não me deixaram desistir. Ao departamento de Fisioterapia e Reabilitação/UFSM que me acolheu doutoranda e sempre me apoiou para a finalização desta, mesmo nos períodos de estágio probatório.

Pela paciência, pelas palavras de incentivo, agradeço aos meus alunos e colegas de trabalho, em especial, à direção do Departamento de Terapia Ocupacional/UFSM, profs. Nilton e Dani Laura, que puderam compreender minhas necessidades de escrita no final da tese.

Às crianças, jovens e adultos que caminham ao lado, multiplicando-nos nas trajetórias do TOCCA.

Ao Tito e a associação de moradores “Estação dos Ventos”, nossa comunidade com o Km3. À Nilza e Maria. Ao pessoal do Museu Treze de Maio e Marlete. À equipe do CRAS – Leste. Pelas muitas e dissonantes linhas que compõem este trabalho.

À Vânia e José Carlos, meus pais, pelo apoio e incentivo. Daniele, André, Luciana e Rafael, pela amizade.

Ao Marcelo e Anita, meus amores, pelo incomensurável e inenarrável de cada dia com a tese.

Resumo

A presente tese buscou cartografar o plano de composição do projeto TOCCA-Terapia Ocupacional, Corpo, Cultura e as Artes, analisando como o mesmo é atravessado pelas forças das políticas sociais contemporâneas e suas relações com a produção de subjetividades cercadas pelos signos da vulnerabilidade. Desse modo, procurou visibilizar os discursos e imagens que se engendram pelo exercício singular de uma terapia ocupacional, apontando, criticamente, ações de intervenção que pudessem ainda estar ao lado do controle biopolítico, da adequação dos corpos e das condutas, enfim, dos microfacismos da inclusão, a fim de fortalecer práticas clínicas voltadas à afirmação de modos outros de viver, que deslocam o mundo das formas instituídas hegemonicamente e agenciam “mais vida”, biopoder.

Este trabalho, assim, trata de um recorte nos processos de produção do TOCCA, procurando testemunhar seus encontros e, com isso, inaugurar outras narrativas possíveis. Constitui-se de uma cartografia que busca desenhar as diferentes experimentações que se fizeram e se fazem no desenho desta paisagem, sempre em movimento. E, ainda, fazer ver e dizer os agenciamentos do desejo e suas efetuações em ações, discussões e incursões do pensamento. Desse modo, seus trajetos dizem de um modo de proceder em terapia ocupacional junto a pessoas em situação de vulnerabilidade e isolamento social e de suas problemáticas iminentes, mas também, dos limites de uma prática clínica e política vinculada a ações de ensino e às dinâmicas de ensino-aprendizagem, no que tange à profissionalização de terapeutas ocupacionais em práticas territoriais. Aponta, ainda, as dificuldades de sustentação de ações dentro de um projeto de extensão universitário com escassos recursos materiais e humanos, em um curso de graduação, ainda em estado de implantação.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional, Subjetivação, Vulnerabilidade e Biopoder.

Abstract

The present thesis aimed to map the plan of composition of the Project TOCCA – Occupational Therapy, Body, Culture and Arts, analyzing how this project is transpassed by the forces of contemporary social politics and their relations with the production of the subjectivities surrounded by the signs of vulnerability. In this sense, we tried to highlight the discourses and images that engender themselves by the singular exercise of an occupational therapy, pointing out, in a critical way, actions of intervention that could be still by the side of the biopolitical control, by the adequation of bodies and behaviours. Finally, by microfacisms of the inclusion, with the purpose of strengning clinical practices focused on the affirmation of different ways of living, which deslocate the world of forms established hegemonically and conduct “more life”, biopower.

This work, thus, is about a cut in the processes of production of TOCCA, trying to testify its meetings and, with that, starting other possible narratives. It is a mapping that aims to draw the different experimentations that were present and are still present in the draw of this landscape, always in moviment. And, yet, making possible to see and say the conductions of desire and its effects in actions, discussions and incursions of thought. Thereby, its paths indicate a way of proceeding in occupational therapy together to people in situations of vulnerability and social isolation and of their immanent issues, but also, the limits of a clinical practice and politics related to teaching actions and the dynamics of teaching-learning, referring to the professionalisation of occupational therapists in territorial practices. It shows, moreover, the difficulties of supporting the actions inside a project of extension in the university with rare material and human resources, in an undergratuade course, in a state of implantation still.

Keywords: Occupational Therapy, Subjectivation, Vulnerability and Biopower.

*Para Anita,
E seus fiozinhos de canção,
que me levam todos os dias para além de mim.*

Sumário

Aberturas	11
<i>Estrangeirices</i>	11
<i>Habitat</i>	13
Primeiras histórias	17
<i>A máquina</i>	17
<i>Procedimentos</i>	19
Um tErriTÓRiO.	21
<i>Enunciar problemas com os trajetos do Projeto TOCCA – Terapia Ocupacional, Corpo, Cultura e as Artes</i>	21
Aproximações.....	21
Invasões. Inundações. Ventanias.	29
Derivas. Fazer matilha	34
<i>Outras derivas, outras contaminações</i>	46
Com Foucault, Agamben e Deleuze e a biopolítica.....	46
Aproximações e vizinhanças, o social e o vulnerável.....	51
Passagens. Transpassagens do/no social. Ziguezagues.	56
Da piedade à vulnerabilidade	64
<i>Comunidade. Comunidade?</i>	82
Viração	87
[Pausa].....	92
<i>Clínica. Oficina de contação de estórias, uma terapêutica ocupacional</i>	93
Narrar e testemunhar	100
A oficina e seus procedimentos	105
A caixinha de atividades corporais.....	106

O livro de histórias da Celina e a invenção do saco lúdico.	107
Dos personagens de meia às narrativas inventadas	108
O livro das histórias inenarráveis	111
Pequenos projetos, as atividades plásticas.....	111
Dos procedimentos e as pequenas máquinas de guerra	114
<i>Das tensões</i>	117
O canto da sereia e o caleidoscópio.....	120
Vagar e ocupar	129
PÓS- ESCRITO	135
Bibliografia	136

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1. (...) subtrair o único da multiplicidade a ser constituída (...) um tal sistema poderia ser chamado rizoma. (...) As tocas são, com todas as suas funções de habitat, de provisão, de deslocamento, de evasão e de ruptura. [Deleuze, 1996, p.15]¹

¹ Deleuze & Guattari. **Mil platôs (vol1)**. São Paulo: ed. 34, 1996. (grifo nosso)

Aberturas

Temos muitas origens porque muitas são as vidas em nossa vida.

Encontramos estas origens no meio do caminho (...)

contar uma vida significa optar pelos saltos (...)

De onde venho?

Eugênio Barba

Estrangeirices. Uma terra estrangeira, uma gente que falava palavras que desconhecia; um supermercado em que não encontrava o conhecido, onde novos sabores era algo quase imposto, uma cuia com mate circulando na sala de aula, um estudante dançando a “chula” na aula de abordagens corporais²; a sensação de não saber onde se está na rua e perder-se diante de um farol com a questão: atravesso ou não? Como caminho? Viajar quilômetros todas as semanas e atravessar plantações; encontrar-se com vacas, cavalos, cachorros, passarinhos, ovelhas, montanhas, num misto de surpresa, medo e alegria; entristecer com as milongas e surpreender-se com as músicas típicas nos rádios dos transportes coletivos; iniciar um trabalho novo em uma universidade, sem salas de aula nem materiais, com apenas três colegas e 105 alunos; agarrar-se à trajetória de trabalho na interface com as artes e ganhar um pacote novo: “terapia ocupacional no campo social” para desvendar, afirmar e defender; brigar com fantasmas, abrigar desertos, sonhar uma casa; desidealizar “cidade do interior” e deparar-se com a desigualdade social naquilo de bruto e violento que ela engendra; revoltar-se com o pouco ou nenhum recurso investido nas ações das políticas públicas de saúde e de assistência social; encontrar pequenos oásis onde se faz a potência com o mínimo, como na escola aberta Estadual Paulo Freire ³e emocionar-se diante de possíveis; despedir-se brutalmente de quem te trouxe à terra estranha, sofrer de abandono; habitar muitas casas sem habitar, passar por elas; ter a sensação de estar sempre em trânsito, sem parada, se perder; deter-se nas ausências, deter-se nas faltas, na negação e agir por reação; encontrar o abandono no rosto e corpo de uma criança, conhecer as múltiplas

² Dança tradicional gaúcha que aparece espontaneamente durante um trabalho de experimentação do corpo com músicas de diferentes ritmos na Disciplina Complementar de Graduação oferecida por mim no Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria no segundo semestre de 2010.

³ Escola Aberta Paulo Freire é uma escola estadual, a única a receber crianças e jovens moradores de rua e em grave situação de vulnerabilidade social na cidade de Santa Maria com currículo e cotidiano escolar adaptado as necessidades desta população.

faces da violência encarnada em corpos miúdos, ouvir a miséria chorar, gritar dentro de si, sofrer de indignação; olhar para o “bruto social”⁴ e não ver senão dor, e se questionar sobre o que fazer?; Lutar com o “boi” assistencialista, apaziguador das diferenças; querer a brecha, encontrar na feitura de um bolo a delicadeza da vida que se afirma com, com a miséria, com o abandono, com a violência, com. Construir um “barraco” com o que se carrega e com o que se acha pelos trajetos; fazer fotos dos trajetos e descobrir vestígios de passado no presente; deixar-se trafegar, abrir-se a novas experiências, fazer da atividade artística uma aliada na variação do que se tinha e colocar-se em movimento com a paisagem, fazer uma TOCCA, engravidar; gerar uma vida híbrida e cuidar, encontrar novos parceiros nos trajetos pelo “campo social”, inventar viver, desfazer a TOCCA, caminhar.

Traços que caminham uma vida, que engendram expressões de um si e provocam a feitura desta tese. O ato da escrita inaugura o traçado da pesquisa que faz ver um emaranhado de linhas que dizem de uma terapia ocupacional, de relações com produções das artes e da cultura, com as durezas das situações de miserabilidade e vulnerabilidade social a que está lançada uma parcela da população brasileira com a qual se encontra todos os dias na prática da terapia ocupacional e, ainda, de invenções coletivas nas lutas cotidianas pela efetuação da cidadania. Mas, também, dizem de uma vida que se engendra com elas, que se afeta de diferentes modos pelo percurso e vai singularizando em suas traduções mais variadas o que lhe acontece. Diz de trajetos não lineares, exprime o acontecer.

A fita de moebius que tenho nas mãos condensa trajetórias pelo campo das artes, especialmente das artes cênicas, pelos chamados “campos social e da saúde” como terapeuta ocupacional e acompanhante terapêutico no encontro com diferentes populações, seus lugares de morada e passagem, serviços de atenção – ambulatórios, escolas, hospitais, casas de cultura, centros de convivência, lugares de vida e pelo campo da educação como supervisora de estágios e práticas e, docente em cursos de formação de terapeutas ocupacionais. Vestígios destes encontros singularmente produzem as linhas possíveis desta existência e torna-se impossível totalizar em palavras as nuvens virtuais e os diferentes corpos que se fez em cada momento. Neste sentido, é por cortes e agenciamentos que se opera esta tese, é por retirada que se marca um

⁴ “o âmbito de encontro da *sociedade* com sua margem miserável, a que vamos chamar de *bruto-social*.” (Macerata, 2010, p.13).

caminho e se pergunta com que ela vem a funcionar “em conexão com o que... faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos.. faz convergir o seu (...) uma pequena máquina (...) [Deleuze & Guattari, 1996, p.12]

O desafio é dar voz às marcas dos acontecimentos-em-mim e afirmar com a escrita um vivo, frágil, precário, disjuntivo território de ação. Busca-se pensar com o que acontece no processo de produção de uma ação singular em terapia ocupacional por meio do projeto TOCCA – terapia ocupacional, corpo, cultura e as artes.⁵

Na ambiência desta pesquisa, portanto, encontramos-nos direta ou indiretamente com a minha experiência como docente e terapeuta ocupacional responsável pelo “campo social” do curso de terapia ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria; a terapia ocupacional no campo social e sua constituição no Brasil; a implantação do Sistema único de Assistência Social e a afirmação do terapeuta ocupacional como parte da equipe dos serviços de atenção; mas, especialmente, com os problemas, as descobertas e dificuldades encontradas na construção e amadurecimento das ações do TOCCA. Neste sentido, visa pensar *no entre* quem faz e produz a ação e a realidade em que ela se constitui, observando o processo de produção dos dispositivos de atenção do projeto TOCCA. E, com isso, fazer do pensar um “experimentum que tem por objeto o caráter potencial da vida e da inteligência humana” (Agamben, 1995, p.14 apud Duarte (2007)⁶.

Habitat. O TOCCA nasceu da necessidade e do desejo em se desenvolver um espaço que respondesse às demandas de ensino teórico-prático dos estudantes de terapia ocupacional no campo social e nas ações na interface arte-saúde, mas também, pela carência de intervenções nesta área em Santa Maria. Assim como, pela urgência vivida em se inventar um lugar de trabalho que traduzisse os encontros *entre* terapia ocupacional e as artes.

Com o projeto, vamos compondo um território delicado atravessado por blocos de definições e conceitos que localizam sujeitos, atividades, produção social, oriundas de diferentes campos do saber, em que se trabalha boa parte do tempo, desmanchando formas que enrijecem as expressões da vida e sufocam as singularidades. Sentimo-nos

⁵ O projeto de extensão, ensino e pesquisa é parte das ações do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia e Reabilitação do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria e está registrado no SIE sob o número 028087 desde outubro de 2010. Durante o ano de 2011 obteve o apoio do Fundo de Incentivo à Extensão (FIEX) /CCS e contou com uma bolsista de extensão. O projeto segue com cinco estudantes de graduação que se voluntariam na construção das ações junto com a coordenadora. Em outro capítulo ele será descrito com maior detalhamento.

⁶ Duarte, A. Sobre a biopolítica de Foucault ao século XXI. IN: Revista Cinética – Ensaios Críticos. [HTTP://www.Revistacinetica.com.br/cep/andre_duarte.htm](http://www.Revistacinetica.com.br/cep/andre_duarte.htm). Acesso em 20/01/2013.

convocados a contribuir na produção de uma terapia ocupacional que invente seu modo de fazer na medida em que se encontra com o mundo (pessoas, conceitos, espaços, dentre outros). Com uma atenção aos trejeitos que engendram uma vida em sua complicação, busca-se a escuta daquilo que a paralisa, daquilo que a torna potente, daquilo que a faz ser obra. As ações, assim, tentam se constituir neste emaranhado de forças, a cada vez.

As sensações falam deste território dando-lhe a forma de um terreno de barro, em alguns momentos, regado pelas águas que querem fazer vingar a vida, pela sobrevivência, se moldando em estratégias de luta por direitos junto ao poder público, em ocupações irregulares, em desenhos de redes de apoio e cooperação, em uma multiplicidade de composições do que se convencionou no senso comum como família, relacionamento amoroso, trabalho, equipe de cuidado, dentre outros. Mas, entre a chuva e o sol escaldante vislumbramos suas variações entre as poças, as ranhuras e securas da terra batida onde a vida tem dificuldade em se manter, em se propagar e é com a morte que também se lida cotidianamente. A vida, levada aos seus extremos, grita. E são, muitas vezes, em meio aos gritos que vamos escutar os respiros, as pausas, os grunhidos da diferença que pulsa buscando fazer vingar outros modos de existir.

14

No dia a dia do trabalho do projeto, conhecemos a importância em se deslocar pelas estratégias micro e macro políticas concomitantemente, e as dificuldades que se engendram com elas. Transitamos entre as políticas públicas⁷ e seu exercício junto a conselhos de direitos⁸ e as vilas, as ocupações irregulares, ao mesmo tempo em que acompanhamos alguém que consegue dizer seu nome em um grupo de convivência depois de uma semana inteira de silêncio, movimentos de extrema delicadeza em que se agenciam narrativas, personagens e desejos na invenção de uma história, uma vida. Uma luta diária na afirmação dos direitos de cidadania e de uma existência singular⁹, e

⁷ Especialmente, as Políticas Nacionais de Assistência Social e de Cultura.

⁸ Desde o início do trabalho em 2010, acompanhamos algumas reuniões do Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente – COMDICA e, em 2012, a equipe passa a frequentar também o Conselho Municipal de Assistência Social - COMAS. No começo frequentamos uma ou outra reunião do COMDICA, foi apenas em 2012, com o estágio, que conseguimos organizar nossas idas aos dois conselhos de modo a seguir suas discussões e eventualmente participarmos delas.

⁹ Destacamos aqui, que concordamos com a discussão proposta por Gallo e Aspis, quando afirmam que a cidadania precisa ser repensada na atualidade, diante do cenário biopolítico de uma sociedade de controle. Assim, definem que “uma cidadania de resistência aos tempos hipermodernos é (...) o exercício de tomar a palavra por aqueles que estão alijados do processo de administração social, instituindo um acontecimento político (...)”. Os autores apontam, ainda, pensando o lugar do ensino de filosofia, que este deve se ater a invenção de saídas, a criação como um “ato no sentido desta cidadania como resistência.” Com eles, buscamos um espaço de clínica que seja aliado a esta ideia de criar possíveis para si e para o mundo, uma clínica que seja simultaneamente estética e política.

em meio a tantos jogos de força e de poder, buscamos alianças para nos mantermos *entre*. Sustentando, assim, um possível que não seja engessado pelos mecanismos de sujeição das estratégias de governo da vida¹⁰. Com Deleuze [1996] pensamos que

Um agenciamento maquínico é direcionado para os estratos que fazem dele, sem dúvida, uma espécie de organismo, ou bem uma totalidade significativa, ou bem uma determinação atribuível a um sujeito, mas ele não é menos direcionado para um corpo sem órgãos, que não para de desfazer o organismo, de fazer passar e circular partículas a-significantes, intensidades puras, e não para os sujeitos aos quais não deixa senão um nome como rastro de uma intensidade. (p.12)

Deste modo, buscamos entender de que maneira se expressam as discursividades do social, as narrativas de mundo que acompanham as linhas de dizer da terapia ocupacional neste projeto, a que dão a ver? Que visões e dizeres vêm ao lado das noções de vulnerabilidade, exclusão e isolamento social, e neste sentido, seria possível pensá-las diferentemente a partir de uma não cisão indivíduo-coletivo? Estariam nossas ações respondendo a algum tipo de controle, de adequação, de luta pela inclusão em certo formato de mundo? Como operar na construção de dispositivos que afirmem modos de viver que deslocam o mundo? Como acompanhar processos de vida agenciando “mais vida”, biopoder, produzindo dispositivos de cuidado que se afirmem no *entre* os modos de viver e as normas, que se exprimem nas políticas públicas sociais? Como fazer fugir a miséria de seu achatamento em relação à riqueza, numa relação excludente e pautada nos processos de subjetivação modulados pelo capitalismo desenfreado do contemporâneo?

Neste sentido, buscamos pelas marcas dos encontros vividos neste processo contínuo que é o TOCCA. Importante notar que o TOCCA não estará pronto em algum momento específico, não tem um começo preciso e um fim a se chegar, é processo. Para Escóssia (2009) com a intercessão de Foucault e Deleuze, a realidade se apresenta como efeito de forças de caráter discursivo e não discursivo.

“entre as práticas discursivas ou de dizibilidade encontram-se os atos realizados nos signos e que decidem sobre tudo aquilo que podemos dizer do mundo. As práticas não discursivas ou de visibilidade referem-se às ações mudas dos corpos e criam modalidades de ver. Ou seja, a realidade é

¹⁰ Referência às ideias de Foucault acerca da biopolítica.

resultante de modos de ver e de dizer produzidos num determinado momento histórico” (Escóssia, 2009, p.95)

Perguntamo-nos, ao longo dos trajetos deste estudo, acerca das práticas discursivas que engendram o que se denomina terapia ocupacional e ao que dão a ver quando mergulhamos nos emaranhados de forças deste território por meio de uma ação singular efetuada pelo projeto. Ao mesmo tempo em que cartografamos os movimentos de individuação, observando de que modo as formações históricas e as potências de transformação se fazem presentes.

E, com isso, o mergulho em um campo de trabalho, recheado de práticas e de saberes que quando habitamos e nos colocamos a navegar nestas ondas, fazem surgir modos que se dobram nos contágios pelas artes, em ações voltadas à cidadania e ao cuidado em uma singular terapia ocupacional com elas. Neste percurso, conceitos como fragilidade, vulnerabilidade e exclusão são postos em movimento e nos obrigamos a pensar com eles. Ao mesmo tempo em que a operação com as ferramentas conceituais da filosofia da diferença nos permitiram o deslocamento da relação dicotômica com os termos vulnerável – não vulnerável, inclusão-exclusão, fragilidade-força, dentre outros.

A máquina

Esta tese se escreveu. Diante deste papel em branco confesso que fui uma espécie de máquina de escrever, todas as vezes que desejei escrever, e foram muitas, nenhuma linha se quer pode se sustentar. Escrevi e apaguei diversas páginas. Ao lado de onde confesso agora, mora uma pilha de documentos, de papéis pequenos anotados, rabiscos e desenhos da tese, livros marcados, cadernos de notas, registros de percursos vividos, imagens para nada. Tentei transformar-lhes em palavras, falhei.

Esta tese se escreveu. Foram tantas as mesas habitadas, em lugares tão distintos. Tentei palavras nas mesas brancas de um apartamento desabitado. A vida ali pulsava lenta e grave. As palavras pulavam e dançavam, não as podia capturar. Joguei-as sobre um papel em forma de tabuleiro, desejei brincar, não brinquei. Cultivei palavras em um bloco pequenino em uma mesa de cozinha no casarão de porto alegre e suas janelas, miúdas mal conseguia ler depois, corriam pelos papéis em uma velocidade que delas só pude fazer imagem. A vida enlouquecida perdia-se em pulsos variados e díspares, sem forma. Babei palavras em uma mesa redonda, o maior equívoco, elas voltavam e voltavam e voltavam... Até que uma caiu. Caiu e abriu um buraco no chão, palavras-tocas, foram multiplicando-se em túneis e mais túneis.

Como Alice, deixei-me ir atrás do tempo, e em cada túnel, novas palavras me encontravam e já eram tantas que começaram a brotar do chão em diferentes lugares como ervas daninhas. Foram tomando o espaço, era eu-erva daninha. Brotei. A vida pulsava densa e firme.

Esta tese se escreveu. Em trânsito, em movimento, em idas e vindas de avião, de carro, de ônibus, de bicicleta, ganhava força a cada viagem no mesmo lugar. E quanto mais viajava, mais palavras se apagavam, mais ela se escrevia. Teve um tempo de pausa. Teve um tempo de sufoco. Teve um tempo de desespero. Teve apenas um tempo.

Esta tese se escreveu com fraqueza, fraquejando. Ela que gostava de costurar, descosturou os muitos alinhavos do tempo, por descosturar. Ela que gostava de palavrear, silenciou.

Esta tese se escreveu. Escrevendo-se pôs-se a contar histórias. Não histórias da memória porque nisso ela não é boa, há muito tempo perdeu a capacidade de guardar coisas, de rememorar. Tentou foi mesmo escrever por ruminação. E como não podia lembrar-se de tudo, pois foi apagando o trajeto na medida mesma em que o traçava, resolveu por escrever meias verdades, falseou coisas. Inventou uma memória para si, assim, por inventar, brincando.

Em algum lugar havia guardado que poderia cartografar, e o fez. Foi vivendo, subindo e descendo os rios das intensidades dos encontros que pôde, foi registrando com lápis no papel fracamente os movimentos que as andanças produziam. Guardou desenhos, fez deles mapas. Com os mapas conectou as intensidades guardadas em palavras, e cuidadosamente envelopando-os fez deles a força para a máquina de escrever funcionar.

Esta tese se escreveu. Efetuando-se a maquinaria em texto, aconteceu dele se querer assim, inteiro, composto por pequenos fragmentos que vão enunciando o que puderam a partir dos diferentes agenciamentos. Sem propósito *a priori*, deu-se neste corpo. Acolheu-se.

Durante o curso de quatro anos se tentou pegar as rédeas deste processo e coloca-lo em blocos, capítulos, pequenos trechos entremeados com imagens, mas, como lhes disse, falhei. Escapou. Ficou assim.

A tese não sou eu, ela me ultrapassa, é mais forte que eu. Eu morri com ela. Foi de um amor tão intenso, tão fugaz, que não me sei mais depois do que se passou com ela.

[...] Um tanto distorcido, dir-se-ia, em trânsito. Está entendido, eu que vou a caminho, com as velas cheias de palavras, também sou este antepassado impensável de quem nada se pode dizer. Mas talvez venha a falar dele, e dos tempos impenetráveis em que eu era ele, quando eles se calarem, convencidos de que nunca nascerei, por nunca me ter deixado conceber. Sim, talvez, fale dele por uns instantes, como num eco, trocista, antes de ir juntar-me a ele, de quem não souberam separar-me. Aliás, já começam a enfraquecer, sente-se. Mas é apenas uma fenda [...] ¹¹

Esta tese se escreveu, assim mesmo, repetindo-se e encontrando enunciações outras, quase num imenso ritornelo. Algumas vezes voltando no mesmo, em outras conseguindo o respiro da variação. Para tanto lançou mão dos burburinhos e das vozes, leu e ouviu textos filosóficos, literários, palestras e aulas. Ensurdeceu com os gritos, com os sussurros. Ouviu mais e menos, ouviu o que pode.

¹¹ Beckett, S. O inominável. Lisboa: Assírio & Alvin, 2002. [p. 98-9].

Viu-se poema em gesto, imagens de artistas e de vida, viu a mídia também, assustou-se com o tamanho das imagens que encontrou, viu por trás da lente outras imagens. Cegou-se. Rascunhou um caleidoscópio para tentar ver melhor, não viu. Olhou de frente, atrás, mas, foi em diagonal que se encontrou com sua potência de ver e de ouvir. Engana-se quem acha que parou por aí não, não mesmo. Foi caminhando por força do hábito, e depois pela violência dos movimentos em que se lançou levada a cheirar perfumes, odores pútridos e delicados como cheiro de bebê. Percorreu as variações do perfume das margaridas em toda a sua frágil vida – de broto a morto.

Experimentou roupas diversas, tocou texturas, se surpreendeu com o molhado da terra, se alagou com as marés nas mãos. Tocou o mundo sem tocá-lo. E como em uma caixa escura, descobriu formas novas, vestiu-se e dançou.

E provou. E babou palavra por palavra para fazer um corpo. Um corpo. Uma vida.

Esta tese se escreveu.

Procedimentos

Uma tese afirmou-se um vivo, frágil, precário, disjuntivo território existencial e sem um fim definido. Habitou uma fenda no mundo. Tratou-se de uma pele do mundo, sempre peles. Uma profundidade revirada que contém toda a estória de uma vida. Uma pele, seria isso afinal, nasce e morre todos os dias, contendo passado, presente e futuro marcado no tecido constantemente atualizado.... ? Tese e pele contêm o mesmo número de letras, curiosamente. Um desatino, afinal. Uma tese poderia ser peles de um pensamento em múltiplos encontros. Peles que vibram sons de muitas vozes, autônomas que falam dissonantes, juntas, como que instaurando um caleidoscópio sonoro no texto.

Num outro tempo agora presente se roubava de Clarice uns dizeres: *tudo no mundo começou com um sim*.¹² Dizer sim. Afirmação de pequenos universos, cooperando com o mundo naquilo em que faz multiplicar a natureza inteira em suas infinitas variações. Se há um objetivo nesta escritura, ele assim se define. Não se escreve para nada, apenas para insistir no caminhar. No próprio escrever. Tudo o mais vem com o tempo e em suas dobras/poeiras. É devir.

Existe-se na escrita, com ela uma vida se diz. Uma vida agenciando elementos os mais heterogêneos, da literatura, da filosofia, da clínica, das artes, das biológicas, e tantos

¹² Lispector, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2006, edição especial audiolivro, p.9-10.

mais, agencia afectos, imagens, pensamentos tornando-os outras coisas. Uma alquimia. Uma coexistência, uma comunidade de partes infinitamente pequenas tendendo a zero. Mas, ensina o “condicionado”, *o zero não é vazio*.¹³ Uma vida se disse em suas lentidões e velocidades.

Mas, seria preciso um método. Um método. Pois, então, revirar-se-ia o escritor, que método, que rigor, que estratégias usar para estar à altura desta escritura? Cartas¹⁴, fragmentos errantes que permitissem travessias de sensações aos pensamentos, construindo ideias-problemas, possíveis para a escrita. Mas, outras operações de saturação, de raspagem, de cortes e roubos, sobrevôos, foram necessárias a cada ato da escrita. E [...] limpeza, também, sim, a escrita veio em jorros, cheia de sujeiras e restos de coisas que não eram mais úteis, foram para seu brotamento, não mais.

Tentou-se desautomatizar os sentidos das palavras, sensibilizando-os para novos rumos, novas porosidades, novas combinatórias e fazer mundos com elas. Inventar um mundo e falhou-se. O critério principal foi o que aumentasse a potência de agir do si-escrita, este ente em contínua produção de si que se efetuou tese.

¹³ Referência a afirmação de um dos personagens do documentário “o zero não é vazio” de Andrea Menezes e Marcelo Masagão, Brasil, 2005.

¹⁴ Cartas – escritos remetidos a alguém; mapas geográficos ou topográficos; peças de um jogo.

Um tErriTÓRIO.

Ele (o cartógrafo) nunca esquece que há um limite do quanto se suporta, a cada momento, a intimidade com o finito ilimitado, base de seu critério: um limite de tolerância para a desorientação e a reorientação dos afetos, um “limiar de desterritorialização”. Ele sempre avalia o quanto que as defesas que estão sendo usadas servem ou não para proteger a vida. (...) a regra do cartógrafo então é muito simples: é só nunca se esquecer de considerar este limiar. *Regra de prudência.* (Rolnik, 2006, p.68-9).¹⁵

Enunciar problemas com os trajetos do Projeto TOCCA – Terapia Ocupacional, Corpo, Cultura e as Artes.

21

Aproximações. Este trabalho trata de um recorte nos processos de produção do TOCCA, procurando testemunhar seus encontros e, com isso, inaugurar outras narrativas possíveis. Constitui-se de uma cartografia que busca desenhar as diferentes experimentações que se fizeram e se fazem no desenho desta paisagem, sempre em movimento. E, ainda, fazer ver e dizer os agenciamentos do desejo e suas efetuações em ações, discussões e incursões do pensamento. Deste modo, seus trajetos dizem de um modo de proceder em terapia ocupacional junto a pessoas em situação de vulnerabilidade e isolamento social¹⁶ e de suas problemáticas iminentes, mas também, dos limites de uma prática clínica e política vinculada a ações de ensino e às dinâmicas de ensino-aprendizagem, no que tange à profissionalização de terapeutas ocupacionais

¹⁵ Grifo nosso.

¹⁶ Tomamos aqui o conceito de Castel (2010) como um modo de definir a problemática social a que estão lançados muitos sujeitos que vivem a margem da produção econômica e de relações sociais dominantes. Experimentando com isso dificuldades e/ou impedimentos variados no acesso aos bens de direitos – moradia, saúde, educação, saneamento básico, dentre outros. Ao longo do trabalho, entretanto, vamos operando outras possibilidades de leitura, buscando multiplicar este olhar para além de sujeitos e sociedade, no sentido de singularidades.

em práticas territoriais¹⁷, assim como, aponta para as dificuldades de sustentação de ações dentro de um projeto de extensão universitário com escassos recursos materiais e humanos, em um curso de graduação, ainda em estado de implantação. Complicações que vão singularizando os modos de ser deste projeto.

O TOCCA foi assim nomeado em setembro de 2010 desenvolvendo atividades, dentro do curso de terapia ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que se dedicavam à compreensão da situação de vulnerabilidade/ isolamento social que se apresentava, especialmente, a crianças e jovens na cidade. Para tanto, realizou-se o mapeamento de serviços de assistência social, assim como, o levantamento bibliográfico em torno da temática da terapia ocupacional e suas relações teóricas e práticas com a Política de Assistência Social.

Naquele momento era preciso chegar, entrar em contato com o campo e as pessoas que o exprimem, com a cidade, com a universidade e suas problemáticas. O projeto começava aliado aliado a diferentes fluxos do desejo que atravessavam a docente e as estudantes e que diferentemente se ligavam pelos trajetos com as artes, pelos movimentos sociais, pela necessidade de compreender como viviam as pessoas nesta cidade, por um modo de proceder em terapia ocupacional.¹⁸ Reuníamos-nos à noite no antigo laboratório de atividades e recursos terapêuticos do curso, sala cedida pelo departamento de morfologia.¹⁹ Líamos, sonhávamos procedimentos, lidávamos com a realidade da cidade de Santa Maria, naquele instante, estranha a todos nós, traçávamos o plano. “Ora, o plano, na lógica da micropolítica, nada tem haver com a transcendência: ele se faz ao mesmo tempo em que seu processo de composição.” (Rolnik, 2006, p.62) Havia entre nós um compromisso, experimentar junto, descobrir formas de constituir o projeto. Algumas linhas foram desenvolvidas demarcando o terreno, mas ele se constituiria processualmente no tempo.

¹⁷Referencia a disciplina de Estágio Supervisionado em Terapia Ocupacional em Práticas Territoriais oferecida no sexto semestre do curso de graduação em terapia ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria, sob minha coordenação. Os graduandos participam das atividades do projeto em duas instituições da rede sócio assistencial de proteção social básica de Santa Maria.

¹⁸ O projeto parecia abrir para alguns estudantes, oriundos da primeira e da segunda turma do curso, a compreensão dos diferentes modos de atuação do terapeuta ocupacional, outras áreas de trabalho, o que possibilitava, inclusive, sua permanência na graduação. Naquele momento éramos quatro docentes apenas e a cidade não oferecia muitas possibilidades concretas aos estudantes.

¹⁹ A sala caracteriza o início de uma trajetória na universidade de nosso curso de graduação, antigo laboratório repaginado para receber nossos alunos, ainda tinha o cheiro dos materiais químicos utilizados nas experiências ali. Nutríamos de algum modo deste lugar que emanava experimentações, misturas, novas combinatórias em jogo.

O primeiro desenho do projeto contava com dois eixos de trabalho (*o TOCCA curumim e o TOCCA etnias*), um voltado a crianças e jovens que poderiam ou não estar em situação de vulnerabilidade social, em sofrimento psíquico e/ou possuir alguma deficiência e tinha no fazer artístico o mote que os reuniria. O outro eixo tratava de compreender a situação dos indígenas, oriundas das tribos Mbya Guarani e Kaingang, que transitavam no “calçadão e na Praça Saldanho Marinho” no centro da cidade junto de seus familiares, na venda de artefatos produzidos pelas tribos ou sozinhos em ações de mendicância.

Era preciso “estar com” e inventamos dispositivos para o contágio. Afinal, a ação do cartógrafo se dirige “às estratégias das formações do desejo no campo social”, nos dirá Rolnik (2006). Iniciamos de um lado a leitura de um relatório de pesquisa a respeito da infância e juventude em vulnerabilidade, referentes a uma pesquisa interdisciplinar e interinstitucional realizada em 2003 nas diferentes zonas da cidade de Santa Maria, bem como, levantamento e algumas visitas a serviços sócio assistenciais, educacionais e da rede de saúde. Começamos a selecionar equipamentos no território leste da cidade, que fora eleito por nós pela proximidade com a Universidade e a distância entre as zonas da cidade, aliado a nossas dificuldades de locomoção.²⁰ De outro lado, estudamos acerca da existência de trabalhos voltados a esta população em situação de rua, algumas moradoras da Praça. Iniciamos uma “aventura” fotográfica e de conversas imergindo no cotidiano da praça em diferentes horários do dia até fixarmos um período para irmos observar. As estudantes permaneciam uma a duas tardes por semana, algumas horas, buscando entrar em contato com o movimento da praça. Quem e como a habitava, de que modo circulavam os indígenas e demais grupos. Queríamos estar na cidade, “ver a cidade como texto que comporta múltiplas traduções, porque seus traçados mostram-se como apropriações espaciais, como aventuras de viagem, viagem aberta para a experiência da alteridade.” (Fonseca, 2003, p.256-7). Nas reuniões recolhíamos impressões, informações, conhecimento teórico, diferentes matérias de expressão que nos auxiliassem a dar passagem às intensidades vividas nestes encontros. O início do projeto fora marcado por vôos longos, desenhos e mais desenhos de mapas, com um olhar desfocado, conversas

²⁰ Neste período encontrava-me gestante e as estudantes com a carga horária integral no curso de graduação. Outro fator importante fora a dificuldade em conseguirmos bolsas para projetos de extensão, que duram 8 meses apenas, observado que tivemos uma em março de 2011 e em 2013. Cabe destacar que a zona com maior índice de violência, vulnerabilidade e isolamento social da cidade é a norte, com a presença problemática do “lixão da caturrita” e de situações de trabalho infantil. Entretanto, a zona leste concentra um alto índice de desigualdade social seja pela presença de diferentes ocupações irregulares seja pela dificuldade de acesso a bens de saúde, cultura e educação, por parte da população que habita os espaços a margem dos trilhos do trem.

marcadas pelo estranhamento, anotações das sensações que habitávamos em nossas “idas a campo”. Nas anotações de nossas reuniões, páginas inteiras apresentavam inúmeros pontos de interrogação, perguntas, hipóteses. A questão não era descobrir o “verdadeiro ou o falso” acerca da realidade na qual mergulhávamos, mas, encontrar como a vida se afirmava, como se tornava reativa e/ou destrutiva, perscrutar os movimentos e suas paradas, os impedimentos a constituição de territórios existenciais possíveis. (Rolnik, 2006) Neste ponto, palavras como violência doméstica, violência sexual, vulnerabilidade e isolamento, maus tratos, pobreza extrema, fome, eram como nuvens que nos atravessavam, palavras desencarnadas e cuja violência dos afectos ficava anestesiada pela molaridade de suas dimensões, sua totalização das multiplicidades em jogo nelas. Olhávamos e intuíamos a chuva, mas o vento norte²¹ ainda tinha a forma de brisa.

Nossa primeira investida de organização de uma ação com esta paisagem, fora na Casa de Cultura – com sede no Centro, onde havíamos localizado um movimento intenso de crianças e jovens em situação de rua, indígenas ou não, a proximidade com escolas e entidades que atendem pessoas com deficiências e sofrimento psíquico, um lugar híbrido e com a heterogeneidade populacional buscada para as ações do projeto. Havia a intenção de produzir um grupo que se aliançasse pela vontade de fazer algo junto, aprender uma técnica, experimentar uma atividade. O fazer agruparia, mas, conhecedores das dificuldades de alguns sujeitos em ter acesso a diferentes ações na cidade que extrapolassem o âmbito da saúde, da reabilitação e/ou escolarização especializada, havia, por nossa parte, a compreensão da necessidade de realizar um chamamento. Interessante notar é que havia uma tensão na constituição do projeto, de um lado optar pela produção de subjetividade e pelo fazer criativo, e por outro, defini-lo de modo identitário a modelos de intervenção em terapia ocupacional. Havia, neste ponto, intensa idealização do trabalho em relação à população, a ação a ser desenvolvida, tinha-se o texto escrito, o figurino, mas faltava “estar em jogo.”²² Observávamos os elementos importantes em jogo, relativos à cidade, sua organização, às palavras que estavam em torno das definições da população, mas, não era possível

²¹ Em Santa Maria, o vento norte abriga o anúncio da “tempestade”, da tempestade, quando sopra nada fica no lugar devido a sua força. Corre na boca miúda que é o vento dos mortos, que faz a morte encontrar a vida. Violência da passagem, violência dionisíaca.

²² “Trata-se, aqui, de afirmar um *estado de jogo*, condição em que se está à altura do que acontece seja na clínica ou no teatro. Imerso nas conexões de forças engendradas nos acontecimentos, podendo sustentar a fragilidade das composições a cada vez. Mas um estado sempre outro. É condição, mas não tem nem antes e nem depois, desenha-se no acontecimento.” (Angeli, 2008, p.65)

ver, nem ouvir o marulhar do campo problemático, seus devires outros. Percorríamos o campo pelos esquemas sensório-motores (Deleuze, 2005) que se desdobravam neste ou naquele cenário, operávamos por exclusão de termos e, de certo modo, estabelecíamos uma relação explicativa dos acontecimentos em um espaço definido e um tempo cronológico, uma busca por respostas relativas ao que produziria esta ou aquela condição de vida. Neste caso, “os movimentos e as ações podem apresentar muitas anomalias aparentes, rupturas, inserções, superposições, decomposições, eles não obedecem menos às leis que remetem à distribuição dos centros de força no espaço”. (Deleuze, 2005, p.157). Nossa proposta era a de reunir sujeitos mobilizados pela atividade artística, pelo fazer junto, pelo aprendizado de uma técnica, e por meio deste, pensar que as relações entre sujeitos e suas ações, entre as ações desenvolvidas e o contexto sociocultural destas e, dos sujeitos entre si pudessem vir a superar a dureza das vidas cotidianas, abrindo espaço para outros modos de viver, de estar, de conviver que ao menos “minimizassem os efeitos adversos da vulnerabilidade e isolamento social” (caderno de registro, 2011). Deste modo, as ações do projeto pretendiam criar um meio de contato entre sujeitos, seu potencial criativo e o universo da arte por intermédio do oferecimento de grupos e oficinas de atividades artísticas, de convivência e de trabalho corporal²³. Partíamos de uma metodologia de ação²⁴ que previa, pelo menos, dois momentos nos grupos, a saber, o trabalho corporal e a atividade plástica. Entretanto, a tensão conceitual em relação à definição de uma “identidade” ao projeto, movidos pela pergunta insistente, a saber, com o que se trabalhava? Qual era a área de atuação em Terapia ocupacional a que ele respondia, dentre outras, implicou um deslocamento que viria a se tornar um potente sinalizador para o TOCCA, já que o modo como nos relacionamos com ele encerrava-o em um nome, uma identidade que apaziguava a tensão ao mesmo tempo em que anulava as singularidades em jogo, se tornara, enfim, um trabalho em terapia ocupacional no contexto social. Mas se trata de colocar em análise exatamente o *como* nos relacionamos, já que os conceitos valem pela vida que lhes é dada, nos dirá Guattari (1993), “ele tem menos por função guiar a representação e a ação do que catalisar os universos de referência que configuram um campo pragmático” (p.201). Com efeito, os saberes

²³ Referimo-nos aqui aos trabalhos e estudos em torno da anatomia emocional de Stanley Kelleman e da biodiversidade coordenados por Regina Favre no laboratório do Processo Formativo aonde a autora deste estudo aprendeu e se formou terapeuta corporal. Para aprofundamento ver: Favre, R. *Trabalhando pela biodiversidade subjetiva*. IN: **Cadernos de Subjetividade**. SP: Núcleo de Estudos da Subjetividade, 2010.

²⁴ Metodologia desenvolvida pela equipe de terapeutas ocupacionais e docentes do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo por meio do Programa Permanente de Composições Artísticas e Terapia Ocupacional – PACTO.

advindos desta escolha, possibilitaram a compreensão, ao menos parcial, das dificuldades encontradas, nos levando a um contágio com o campo problemático em que mergulhamos nos lançando em um devir histórico-social que fortaleceu combates em torno da defesa de direitos e ações macro. Em outros pontos, complicou nosso olhar em relação às pessoas pobres, negras, periféricas, com deficiência, com sofrimento psíquico, com e com e com. Complicou também o conceito de vulnerabilidade, este, que seria mais tarde, um ritornelo para a tensão inicial. Afinal, vulnerabilidade funcionaria como uma chave de acesso a transformações possíveis ou como engessamento em um estado de coisas, como uma identidade – ser em vulnerabilidade social ou ainda, expressa na forma de trabalhos voltados às pessoas entendidas como nestas condições. A feitura deste escrito, por outro lado, se configurou como o tensionamento para outros olhares, outros modos de pensar, tornando-se o ponto de abertura ao fora. Estivemos à *flor da pele*, nas palavras de Domingues (2010) “em mutação, em uma metamorfose que pode se desdobrar tanto em mortificações como na criação de outras possibilidades de vida” (p.70).

Fora, no sentido da construção da identidade, em parte movida pela urgência das atividades de ensino prático para a graduação, que fomos levados até um dos Centros de Assistência Social (CRAS) e ao acolhimento imediato de sua equipe, naquela época, a nossas intenções e desejos de composição. O que deu início a uma parceria entre o TOCCA, uma instituição espírita, situada no território sócio assistencial do CRAS, e o próprio CRAS em março de 2011²⁵.

Neste lugar iniciamos outros encontros, agora junto ao grupo de crianças da instituição espírita por meio de uma *observação lúdica* nos dois períodos – manhã e tarde, já que, esta compunha a rede CRAS de apoio. Desmanchava-se o desenho inicial, outros encontros, outros e semelhantes problemas, outras convocações.²⁶ O início dos grupos de observação era marcado pela necessidade das estudantes em organizar as crianças, de querê-las paradas, quietas, fazendo as atividades, um desejo de normalizar que

²⁵Aqui cabe uma observação importante, a Secretaria de Assistência Social da Prefeitura de Santa Maria trabalha com a terceirização da contratação de pessoal e gestão dos equipamentos de Proteção Básica e Especial. O que significa dar a um serviço do terceiro setor – Fundações religiosas, especialmente – a coordenação destes serviços. Deste modo, a secretaria se responsabiliza por reuniões periódicas com a fundação, supervisão das equipes dos serviços e todas as demais atribuições programáticas da mesma.

²⁶ “É da imprevisibilidade dos acontecimentos que cortam e recortam as experiências e os sentidos que surge a encarnação do viver, os afetos existenciais, a sensação de que a vida é elo afirmativo de uma problemática maior que si. Poderíamos dizer que é o corte que faz o vivo pulsar, produzir/destruir território.” (Lima, Aragon, 2010, p.132)

respondia a discursos acerca da infância “em situação de vulnerabilidade”, da execução de atividades em terapia ocupacional, dentre outros. Afinal, “tinham de colaborar”, “tínhamos de ver resultados, produzir algo de bom”. Por outro lado, a condução da discussão, muitas vezes, se remetia a discussão de um “caso”, buscando “diagnosticar a situação”, compreender tecnicamente o que se passava com aquela criança. Decorrem desta, algumas conversas entre a equipe de trabalho, que envolviam a percepção das dificuldades escolares diversas, de brincar, de conviver, de falar de si, de sua história e do que gostava, de se sentir pertencente a um grupo, aliadas a uma sensação de que não conseguíamos guardar as histórias, os nomes de cada criança e as narrativas, elas se misturavam entre si e se embolavam com as da instituição. É deste período uma das primeiras histórias marcantes que iremos encontrar: a do menino-cachorro²⁷. Narrativa-marca que operou o corte, um acontecimento, nos lançando no fora, no desmanchamento dos sentidos e significados até então dados. Com ele, habitamos o mar em nós. Seu chamamento nos obrigou ao pensamento, nos fez traçar outros contornos, nos fez voltar aos antigos formatos, voltar à crise, inventar.

O grupo de estudantes e a professora se reúnem com o assistente social daquela equipe, papéis e canetas nas mãos, anotações das observações feitas durante as brincadeiras com aquele menino buscavam dizer de um encontro. Sabia-se que naquelas poucas palavras, no corpo machucado, com feridas à mostra, que naquele jeito franzino, a dureza capturava a infância. Era a primeira discussão de caso conjunta, estavam todos mobilizados por aquele menino. O assistente social começa a narrar: - quando o conheci, ele estava comendo com a mãe, o irmão e o cachorro, mas ele era quem dividia o prato com o cachorro. [O grupo parece desmanchar nas cadeiras, as histórias inundam e desmancham as formas instituídas, fragmentos da narrativa se conectam com ideias, revoltas, imagens inventadas, piedade e toda sorte de sentimentos assistencialistas.] A narrativa segue: - a casa é um quadrado, não tem banheiro. Um dia, ele diz, cheguei por lá e as fezes estavam depositadas na entrada da casa, foi quando a mãe me disse, se desculpando, que havia tido vontade em meio à madrugada já que não há banheiro em casa. As crianças tomam banho no tanque, quando o fazem.

A violência daquelas palavras forçavam os corpos ali presentes a se desmancharem, invadindo-os com traços da miséria, contaminando-os com a pobreza, a dureza das vidas

²⁷ Esta história é produzida por fragmentos de histórias e fabulações com o campo problemático.

que vivem à beira do abismo daquilo que se convém chamar social. Aconteceu o menino-cachorro.

A questão que nos colocamos circula pelo “como” nos movíamos, havia uma identificação com fragmentos de modelos de intervenção em terapia ocupacional no campo social que pareciam responder às necessidades encontradas no atendimento e nas ações de ensino, mas havia, principalmente, o “susto”, a surpresa e a dor produzida pelo contato com uma realidade dura experimentada em corpos miúdos. Havia a tentativa de barrar o acontecimento, de congelá-lo, de anestesiá-lo diante do vivido. A brisa virava vento e, com ele, o anúncio da tormenta por vir. Tudo estava começando a ficar fora do lugar, o vento soprava forte. Dirá Domingues (2010)

toda a sua existência está exposta, os problemas emergiram, as soluções se insinuam. Entretanto, é preciso desejar os problemas, ou melhor, desfazer-se dos falsos problemas. Mudar as perguntas, inventar soluções, experimentar outros olhares e outros dizeres. (...) precisa avaliar, ora se abrir e ora se preservar, selecionar os momentos, fazer funcionar uma espécie de válvula, estaria aí sua potência. (p.61)

E, neste sentido, se evidenciam traços de um pensamento que operava na lógica da causa-efeito, da falta e sua superação, que buscava modelos para aplacar a dor e responder as convocações experimentadas. Não era possível ‘outrar’, vivíamos a intensidade de uma borda, não se podia permanecer no que se era, mas também, não se conseguia criar novos contornos. (Domingues, 2010).

Neste momento, estávamos “inchados” com muitas histórias, invadidos pela complicação das linhas que atravessavam o dispositivo, tínhamos neste ponto um conhecimento por “experiência vaga”, estávamos “ao sabor dos encontros”. (Deleuze, 1968*, p.268) Corríamos o risco de universalizar ideias com base nos efeitos dos signos sobre nós.²⁸ A multiplicidade com a qual entrávamos em contato não estava dada,

²⁸ Tratamos aqui das definições de Deleuze com Espinosa acerca dos três gêneros de conhecimento, segundo ele, (...)“o que forma a unidade do primeiro gênero do conhecimento são os signos. Eles definem o estado de um pensamento que permanece inadequado, envolvido, não explicado. (...)” Faz parte também deste gênero, o “estado civil”, “ a partir do estado de natureza, a imaginação forma ideias universais abstratas, que guardam do objeto essa ou aquela característica sensível.” (p.268). Deste processo, nos diz, do estado civil, nascem os signos imperativos, o conhecimento por “ouvir-dizer”. (Deleuze, 1968*, p.268)

procurada, eleita pelas categorias de pessoas, ela era a nuvem virtual, o meio associado²⁹, o rastro das vidas com as quais nos encontrávamos.

Invasões. Inundações. Ventanias. As narrativas do menino-cachorro nos levaram a outros encontros com a cidade em suas polifonias. *O fato era que o menino havia construído uma habitação em nós, não havia pedido licença, nem autorização, a vida urgia e se fez morada. Contaminava-nos, convocava-nos.* Perguntamo-nos acerca das condições de possibilidade que levavam a um menino-cachorro, ainda com resquícios de um pensamento arborescente, mas que fora, aos poucos, sendo invadido pelas ervas daninhas e seus rizomas. Transitamos, então, por uma cidade marcada pelo trânsito frenético de estudantes e de pessoas em busca de trabalho no setor público, com idas e vindas de significativo contingente populacional em determinados períodos do ano. Ao mesmo tempo em que se apresenta ao longo do tempo como uma cidade de hibridações, de misturas, de passagens.³⁰

Como fenômenos socioculturais e práticas comunicacionais datadas e ressignificadas por seus sujeitos, seus usos e apropriações, os espaços da cidade são como corredores polifônicos, espécie de palimpsestos e caixas sonoras, em que a vida urbana se inscreve e se desenrola. (Moreira & Barros, 2009, p.51).³¹

Encontramo-nos com uma cidade que viveu nos trilhos do trem um “marco importante do progresso”, de mudanças em sua paisagem social, econômica e espacial, notadamente com um êxodo rural e a urbanização crescente (Viero & Figueiredo, 2012). O ritmo da cidade, segundo alguns historiadores, era marcado pelas idas e vindas de passageiros. Assim como, descobrimos que muitos bairros foram criados, em torno de suas linhas, para abrigar seus funcionários, dentre eles o primeiro conjunto habitacional – GARE – com base em moradias para trabalhadores na Bélgica e na França. Entretanto, outros problemas apareceram ao comércio local, ao terceiro setor, principal fonte de renda da cidade e aos trabalhadores da viação quando vivenciaram a decadência

²⁹“ Em Simondon, corpos e meios se adaptam e constroem-se, mutuamente, no ato de experienciar. Pode-se dizer que ocorre uma associação entre corpos e meios nas experiências de vida. (...) o meio atravessa os corpos, estando dentro e fora (...). Oliveira, A. Corpos associados: a arte e o ato de experienciar de acordo com Gilbert Simondon. IN: Informática na educação: teoria & prática, porto alegre, v.15, n.1, p.101-114, jan/jun, 2012.

³⁰ “no decorrer do tempo, a mescla de elementos culturais entre nativos e estrangeiros marcou peculiarmente o desenvolvimento humano da cidade. (...)” Flores, J R A. *Santa Maria: terra de humanidade e cultura*. IN: Weber, B. & Ribeiro, J I. **Nova história de Santa Maria: Contribuições recentes**. Santa Maria: [S.N.], 2010. (p.20).

³¹ Moreira, F. & Barros, J M. **Diversidade e identidades: fronteiras e tensões culturais no espaço urbano**. Políticas Culturais em Revista, 2 (2), p. 50-59, 2009.

gradativa da ferrovia e sua extinção. E com isso, novos problemas urbanos e sociais se colocaram. É também neste período da década de 60 que encontraremos as primeiras ocupações irregulares, denotando, segundo a leitura de Botega (2012), uma tentativa das classes populares em resolver o “déficit habitacional”.

Pelo meio, por baixo, ao lado, nas brechas, vemos surgir uma cidade com narrativas dissonantes e desiguais que exprimem os efeitos das operações neoliberais, ao mesmo tempo em que a forte presença militar indica um lugar estratégico de defesa do País. Cidade de passagens e de estrangeiros, Santa Maria³² se define, dentre outros, como de fronteira no centro do Estado do Rio Grande do Sul, um dos maiores aportes militares do país (o segundo depois da cidade do Rio de Janeiro)³³. Construída em meio a montanhas foi chamada de “Santa Maria da Boca do Monte” pelos portugueses no período colonial. Em sua narrativa, histórias de acampamentos militares e local de batalhas em algumas guerrilhas; de crescimento relacionado à construção de vias férreas e rodoviárias, assim como, relativo à implantação de serviços educacionais, dentre eles a primeira universidade federal no interior do Brasil em torno de 1960; a presença de imigrantes, desde a sua fundação, na figura de alemães, portugueses e, posteriormente, italianos, belgas e franceses e migrantes de cidades do entorno e de outros locais do país movidos pela necessidade de formação universitária e/ou trabalho nestas instituições, assim como, no terceiro setor e no trabalho nas forças armadas e/ou brigada militar.

Movimentos que foram desenhando as habitações e bairros, fomentando o terceiro setor – principal atividade econômica da cidade, especialmente comercial e educacional -, a geração de empregos no funcionalismo público e na construção civil, ao lado do crescente aporte imobiliário, o fortalecimento de valores religiosos diversificados e de promoção de bens culturais, tanto quanto situações de desigualdade exacerbada entre grupos populacionais e problemas com fornecimento de bens de direitos tais como: saneamento, saúde, assistência social, dentre outros. Por outro lado, se desenvolveu em educação e cultura por intermédio das misturas com os valores europeus. Uma cidade que se destaca pela produção agrícola quando da instalação de imigrantes alemães e italianos, que conhece o apogeu de desenvolvimento econômico e social quando do

³² Em 2011 a cidade contava com uma população estimada em 262.312 habitantes. (FEE, 2012). Fonte: Fundação de Economia e Estatística. Acesso em 24/08/2012.

³³ Em fevereiro de 2014, em processo de finalização desta tese, tivemos a notícia de que Santa Maria montará o maior centro de formação militar estratégica do País.

surgimento, implantação e ápice de produção com a via férrea e a reinvenção com a vinda da universidade federal (1960), da Base Aérea e do bairro industrial (1970) após a decadência do investimento ferroviário. O que implicou e possibilitou a continuidade do crescimento populacional. (Viero & Figueiredo, 2012). Outro atravessamento importante se relaciona a presença de nove comunidades quilombolas no entorno da cidade e de outras cidades próximas, e duas comunidades indígenas - Mbya Guarani e Kaingang. A primeira com sede na cidade e a segunda com acampamentos provisórios, já que Santa Maria é parte da rota que a comunidade faz ao longo do ano para a venda de artefatos e produção local. A presença da população negra é significativa na cidade e ganha representatividade pela criação de um dos primeiros clubes sociais negros do País, hoje, o Museu Comunitário Treze de Maio. Espaço tombado pelo patrimônio histórico da cidade e local sede de alguns movimentos sociais em torno da defesa de direitos e fortalecimento de aspectos culturais desta população.³⁴

Com o menino, viajamos pelas linhas do trem. O menino mora em suas margens, escuta-o todos os dias e noites, e brinca em seus trilhos, vê os meninos mais velhos correrem para pintar os vagões com cores vibrantes, acompanha seus familiares e vizinhos amarrarem os sacos de lixo para que leve para longe. O menino sabe, ali não passa nem ônibus, nem caminhão de lixo, nem perua escolar e, raramente, ambulância. Passa mesmo é carro de polícia. A história do menino com o trem é antiga, seu avô trabalhou na viação, fora um momento de bonança, conta sua mãe. Podiam ir ao centro mais de uma vez ao mês, e iam ao cinema da cidade. Hoje, parte da renda da família vem da viação, uma indenização, pois um dos membros da família foi morto pelo trem. A linha do trem divide o lugar onde mora, para baixo perto do morro, sua casa, para cima em direção ao centro, fica a casa de José, seu amigo da escola que tem vídeo game. O menino mora na ocupação, José mora na cidade.

Ao lado, muitas vezes, dos grandes condomínios, de prédios em construção e de suas representações de crescimento urbano, de desenvolvimento econômico, encontra-se uma história importante de ocupações irregulares desde a metade do século XX. Para Botega (2012)

Este processo se expandiu por toda a região periférica da cidade e, em 2002, contabilizava uma estrutura urbana em que mais de 60% do território se constituiu a partir de ocupações irregulares,

³⁴<http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/p/breve-historico.html>

sobretudo, nas regiões com maior número de habitantes. Mas, mesmo assim, este fenômeno não é sequer tratado nas discussões sobre o desenvolvimento da cidade (...) há outra Santa Maria que se construiu embaixo das lonas e a margem da sociedade (...) (p.91).³⁵

Uma cidade com a qual nos encontramos no cotidiano do trabalho do projeto é sem asfalto, sem acesso de fato à cultura e precário à educação, aos serviços de saúde e de assistência social, sem saneamento básico, sem iluminação pública e transporte. Onde a fossa em frente às casas alaga em todas as chuvas levando esgoto para dentro das mesmas casas, onde cachorros, galinhas, gatos, ratos e baratas convivem diariamente com os homens, disputando os alimentos e os abrigos. Segundo Ramos et. al. (2003), “observa-se um elevado índice de favelização devido ao crescimento de um cinturão de pobreza que engloba mais de 280 vilas periféricas em torno da cidade. São vilas formadas por ocupações irregulares, tais como as dos sem teto” (p.14)³⁶

É com o menino também que vamos navegando por outra força presente na cidade, a de cunho religioso, que já se presentifica em seu nome: SANTA MARIA. No horário oposto ao da escola, ele frequenta um projeto social desenvolvido por uma instituição religiosa. Nesta, sua mãe, realiza pequenos trabalhos de doméstica de onde retiram outra parte da renda familiar. Ganham eventualmente desta instituição, roupas, calçados, materiais escolares e de higiene, cesta básica. Foi neste lugar que o menino aprendeu a usar talheres e a falar.

Da catequese indígena ao fortalecimento do trabalho das irmãs Franciscanas no Hospital de Caridade de Santa Maria, o catolicismo imprime suas marcas, uma vez ao ano, por exemplo, ocorre a romaria como um dos principais eventos da cidade. Escolas e universidades, centros de saúde e asilos para diferentes populações, fundações sem fins lucrativos que coordenam boa parte dos serviços da rede sócio assistencial. De outro lado, temos alguns projetos sociais vinculados a centros espíritas e centros evangélicos variados. A religiosidade atravessa significativamente os elementos em jogo neste território pessoas, pobreza e ações consequentes. O que nos leva a sua presença

³⁵ Botega, L. R. *Urbanização e ocupações na formação da periferia de Santa Maria –RS na segunda metade do século XX*. IN: Ribeiro & Weber (org.). **Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara dos Vereadores, 2012.

³⁶ Ramos, N. et al, *Pesquisa e Diagnóstico sobre crianças e adolescentes em risco pessoal e social em Santa Maria: Construindo cidadania*. Relatório de Pesquisa. 2003.

marcante na história da assistência no Brasil que, durante muito tempo, esteve vinculada a estas instituições e pressupostos de cuidado.³⁷

Polifonias, transpassagens, signos diversos que contaminam, disparam, ressoam a malha delicada de acontecimentos possíveis expressos nos processos de subjetivação em curso no “caso” TOCCA.

Nas viagens pelas vozes da cidade, por intermédio do corpo-menino, nós vamos cartografando. Identificamos a série população – imigrantes – migrantes, afrodescendentes, indígenas; a série economia – agricultura – viação férrea - atividades do terceiro setor; série educação e cultura – clubes sociais brancos e negros – museus-escola de belas artes e ofícios- universidades – escolas para filhos de trabalhadores da viação – escolas públicas rurais. Série assistir – cuidar- amparar-dominar –formar-sujeitar. Já, entre estes esboços de desenhos, vemos circularem elementos que jogam um e outro termo em movimento e que implicam na construção de territórios existenciais diversos. A deriva por estes elementos em jogo nos serve para saber *com* a cidade e seus povos, estar com. Trata-se de pensar como cada um destes elementos vai agir e operar, se comportar nos agenciamentos decorrentes. Uma imagem vem à mente.

Vivemos um encontro no projeto, por exemplo, em que muitos destes universos se singularizaram em um corpo pequeno, negro, pobre e morador de um bairro de periferia. Sobreposições identitárias. Sua voz era grito pelos corredores da escola, na sala de aula, nos grupos conosco. Seu discurso em “ré maior” remetia sempre à cor da pele como algo que o aprisionava e o impedia de ser ouvido. Era preciso reinventar coordenadas de referência, outros possíveis. E fora, com a construção de um objeto referido à cultura negra que a pele negra pôde molecularizar-se em vida naquele menino. Sua pequenez virou sua força. A questão colocada não era referente a ser ou não negro, pertencer ou não a este grupo, mas, encontrar nestes universos de referência outros indícios, rastros de outros possíveis que pudessem agenciar-se de outros modos. Assim, operamos de um modo a tornar as vozes da cidade possíveis ao projeto, multiplicando-o em suas potências.

³⁷ Para Sposati et. al. (2010) “no caso brasileiro é possível afirmar, salvo exceções, que até 1930 a consciência possível em nosso país não apreendia a pobreza enquanto expressão da questão social. Quando esta se insinuava como questão para o Estado, era de imediato, enquadrada como caso de polícia e, tratada no interior de seus aparelhos repressivos. (...) a pobreza era tratada como disfunção social dos indivíduos. A competência cotidiana para cuidar de tal fenômeno era colocada para a rede de organismos de solidariedade social da sociedade civil, em especial àqueles organismos atrelados às igrejas de diferentes credos. O estado se insinuava nesta rede enquanto agente de apoio, um tanto obscuro, ou de fiscalização.” (p.41)

Tentamos, aqui, um exercício de desvencilharmo-nos das séries explicativas, das narrativas sensório-motoras. Deixarmo-nos ir para aquilo que inventa o mundo com o mundo.

A problemática que se acha então levantada é a de uma mudança de tipo de relação lógica. O ritornelo existencial desencadeia um efeito não discursivo, uma apreensão ontológica que não depende mais de uma lógica onde os conjuntos são qualificados de modo unívoco. A entidade intensiva é multívoca, diferentemente dos conjuntos discursivos coletados, de modo que se possa sempre saber, sem ambiguidade, se um de seus elementos bem determinados faz parte dela ou não. Existe, ao contrário, um tipo de transversalismo da intensidade, caracterizado por sua afirmação em diferentes escalas e um autopoietismo que fazem com que a entidade maquínica escape à lógica em que os conjuntos discursivos permanecem sempre enquadrados em coordenadas transcendentais. (Guattari, 1993, p.73)

E, neste sentido, perguntamo-nos como as múltiplas cidades aparecem neste ou naquele caso. Como atravessa suas vozes, a composição do território existencial do que nomeamos TOCCA?

34

Passeando com o menino pelo bairro onde mora, encontramos uma igreja, ele nos conta que ali vai aos domingos com sua mãe. No inverno tomam sopa com alguns vizinhos que também vão ao culto. As atividades de lazer de sua família também estão ligadas às propostas de passeio que o pastor propõe. O menino tem, ainda, a possibilidade destas no projeto social e na escola. À esta altura nossos corpos sensíveis estão em turbulência, afinal, a orientação religiosa da igreja é oposta radicalmente a do projeto social que frequenta durante a semana, o menino nos ensina a habitar um máximo de frequências.

38

Derivas. Fazer matilha.

O universo não funciona por filiação. Nós só dizemos, portanto, que os animais são matilhas e que as matilhas se formam se desenvolvem e se transformam por contágio. (Deleuze & Guattari, 1997, p.23)

³⁸ Não apenas o canto de um pássaro tem suas relações de contraponto, mas pode fazer contraponto com o canto de outras espécies, e pode, ele mesmo, imitar estes outros cantos, como se se tratasse de ocupar um máximo de frequências. [Deleuze, G. & Guattari, F. O que é a filosofia? São Paulo: Ed. 34, 2004, p.239.]

Acontece que nesta trajetória inventada do TOCCA há encontros conceituais possíveis e contágios necessários. Com o menino-cachorro, vamos escutar e contar narrativas sobre o “social”, já que este de algum modo se faz uma das constelações possíveis, vamos tentar desmanchar a totalidade que se engendra nesta palavra. E a complicação aumenta.

Uma das narrativas que nos apoiou nos primeiros passos traçados fora a de Robert Castel, especialmente, em seu livro *Metamorfoses da questão social*. Interessa-nos seu olhar naquilo que faz dizer modos de pensar, de falar e de viver o social que se engendram nestes discursos, e a própria constituição desta questão, o “social”. Para Castel (2010), o que chama de social - assistência definida pelas “formas de proteção mais próximas que resultam da domiciliação” (p.368) já ocorria na sociedade pré-industrial. Neste período, segundo o autor, no primeiro plano vemos traçarem-se as linhas da caridade cristã se movendo, principalmente, em prol daqueles inválidos ao trabalho, ao mesmo tempo em que surgem as instituições estatais e, as ações laicas voltadas a uma assistência aos pobres. Aponta para a constituição de diferenças nos modos de cuidar dos primeiros e daqueles cuja pobreza adviria da “preguiça”, da “falta de vontade de trabalhar”, tornando evidente, nestes últimos, as condições de aptidão ao trabalho.

35

Partindo da concepção de sociabilidade primária³⁹, apresenta a sociedade feudal com dois vetores que juntos permitem certa estabilidade na vida coletiva. Seriam eles: “as relações horizontais no seio da comunidade rural e as relações verticais da sujeição senhorial” (Castel, 2010, p.50). Denomina *redes de integração primária* a esse processo, entendendo que rupturas nestas, podem vir a produzir riscos ou efetivar situações de *desfiliação*. Entretanto, o autor localiza nas sociedades deste período, uma auto regulação que permite uma nova filiação com base nas relações de interdependência inscritas no território, assim como, observa já, a presença de indivíduos em situação de isolamento social quando os recursos destas redes não são suficientes. Neste sentido, aponta que a precariedade das condições de existência atravessa a todos, mas não se torna *questão social*⁴⁰.

³⁹“ Entendo por isso os sistemas de regras que ligam diretamente os membros de um grupo a partir de seu pertencimento familiar, da vizinhança, do trabalho e que tecem redes de interdependência sem a mediação de instituições específicas. (...) Formas estáveis de relações acompanham a realização dos principais papéis sociais na família, na vizinhança, no grupo etário e sexual, no lugar ocupado na divisão do trabalho, e permitem a transmissão das aprendizagens e a reprodução da existência social” (Castel, R. *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010.(p.48-9)

⁴⁰ Para Castel (2010) “A questão social é uma aporia fundamental sob a qual uma sociedade experimenta o enigma de sua coesão e tenta conjurar o risco de sua fratura. É um desafio que interroga, põe em questão a

A precariedade da existência faz parte da condição de todos e não rompe com o pertencimento comunitário. Tais sociedades dificilmente aceitam a novidade e a mobilidade, mas são eficazes contra a desfiliação. (...) É claro que já existem andarilhos e pessoas isoladas. (...) uma constante na paisagem. Mas estão foras da comunidade e áreas de vida ‘domesticada’ (organizadas como domus, como casas). (Castel, 2010, p.55)

Diferentemente dos andarilhos, a *figura do vagabundo* já aparece aqui, para o autor, como uma figura daquele que pertenceu à organização social e dela se desatrelou, o desfiliado. Sobre estes veremos incidir uma série de sanções punitivas e que tende a regulamentar sua situação no todo social.

De outro lado, vê-se que o “social - assistencial” aponta para novos, diferenciados e especializados tipos de intervenção. Aparecendo práticas e instituições sociais, tais como, hospitais, orfanatos e a distribuição organizada da ‘esmola’ que operam como mediadores de problemas na comunidade, com vistas a proteger e a integrá-la. O social-assistencial, assim, para Castel (2010), resultará de “uma intervenção da sociedade sobre si mesma, diferentemente das instituições que existem em nome da tradição e do costume.” (p.57) Práticas que deslocadas daquelas referentes às da integração primária, poderiam ser nomeadas como *sociabilidade secundária*.⁴¹ Em outro sentido, aparecem também núcleos de profissionalização futuras no setor social, a constituição de técnicas de trabalho que vão produzir as diferenças entre as ações dos membros da comunidade e as dos prestadores de assistência, a localização da assistência que transitará entre o domicílio e serviços que se constituem para tal fim, como os hospitais e, por último, os critérios de elegibilidade da população carente – o do pertencimento comunitário (domiciliação) e o da inaptidão para o trabalho.

De modo a desenhar as linhas dos critérios de elegibilidade, Castel nos leva à constituição de um saber-fazer oriundo das práticas e valores pregados pelo “cristianismo medieval”, que aponta diferenças na lida com a mendicância.

O pobre mais digno de mobilizar a caridade é o que exhibe em seu corpo a impotência e o sofrimento humanos. (...) O cristianismo medieval elaborou,

capacidade de uma sociedade (o que, em termos políticos, se chama uma nação) para existir como um conjunto ligado por relações de interdependência.” (p.30)

⁴¹ “sistemas relacionais deslocados em relação aos grupos de pertencimento familiar, de vizinhança, de trabalho. A partir desse desatrelamento vão se desenvolver montagens cada vez mais complexas que dão origem a estruturas de atendimento assistencial cada vez mais especializados.” (Castel, R. *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010.(p.57)

dessa maneira, uma versão fascinante, e única, da exaltação da pobreza baseada na consciência exacerbada da miséria do mundo. (...) Essa referência ao que se propôs chamar de *uma teoria da desvantagem* constitui uma coordenada básica de qualquer política de assistência. [Castel, 2010, p.68]

Assim, nos diz que o quase direito destes sujeitos em desvantagem passa a ser um direito de fato, em contrapartida, caberá a este, comprovar sua desgraça. Vemos, de certo modo, como no plano virtual, ainda se fazem escutar as linhas desta caridade cristã, uma moralização na compreensão do que seja pobreza, expressa em digna ou não digna.⁴²Em suas palavras,

A passagem da assistência a um estatuto de direito não chega a apagar totalmente o estigma vinculado à indigência. Também não consegue deslocar completamente, ou se preferir, a universalizar o direito: a outorga do direito ao socorro depende de uma perícia desenvolvida no plano local. [...] é necessário sublinhar o caráter extraordinariamente restritivo dos critérios a que os beneficiários desse direito devem responder. [Castel, 2010, p.368].

Além disso, o fato de serem atendidos por uma política de socorros pode fazer deles indigentes integrados, mas, não muda muito o equilíbrio do conjunto da sociedade. [Castel, 2010, p.370]. Deste modo, dirá que não é neste ponto que se exprime fortemente a “questão social” neste período, mas, na vulnerabilidade de massa vivida pelo operariado.

Lançados à própria sorte nos primeiros momentos da industrialização, de posse da “liberdade de trabalhar” transitavam entre propostas de emprego oferecendo sua “força de trabalho” e submetiam-se mais ou menos a condições extremamente precárias. A necessidade de fixar o operariado associada ao aumento de produtividade nas indústrias é o que promove a concessão de assistência pelos industriais, naquele momento, revertido em moradia, alguns cuidados médicos e o início de uma poupança administrada pelos donos dos estabelecimentos. De outro lado, ainda, surgem às iniciativas privadas de assistência, uma espécie de benfeitoria na forma de Sociedades

⁴² Não estariam neste ponto, também, ruídos do que se expressa hoje, em nossa Política Nacional de Assistência Social na forma de benefícios, já que o ‘Benefício de Prestação Continuada’ (BPC) dependerá da comprovação disciplinar – médica, jurídica, psicológica – da invalidez e o da ‘Bolsa Família’, da posse da carteira de trabalho e/ou o do Seguro Desemprego que depende de comprovação em carteira de seis meses de trabalho ao longo do ano, para serem concedidos?

de Socorros⁴³. Há toda uma construção de uma lógica que atribui ao sujeito individual à responsabilidade de prevenir-se contra “maus tempos” – doenças, invalidez, mortes, etc... “Não há responsabilidade coletiva diante das desgraças que constituem a condição geral de um povo.” (Castel, 2010, p.380) Ao mesmo tempo em que a acumulação de bens, que decorre do investimento no trabalho, permitiria, assim, uma mobilidade social. E, para tanto, era preciso “saber viver” em outra condição social, e nestas iniciativas aparecem reinventados os discursos e as práticas de moralização dos pobres.

Cabe, no entanto, ressaltar, que estamos no que Foucault, denomina de sociedade disciplinar, e que discursos e práticas coadunam em um investimento sobre os corpos, desencadeando modos de sujeição e processos de subjetivação decorrentes destes não somente aos “pobres”. Em contrapartida, a fragilidade de tal condição do operariado pode vir a lançar velozmente o sujeito em uma condição de desfiliação⁴⁴, fora dos meios de produção e das relações de proteção social. É com o seguro obrigatório, que o Estado Social, se volta, então, àqueles que correm o risco de precisar da assistência. Aos que estão nas posições superiores o seguro se faria pela posse de bens e pela “propriedade privada”.

Retomamos aqui, portanto, a proposta de Foucault, com relação à construção de uma “cultura do perigo”, e vemos as condições de emergência do “medo da desfiliação”. Simultaneamente, parece fazer retornar o trabalho como cerne, como organizador da vida cotidiana, instaurador de processos de subjetivação na modernidade e que atravessam a vida contemporânea diferentemente, que se referem, grosso modo, a linhas de uma acepção moral – a trabalhar faz “bem a alma”, a linhas de uma acepção econômica – trabalhar, produz vendedores e compradores nesta lógica liberal/neoliberal.

A questão da seguridade, tal como foi posta neste período, apresenta, para Castel, o cerne de uma problemática vislumbrada entre Trabalho, Seguridade e Propriedade,

⁴³ Se de um lado tais sociedades respondiam as iniciativas filantrópicas de moralização dos pobres e do patronato de fixar a mão de obra, de outro elas permitiram uma relação de horizontalidade entre seus membros, que escapava do “governo dos melhores”. “ a mutualidade propõe um modo d existência do coletivo que não é cimentado pela dependência hierárquica. [...] é o princípio da solidariedade que une os membros (...) É possível, (...) que os mantenedores de uma ordem tutelar tenham criado uma serpente em seu seio” (castel, 2010, p.374)

⁴⁴ Para o autor há uma correlação entre “o lugar ocupado na divisão social do trabalho e a participação nas redes de sociabilidade e nos sistemas de proteção que ‘cobrem’ um indivíduo diante dos acasos da existência” (Castel, 2010, p.24).

presente no início do século XX. Onde, para o autor, afirma-se a *sociedade salarial moderna*⁴⁵.

Trata-se realmente de uma mudança de registro. A seguridade social procede de uma espécie de transferência de propriedade pela mediação do trabalho e pela égide do Estado. Seguridade e trabalho vão tornar-se substancialmente ligados porque, numa sociedade que se reorganiza em torno da condição de assalariado, é o estatuto conferido ao trabalho que produz o homólogo moderno das proteções tradicionalmente asseguradas pela propriedade. [Castel, 2010, p.387].

Vemos, aqui, que a resposta ao perigo se expressa como um problema da segurança colocado, na forma de um seguro – que protegeria os sujeitos das eventualidades da vida, tais como acidentes no trabalho, mortes, invalidez permanente, dentre outros. Segurança, em vários níveis de complexidade, do trabalhador para consigo perante o medo da desfiliação, do patronato em relação à perda de produtividade, da economia diante da diminuição da produção de bens e de seu consumo interno e externo, do governo com a iminência de crises econômicas e guerrilhas internas entre os grupos sociais, por exemplo.

A questão que se mostra na atualidade, decorre, no entanto, para Castel (2010) de uma falência neste sistema que encontrou seu ápice com a modernidade e a centralidade do trabalho assalariado como aquilo que permitia a entrada no circuito das relações e trocas sociais. Tendo ocorrido uma passagem importante na condição de assalariado, na metade do século XX⁴⁶, passando da falta de valor ao “estatuto de principal fonte de renda e proteções” (Castel, 2006, p.28).

Mas é exatamente no momento em que os atributos vinculados ao trabalho para caracterizar o status que situa e classifica um indivíduo na sociedade pareciam ter se imposto definitivamente, em detrimento de outros suportes (...) como o pertencimento familiar ou

⁴⁵“ uma sociedade em que a identidade social se baseia no trabalho assalariado mais do que na propriedade.” (Castel,2010, p.386)

⁴⁶Trata-se, aqui, do que ele chama de passagem entre a sociedade industrial para a “sociedade salarial”, “que se efetua nos principais países da Europa Ocidental a partir do fim da Segunda Guerra Mundial até meados da década de 70” Castel, R. *Classes sociais, Desigualdades Sociais, Exclusão Social*. IN: Balsa, C; Bonetti, L.W.; Soulet, MH.[org] *Conceitos e Dimensões da pobreza e da exclusão social – Uma abordagem transnacional*. Ijuí, ed. UNIJUI, 2006. (P.66)

a inscrição numa comunidade concreta, que essa centralidade do trabalho é brutalmente recolocada em questão. (Castel, 2010, p.496)

E, neste sentido, seria importante analisar as relações entre a precariedade econômica e a instabilidade social. Assim, o autor aponta três zonas principais de mobilidade social, pelas quais, se evidenciaria esta dinâmica entre os dois termos. São elas, a *zona de integração* – trabalho estável e boa inserção relacional-, a *zona de vulnerabilidade* – intermediária e que conjuga a precariedade no trabalho com a fragilidade das relações de suporte, e por último, a *zona de desfiliação*, onde se unem a ausência de atividade produtiva e o isolamento social. [Castel, 2010]. Há, para ele, mobilidade entre estas três esferas de pertencimento social, podendo o mesmo sujeito transitar por entre elas em diferentes momentos da vida.

Com Castel adentramos a trama complicada do “social”, nascido das necessidades da sociedade moderna, mas sentimos a necessidade de contaminar sua leitura com a de Foucault e Deleuze. Já que o modo pelo qual nos utilizamos de Castel, seus conceitos e as ressonâncias destes na constituição de um modo de exercer a terapia ocupacional voltaram, muito mais, a fortalecer uma identidade de “social” ao TOCCA do que a problematiza-lo de fato.

40

Contudo, o período em que estivemos a estudá-lo, nossas ações se ampliaram e se fortaleceram com ações ligadas a um dos serviços da rede de proteção social básica por meio da *busca ativa*⁴⁷, cadastravam-se as famílias e mapeava-se a condição social, inclusive para acompanhar a distribuição e a inserção no programa “Bolsa família”. Produzimos grupos de convivência permeados pela atividade lúdica e oficinas com recursos das artes cênicas – especialmente o teatro, e o levantamento da rede sócio assistencial do território, mapeando as entidades e convidando-as para participarem das reuniões de rede no serviço. Inseridos no campo da proteção social básica⁴⁸, iniciamos nossos trajetos para conhecer como vivem e de que modo os sujeitos para compreender, assim, a situação de vulnerabilidade/ isolamento social em que se encontravam. Partimos da compreensão do autor a este respeito e olhávamos as

⁴⁷ Estratégia presente na Política Nacional de Assistência social como ação a ser desenvolvida pelos equipamentos de proteção básica de modo que possam cuidar do território onde se encontram, assim como, estabelecer e fortalecer vínculos comunitários e prioridades na atenção.

⁴⁸ “A proteção social básica tem como objetivos prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.” (BRASIL, PNAS, 2004, p.27)

condições das redes relacionais – vinculares, e os modos de produção de bens materiais – trabalho.

As caminhadas pelos terrenos e seus relevos nos apresentavam diferentes situações, que iam da vulnerabilidade ao isolamento social, seguíamos a ficha de cadastro do serviço e a cada semana atravessávamos as ruelas da comunidade. Entretanto, o processo de vinculação não ocorria, a demanda do cadastramento, as entradas e saídas de diferentes casas, os impedimentos concretos – chuva, sol intenso, conflitos com a polícia e entre os moradores – impediam ou dificultavam a volta a algumas casas e a situações de extrema fragilização. As muitas anotações viravam discussões e, posteriormente, ganhavam cores no arquivo. Páginas e mais páginas escritas e arquivadas, desenhavam realidades distintas. As discussões ficavam na ordem dos procedimentos, e pouca ou nenhuma elaboração – compreensão dos processos de produção disto ou daquilo ocorria.

Todo o processo enredava-nos em um sentimento de impotência, de impossibilidade, a comunidade e suas problemáticas eram olhadas como grandes feridas a céu aberto. Percebíamos a produção daquela realidade - as dificuldades que enfrentavam os sujeitos ali - e pouco ou nada conseguíamos produzir de novo, repetíamos infinitamente a vontade de nada, ficávamos cansados. Era preciso esgotar todo o possível, aumentar a potência de combinar, era preciso entrar em relação, aumentar nosso poder de afetar e de ser afetado.⁴⁹

De outro lado, estavam as ações na instituição espírita, que é parte da rede sócio assistencial, e que atendia os sujeitos que moravam em uma das pontas da grande comunidade que estávamos a visitar – ocupação. Neste lugar, realizávamos grupos de convivência com a atividade lúdica e uma oficina de contação de histórias⁵⁰. As crianças e as estudantes iam e vinham, e o trabalho produziu efeitos variados. Vivíamos a entrada e a saída das crianças da oficina de modo bastante precário, conhecíamos pouco sua realidade para além do que exprimiam naquele espaço.

Fora um momento difícil em que conhecemos o dia a dia das pessoas, das comunidades nas ocupações, dos líderes comunitários e associações de bairro. Visitamos as casas e

⁴⁹ “A combinatória é a arte ou a ciência de esgotar o possível, por disjunções inclusivas. Mas apenas o esgotado pode esgotar o possível, uma vez que renunciou a toda a necessidade, preferência, finalidade ou significação. (...) O que conta para ele é em qual ordem fazer aquilo que deve ser feito, e segundo quais combinações fazer duas coisas ao mesmo tempo, quando ainda tiver necessidade, por nada.” (Deleuze, 2010, P. 3-4)

⁵⁰ Este dispositivo ganhara maior detalhamento em outro trecho do trabalho.

nos deparamos com a “miséria”. Víamos apenas isso, um conceito hegemônico sobreposto a uma cena, cheia de detalhes, que os nossos olhos, ouvidos, narizes não eram capazes de captar. O cruzamento dos clichês – pobreza, pobre, miserável, marginal, violento, bagunceiro, baderneiro, vagabundo (...) palavras e mais palavras-imagens que colavam rapidamente nas descrições sensório-motoras das cenas vividas. E, por outro lado, as respostas a estas situações que vinham em tom policialesco, de vigilância, controle e/ou salvacionista, de superação, de revolta, de engajamento em movimentos sociais diversos.

Observamos, aqui, que o modo como concebíamos os sujeitos interferia em nossa relação com eles diretamente, parecíamos estar em um sintoma esquizo, fragmentos de teorias diversas eram utilizadas sem costura alguma, como pedaços de mundo que nos inundam e com eles fabricamos totalizações diversas, sem conseguir fabricar um sentido com estes fragmentos, perdíamos-nos neles. Nunca era suficiente. Nunca era possível. Tudo era possível. Nada era possível, simultaneamente. Paralisia. Cansávamos das escolhas exclusivas, aquele estava bem, aquele outro não. Aquele é vulnerável, aquele outro não tanto. Com alguma crítica, cadastramos, anotamos histórias. Sentíamos uma necessidade de saber das pessoas, quem eram elas, como viviam como lutavam e inventavam estratégias de sobrevivência, como enfrentavam os sentidos da infâmia ou não, como se aliavam e alienavam ou não. Mas a questão talvez estivesse em fabricar uma dessemelhança, fabricar a diferença, estar em relação com a diferença. Parece-nos que a questão precisava deslocar-se da tentativa de explicar os “fenômenos da desigualdade social”, para o acompanhamento de processos de subjetivação que se dão deste e daquele modo, sempre diferentes e que, por vezes, mostram-nos modos de resistir àquilo que retira a vida de sua processualidade própria. Neste ponto, buscamos acompanhar Deleuze e Guattari quando afirmam, tudo são processos de produção e em algum ponto, se inventa o novo.

Se em um primeiro momento, a narrativa de Castel nos pareceu explicar a complicação onde estávamos, nos munir de recursos para enfrentar o campo empírico do projeto, no processo de feitura deste estudo observamos pontos de estrangulamento nesta relação e optamos por contaminá-lo com outras referências. Reencontramo-nos com seus conceitos observando o que movimentaram em nós ou não, o que sustentou o susto (paralisia diante da alteridade) ou o colocou em andamento no sentido da criação de outros universos de referência ao TOCCA.

Voltávamos mais uma vez, o que observamos em nossas anotações, a buscar pelas histórias das pessoas, das instituições de assistência social, dos bairros com os quais nos encontrávamos, em fim, um conhecimento qualquer que nos salvasse da imensidão do mar. Estávamos à deriva, aprisionados em um devir-louco, o que reverberava em uma sensação de impotência frequentemente relatada nas reuniões de equipe. E, foi no entremeio de linhas que compõem as muitas histórias lidas, ouvidas, relatadas, discutidas da cidade, das pessoas, da assistência social, da terapia ocupacional, entre outras, que algo começou a se desenhar como expressão. Encarnava-se a dor, a desilusão com uma ideia de coletivo, de juntamento, de comunidade, a compreensão das linhas de abolição que se ligavam aos trajetos de sobrevivência encontrados em efetuação nos corpos, o problema da vulnerabilidade que não representava abertura, mas rigidez, a morte.

Encarnava-se o silêncio e o vazio. “Ainda assim, do despertar das paixões tristes, é preciso compor um ímpeto, sonhar um silêncio-e-som, ponte precária e fugaz que encontre/invente o ser, estabeleça sua continuidade vital.” (LIMA, ARAGON, 2010, p.134).

Neste ponto, cabe destacar que o processo de produção do TOCCA conta com a singularidade de um projeto de ensino, pesquisa e extensão, que nos mobiliza a cada semestre, por exemplo, a contar a história. Estabelecer pontos de começo, sempre novos. A cada vez com cada grupo de estudantes observamos de que maneira o TOCCA se efetua no estado de coisas, e nos reencontramos com aquilo que o agita e nos faz inventar novos rumos. Tal condição tem nos levado, impulsionados pela pesquisa, a analisar as linhas de composição do projeto, lançando luz à sua plasticidade em ganhar novos contornos.

Em seu livro, *Cartografias do desejo*, Guattari (1996) nos relata acerca de sua relação com Jean Oury e, dentre outros, de uma de suas intervenções. “Diversas vezes eu tinha lhe explicado, detalhadamente, minhas crises de angústia, sem que isso parecesse comovê-lo. Até o dia em que ele me deu esta resposta de tipo zen: isso te acontece à noite, antes de adormecer? De que lado você dorme? O direito? Bom, então é só você virar de lado! (p.223)”. Guattari, com isso, nos fala desta delicadeza de intervenção que aponta para outras referências possíveis, uma não interpretação, mas uma mudança de posição. A análise, às vezes, é isso: basta virar. (p.223)

Deste modo, colocamo-nos a observar que nosso primeiro movimento com os conceitos encontrados em Castel e, posteriormente, em Foucault foi o de operar um

“pensamento-etiqueta”. Localizando na experiência o que se encaixaria ou não no conceito, buscando explicações que de algum modo tamponassem a angústia, mobilizadas no encontro, um encontro que desterritorializa. Em meio à caótica das sensações, os conceitos funcionaram como botes salva vidas, mas, acontece que o bote não tem motor, e ficamos parados, engolidos pelo mar aberto. O próprio pensamento quando opera deste modo, “etiquetando”, deixa escapar-lhe ou aprisiona a potência do que acontece, interpretando a cena como algo que lhe é transcendente. Aplacando sua imane vulnerabilidade. Funcionamento biopolítico. Modelização do pensamento. “E modelos não criam”, nos aponta Machado, “não nos fazem pensar e, sim, aderir. (p.26)”.

A tensão, no entanto, permanecia no devir cachorro do menino, que nos lançava na multidão de modos de viver, de transitar, de encarnar o que este caldo social, biopolítico, assistencial produzia. Aos poucos, vimos nos propondo, por meio deste trabalho, a virar etiquetas (identidades, totalizações de sentidos e significados em conceitos únicos, etc.) em pensamento (multiplicidades, agenciamentos).

Notamos que pobre, vagabundo, marginal é um nome que se convencionou dar a certos rastros de vida em oposição a um modelo dominante em cada momento histórico, o que podemos habitar com Castel talvez seja a plasticidade destas categorias, a sua condição histórica, que pode vir a ser redesenhada. Diz-nos, “seria necessário, de preferência, tentar repensar as noções de classes ou de coletivos sociais e de desigualdades sociais, em sua configuração, também ela atual.” (Castel, 2006, p.76) ⁵¹. Suas zonas de turbulência lançam todos estes atores do social em movimentos possíveis, ainda que gregários a uma ideia de classe social.⁵² Interessa-nos, pois, nestes discursos acerca da produção da questão social, a figura do pobre nas diferentes modulações do capitalismo, os rastros de uma assistência social que se desdobra destas configurações, outra assistência que traz acoplada a esta de cunho moralizador que se engendra a um sentimento de piedade em relação ao outro, uma localização da diferença por oposição a um modelo de normal e/ou de riqueza, assim como, os discursos que distribuem a assistência, que a destinam

⁵¹ Castel, R. *Classes sociais, Desigualdades Sociais, Exclusão Social*. IN: Soulet M, e t. al. (org) **conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social**. Lisboa/Brasil: Unijui editora & Ceos, 2006.

⁵² Apesar de Castel vir a problematizar esta noção de classe social, contextualizando-a em um modo sociológico de conceber datado da década de 70 do sec. XX, o autor também propoe que na atualidade apesar das desigualdades se agravarem e pesarem “de uma forma cada vez mais impiedosa sobre os indivíduos” (2006. P.75), a existência de um destino social sofrido por um significativo contingente de pessoas, ao que ele pensa se parecer muito com um “destino de classe”. “Esses grupos, muitas vezes de origem popular, correm o risco de permanecerem presos a uma condição no limite da pobreza, não sendo muito bem vindos socialmente, expostos aos riscos da insegurança social e sofrendo a dominação de grupos mais bem posicionados” (ibidem, p.75).

a este ou aquele grupo usando o crivo de uma noção de capacidade e de incapacidade. Nuvens de virtualidades que se expressarão neste ou naquele encontro diferentemente, e constituem parte das máquinas abstratas que se exprimem nas ações neste campo de sentidos e significados pelo qual nos vemos atravessados.

Concordamos com Foucault, lido por Deleuze (1988) que “cada formação histórica vê e faz ver tudo o que pode, em função de suas condições de visibilidade, assim como diz tudo o que pode, em função de suas condições de enunciado.” (p.68). Estamos no que ele define como Saber (ver e dizer), mas temos de outro lado, o Poder⁵³ e seus diagramas (relações de forças) sempre mutáveis que se estabilizam nesta ou naquela formação social. Pensar o “social” sob estes aspectos parece nos deslocar de uma sequência histórica linear que levaria a esta ou aquela condição de vida, de distribuição de riquezas, de produção intelectual e de sociabilidades diversas, dentre outros, nos fazendo observar as passagens, os intervalos, os entremeios que constituem esta ou aquela possibilidade de existência social, grupos, sujeitos, instituições como estabilizações metaestáveis⁵⁴ de um processo sempre em curso.

Quando da leitura de Castel (2010), ainda, incomodou-nos o pensamento a figura do vagabundo, tal e qual ele a desenha, especialmente, como personagem presente antes da revolução industrial. Aquele que figura as bordas, que encarna o fora, mas, constitui para si outro modo de vida. Vimos, ali, uma resistência. Ao mesmo tempo em que a mesma figura, ao longo da história, vai conjurar toda sorte de maus dizeres, e atualizar-se diferentemente na figura do “marginal”, muitas vezes, constelando aquele que vai contra, que age por reação e não por afirmação⁵⁵. Gostamos da provocação de Hélio Oiticica, em sua obra em homenagem ao “cara de cavalo”, com seus dizeres: “seja marginal, seja herói”. Trata-se aqui, não de enaltecer esta ou aquela figura, mas de perscrutar o que ela aponta de possíveis a outros modos de viver para além daqueles dominantes, o que ela aponta de uma vida menor. Que em sua molecurarização, ousa dizer, como Baterbly, “eu preferiria não”.⁵⁶

⁵³“ as relações de poder são relações diferenciais que determinam singularidades (afetos). A atualização que as estabiliza, que as estratifica, é uma integração: operação que consiste em traçar “uma linha de força geral”, em concatenar as singularidades, alinhá-las, homogeneizá-las (...)”. (Deleuze, 1988, p.83)

⁵⁴ Referência a Gilbert Simondon.

⁵⁵ Referência a diferença entre reagir e resistir, este último colocado na esteira da afirmação. Seguimos Deleuze em sua leitura de Nietzsche: “porque existem duas espécies de sofrimentos e de sofredores. Aqueles que sofrem da superabundância de vida fazem do sofrimento uma afirmação (...) aqueles que sofrem de um empobrecimento de vida (...) fazem do sofrimento um meio de acusar a vida, de contradizê-la (...)”. (Deleuze, 2001, p.26-7).

⁵⁶ Melville, H. **Baterbly – o escritor**. São Paulo: Cosac & Naif, 2008.

Optar pelas vidas menores, talvez seja um modo de podermos inventar uma saída no meio daquilo que seriam as molares desigualdades, retomamos aqui a questão apresentada anteriormente, buscando nuances outras na paisagem das zonas de turbulência social. Se puder olhar para o social de modo horizontal, observando a turbulência como aquilo que lhe transpassa com os diferenciais, fazendo escapar o social a si mesmo, talvez possa encontrar onde a vida se faz obra de arte. Onde a vida inventa suas coordenadas no momento em que se desenha no mundo, em meio aos jogos de força, por necessidade de se exprimir um vivo. Um vivo, que “mostrar-se-ia como um ovo daquele próprio mar que o produziu”. (Fonseca, 2010, p.28). O mar também um ovo, um meio em individuação permanente⁵⁷.

Diante disso, foram precisos outros operadores conceituais que nos ajudassem a pensar no social como esse mar, e nas marés deste contemporâneo mundo que habitamos, com todos estes personagens que vimos visitando. Assim, precisamos entrar na biopolítica.

Recuperamos, aqui, a indicação de Deleuze (1996 apud Gallo 2010) acerca de nossa contemporaneidade e dos processos biopolíticos que se engendram naquilo que nomeia, no rastro de Foucault, como “sociedade de controle”. Diz ele, “não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.” (p.104). Para tanto, seguimos Pelbart (2013), em uma palestra acerca do pensamento de Gilbert Simondon,⁵⁸ quando se pergunta: quanto de potencial tem um homem para ir o mais longe dele mesmo?

Outras derivas, outras contaminações.

Com Foucault, Agamben e Deleuze e a biopolítica.

Concordamos com Machado e Lavrador (2009) ao dizerem que

O sofrimento é da ordem do desejo. Não se trata de carência e nem de excesso. Sofre-se porque se vive e viver nos convoca à ampliação das formas postas ao nos defrontarmos com imprevisibilidades nas

⁵⁷ “por consequência, unicamente a individuação, enquanto operação do ser completo, e considerada como ontogenética. A individuação deve, então, ser considerada como resolução parcial e relativa, que se manifesta em um sistema contendo potenciais e encerrando certa incompatibilidade em relação a si próprio, incompatibilidade feita tanto de forças de tensão quanto de impossibilidade de uma interação entre termos extremos das dimensões.” (Simondon, G. A gênese do indivíduo. IN: Reencantamento do concreto, cadernos de subjetividade, PUCSP, 2003.)

⁵⁸Pelbart, Peter Pál. Palestra – Encontro Simondon. Mesa 3 Individuações.(1 de 4)in:<http://www.youtube.com/watch?v=z7cPEggag0>. Acesso em 10/12/2013.

nossas relações no mundo. Sofre-se porque se experimenta uma perturbação que nos convoca à atividade. Contudo essa atividade diz respeito a um movimento que não distingue andar ou estar parado. Pode-se estar sentado e, entretanto, estar em meio a um turbilhão de processos em curso. Sofrer é experimentar algo diferente que perturba que incomoda porque convoca uma ressignificação relacional, que nos faz sair de um ‘ensimesmamento’, de uma clausura das verdades postas. (p.516) ⁵⁹

No segundo ano de trabalho do TOCCA⁶⁰ executávamos uma oficina de contação de histórias, três grupos de convivência voltados às crianças, a busca ativa junto ao CRAS e idas às reuniões do Conselho Municipal de Assistência Social. Deste período, chama-nos a atenção o encontro com os “supranumerários⁶¹” e com modos de subjetivar-limites para nós. Habitamos uma espécie, de dia nublado, um meio entre o dia e a noite, a morte e a vida. Perambulamos, encontramos com a figura extrema de Agamben (retirada dos testemunhos de Primo Levi⁶²), a do mulçumano.⁶³ Não aquele personagem dos campos de concentração, mas, como na proposta do filósofo, a figura que compõe parte dos processos de subjetivação contemporânea, que atravessa a todos nós. Sentimo-nos assustados, culpados, responsabilizados pela produção de mundos em que fosse possível atualizar tamanha violência. E, neste primeiro momento, estávamos tomados pelas figuras do holocausto quase as mimetizando no contemporâneo, numa

⁵⁹ Machado, L.; Lavrador, M C C. Por uma clínica da expansão da vida. In: **Interface – comunicação, saúde, educação**. V.13, supl.1,p.515-21, 2009.

⁶⁰ A referência cronológica ao tempo deve guardar alguns cuidados, se a colocamos assim é para nos ajudar a organizar os afectos e torna-los motores do pensamento, mas também, para ajudar a escrita a ter algum encadeamento. Entretanto, tentamos captar em nossas narrativas, dos lençóis do tempo, seus momentos de relâmpagos, seus clarões, tal aspecto de um tempo intensivo que não corre como o relógio. Os leitores observarão que algumas situações vêm e vão, como que atravessando as linhas do tempo cronológico já que nos mobilizam e vivem em nós intensivamente.

⁶¹ Referência ao modo como Castel (2010) define criticamente os sujeitos que na passagem da sociedade moderna para a contemporânea começam a ocupar o lugar dos desfiliaados. Para o autor, “os “supranumerários” nem sequer são explorados, pois, para isso, é preciso possuir competências conversíveis em valores sociais. **São supérfluos**. Também é difícil ver como poderiam representar uma força de pressão, um potencial de luta, se não atuam diretamente sobre nenhum setor nevrálgico da vida social. Assim, inauguram sem dúvida uma problemática teórica e prática nova. Se, no sentido próprio do termo, não são mais atores porque não fazem nada de socialmente útil, **como poderiam existir** socialmente? No sentido, é claro, de que existir socialmente equivaleria a ter, efetivamente, um lugar na sociedade. Porque, ao mesmo tempo, eles estão bem presentes – e isso é o problema, pois são numerosos demais”. (Castel, 2010, p.33)

⁶² LEVI, P. **Afogados e sobreviventes**. São Paulo: editora Paz e Terra, 2004.

⁶³ Entendo-o, aqui, como um personagem conceitual de Giorgio Agamben, retirado de sua relação direta com o campo empírico, carrega traços de uma vida humana – inumana, da vida nua tornada o investimento maior do biopoder. A violência que curva o corpo e impõe uma sobrevida, já que é no próprio processo de produção da vida que incidem as estratégias de controle da biopolítica contemporânea.

adesão um tanto exagerada e, em parte, equivocada das análises de Agamben.⁶⁴ O que, a nosso ver, reverbera parte do sintoma contemporâneo que efetuávamos no projeto. Uma vontade de nada. Um sintoma que aparece nos modos de expressão do projeto. “Não acreditando mais no possível, perdemos o gosto e a vontade de realizá-lo: eis nosso cansaço e nosso tédio. Mas se perdemos a fé, é porque nossos esquemas sensório-motores nos aparecem, agora, como são – como clichês.” (Zourabichvili, 2000, p.349).

Como citado anteriormente, o projeto sofrera alterações na composição de seus dispositivos e iniciamos uma ação juntamente com a equipe do CRAS – Centro de Referência em Assistência Social da região em que atuávamos. Estávamos movidos pela necessidade de conhecer os lugares de vida das pessoas que já acompanhávamos e acreditávamos, naquele momento, com isso, ter elementos para “decifrarmos” algumas situações, histórias, dificuldades e/ou facilidades que observávamos nos atendimentos da oficina e grupos de convivência. Neste tempo, referidos a um modelo de intervenção que pressupõe um reconhecimento das necessidades sociais para a construção de estratégias de ação em terapia ocupacional, “mais adequadas às reais demandas” da população a ser atendida, seguíamos a equipe de assistentes sociais nas buscas ativas.

Corremos o risco de homogeneizar a população sobre o nome de “excluídos”, “vulneráveis”, “desempregados”, dentre outros, e de agir com base nestes termos, e tangenciamos, ocupamos e desocupamos este lugar molar, muitas vezes. O que nos auxiliava a manter um olhar mais atento a alguma variação, era a elaboração do trabalho de pesquisa e já a concordância com uma posição crítica dentro da terapia ocupacional, que buscava compreender os sentidos e significados que os sujeitos e os grupos sociais atribuíam à sua condição de vida e atividades diversas. Tínhamos algumas pistas que nos levavam às singularidades. Ainda assim, estávamos no campo das identidades múltiplas, dos binômios eu-outro, eu-coletivo, e de certa maneira, do controle⁶⁵. Já que pairava sobre nós referências a modelos de subjetivação hegemônicos, assim como, a construção de dispositivos de cuidado que tendiam mais ao controle do que dar a ver e dizer àquilo que lhe escapava.

Acontece que quando falamos em terapêuticas ocupacionais, estamos dizendo de um emaranhado de linhas de um campo problemático que lida com o “fazer humano”, com

⁶⁴ Pelbart (2013) aponta um cuidado necessário e uma desconfiança com a leitura de alguns autores que lhe parecem adotar “uma atitude de demonização do contemporâneo, não raro apoiados em uma indignação ‘politicamente correta’ e em um humanismo duvidoso, para não dizer regressivo (p.17).”

⁶⁵ Refiro-me aos diagramas de poder presentes hoje, neste emaranhado biopolítico contemporâneo, que como aponta Deleuze, constitui as sociedades de controle. O que será trabalhado mais adiante.

o modo como as pessoas conduzem, comunicam, agem, significam, sentem, produzem a vida, tomada aqui em sua esfera prática do cotidiano. E, de muitos modos de conceber estes elementos em jogo. Ainda, aqui, a tensão que aparece é comum a outras esferas das ciências humanas, na perspectiva que adotamos, a saber, se fixar em uma produção de verdade, em um cientificismo que procura anular as forças caóticas, ou acolhê-las como parte daquilo que enuncia verdades a cada vez e as faz deslocar. Cabe destacar que não é questão deste estudo se voltar a analisar ou combater modos de fazer terapia ocupacional, muito menos, buscar qualquer totalização, construção de modelo, etc. Algumas vezes, fazemos menção a modos de agir e de pensar em terapia ocupacional, seguindo pistas de seus enunciados e visibilidades, buscando inflexões para este estudo. O que se dispõe é desertar a verdade única em favor da afirmação da variação de modos que alimentem a clínica, afirme a vida, a prática social a cada vez. Sair da tristeza e do cansaço.⁶⁶

Encontramo-nos em nosso cotidiano de trabalho com o desafio de, a cada vez, construirmos modos de agir e de cuidar que fortaleçam os processos de produção da vida. Deleuze (1968), em sua leitura de Espinoza, nos apresenta os três gêneros do conhecimento desenvolvidos por este filósofo como também sendo “maneiras de viver, modos de existência” (p.267). Neste sentido, quando tratamos de produção de vida, nos referimos a um esforço “para termos proporcionalmente mais paixões alegres que tristezas, mais alegrias ativas do segundo gênero que paixões, e o maior número possível de alegrias do terceiro gênero.” (Deleuze, 1968, p.289). Esta leitura tem nos auxiliado a pensar na perspectiva ética da feitura de nosso trabalho, nos encontros vividos, onde a ação – expressa no corpo, nas atividades e nos dizeres de alguém – produz o ente ao mesmo tempo em que complica a Natureza inteira.

Nas palavras de Orlandi (2008) em um texto em que estuda estes autores, talvez consigamos um pouco mais de acesso a este pensamento,

A variação contínua, isto é, a variação da nossa “força de existir” ou da nossa “potência de agir”, é variação da própria trajetória da vida. E essa trajetória não é homogênea. Isto quer dizer que o estofado da variação contínua é feito de encontros, de encontros mil, com o

⁶⁶ “O cansaço faz parte da dialética do trabalho e da produção: descansa-se para se retomar a atividade. O cansaço advém quando realizamos os possíveis que nos habitavam, escolhendo, obedecendo a certos objetivos mais do que outros, realizando certos projetos, seguindo preferências claras.” (Pelbart, 2013, p.39)

alimento, com os ares saudáveis, com a poluição, com entes amáveis e odiáveis etc. Em função de encontros extensivos e intensivos, encontros que se misturam nessa variação contínua, é que Deleuze procura ver o aparecimento de “uma pequena alegria”. Quando uma alegria, mesmo pequena, irrompe nessa variação, ela opera no sentido de “nos precipitar num mundo de idéias concretas” em luta contra os “affectos tristes”. Pois bem, Deleuze vê nisso um acontecimento. Por quê? Porque a mesma alegria partícipe da variação contínua pode, por intensificação, “nos impulsionar de alguma maneira para fora” das linhas extensivas “dessa variação”. Somos lançados numa virtualidade. Somos levados a “conquistar”, diz Deleuze, certa “potencialidade de uma noção comum”, vale dizer, ganhamos acesso a relações que se compõem concretamente com relações que nos são constitutivas. Nesses entre-tempos, é como se um tempo aiônico, intensivo, saltasse da variação contínua do tempo cronológico extensivo. (p.5)⁶⁷

Se de um lado estão as expressões tornadas atos, pessoas, objetos, sentidos, de outro, estão as agitações das formas, seu fora mesmo, o caos da vida que não se resume a este ou aquele nome disso ou aquilo, mas à sua própria condição de invenção. E, é em meio a estes cruzamentos de linhas de segmentação e de criação é que poderíamos encontrar saídas para as durezas e, alguns modos de concretizar algumas levezas nos dispositivos de atenção. A questão que retorna, no entanto, é o que pode o dispositivo, o corpo terapeuta, o projeto TOCCA a cada encontro?

Nas palavras de Deleuze (2005), leitor de Foucault, a questão não é procurar pelo que estaria oculto nos enunciados de cada época, ou mesmo por trás das coisas, mas ao contrário, se perguntar pelos regimes de forças que favorecem esta enunciação e que constituem condições de possibilidades que fazem ver algo.⁶⁸ Tentamos cartografar as condições que favorecem nossa adesão rápida a nomes-etiquetas para a identificação dos sujeitos a serem cuidados, certa compaixão, piedade até, que se engendra com estes, e que nos fazem combatentes movidos pelo ódio àqueles que excluem, nos lançando em paixões tristes e em sensações de impotência, em uma vontade de

⁶⁷ Orlandi, L. B. Anotações para palestra no IX Simpósio Internacional de Filosofia: Nietzsche/Deleuze: “A inocência do devir / O devir criança do pensamento”, organizado por Daniel Lins, Fortaleza 7-11 de setembro de 2008.

⁶⁸ “ (...) Falar e ver, ou melhor, os enunciados e as visibilidades, são elementos puros, condições a priori sob as quais todas as ideias se formulam num momento e comportamentos se manifestam.” (Deleuze, 2005, p.68-9).

nada.⁶⁹ Estivemos cansados, nada avançava, e nos parece que estas sensações compõem certa paisagem do projeto, mas também, ressoam problemáticas da contemporaneidade e seus liames biopolíticos.

O encontro com o pensamento de Foucault e com a leitura de Deleuze acerca de sua obra, permitiu novos e potentes deslocamentos, complexificações acerca dos termos em jogo, a saber, *o social e a vulnerabilidade, comunidade, a clínica (uma terapêutica ocupacional)*. Tal encontro fora disparado pela necessidade em compreendermos os jogos de força que se operam no contemporâneo sob o nome de biopolíticos e seus atravessamentos no TOCCA, levando em consideração que não são poucos os estudiosos (Agamben; Hardt; Negri; Deleuze; Foucault, Pelbart, dentre outros) que vêm se detendo a observar as variações de suas estratégias e os focos de resistências possíveis. Em nosso estudo, atravessaremos a biopolítica por vizinhança a alguns destes estudiosos, especialmente, Foucault e Deleuze.

Parece-nos que tais pistas, nomeadas aqui como o social e a vulnerabilidade, comunidade, clínica (uma terapêutica ocupacional) podem vir a nos ajudar a pensar e a revirar o TOCCA, buscando pelo inaudito, pelo invisível daquilo que se efetua nos dispositivos concretos.

Aproximações e vizinhanças, o social e o vulnerável.

O termo biopolítica apareceu, pela primeira vez nas obras de Foucault, segundo Pelbart (2003), em uma palestra: *o nascimento da medicina social* de 1974, “foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (2008, p.80)” - e ganhará nuances outras à medida que ele mesmo acompanha os processos de produção do biopoder⁷⁰. Com o avanço e as modificações do capitalismo, o próprio Foucault vai anunciar um desmanchamento desta enunciação⁷¹ que se exprime como sociedade disciplinar em prol do que Deleuze, mais tarde, nomeará como sociedade de controle. O que nos interessa é compreender esta incidência na vida, na produção da vida que se

⁶⁹ “tudo o que vemos, dizemos, vivemos, e até mesmo imaginamos e sentimos já está, definitivamente, reconhecido; carrega, por antecipação, a marca da reconhecimento, a forma do já visto e do já ouvido. Uma distância irônica nos separa de nós mesmos, e não mais acreditamos no que nos acontece, porque nada parece poder acontecer: tudo tem, de saída, a forma do que já estava presente, do que já estava totalmente feito, do preexistente.” (Zourabichvili, 2000, p.349)

⁷⁰ Vemos isso na sequência de seus cursos no Collège de France: Em defesa da sociedade (1975-76); território, segurança e população (1977-78) e nascimento da biopolítica (1978-79).

⁷¹ Sobre isso ver: A sociedade disciplinar em crise. In: Foucault, M. **Estratégia saber-poder. Ditos e escritos IV**. RJ: GEN /forense universitária, 2010.

desdobra em modos de apreensão do social, em processos de subjetivação. Diante disso, como exercemos uma terapêutica ocupacional no TOCCA?

Com Foucault, estudamos as condições de enunciação, as visibilidades, os modos do poder a cada vez na constituição do capitalismo e as variações que engendram nos processos de subjetivação. Para o autor, a saída das sociedades feudais e o início do mercantilismo marcaram uma variação importante no diagrama de forças daquele período, a saber, o do Poder Soberano⁷² que se voltava ao direito de vida e de morte, ou em suas palavras, “de causar a morte ou de deixar viver” (Foucault, 2001, p.128)⁷³. Se naquele momento, o direito à vida se afirmava no direito de matar e a morte aparecia no centro do exercício deste poder, com as tecnologias modernas do biopoder, há um progressivo desaparecimento da morte, o “poder é cada vez menos o direito de fazer morrer” (Foucault, 2005, p.295).

O que aparece, então, é a preocupação com gerir e manter a vida, incidindo no “como” da vida “(...) um poder que eu chamaria de regulamentação e que consiste, ao contrário, em fazer viver e em deixar morrer” (Foucault, 2005, p.294). Poder, este, que se fortalece a partir do século XVII e desenha as novas formas de seu exercício, que se apresentam, segundo Foucault, em dois polos: as disciplinas – anátomo- políticas do corpo humano (*tecnologia disciplinar*) e, a partir da segunda metade do sec. XVIII, com as regulações da população, voltadas para as análises estatísticas e a demografia. (*tecnologia da normalização*) (Foucault, 2008⁷⁴; 2001).

Nas tecnologias do biopoder, assim, veremos os mecanismos de controle da vida nascerem da vida não somente do sujeito, mas da multiplicidade de corpos, da espécie, *da população*. É importante, sua consideração de que uma não exclui a outra, ao contrário, a técnica disciplinar é integrada, modificada. Há que se considerar que estes diagramas de poder referidos não passam de um ao outro de modo linear e estático, ao contrário, tratam de mecanismos de poder que se entrelaçam e se comunicam de modo contínuo, provocando mutações, retornos.

⁷² “é porque o soberano pode matar que ele exerce seu direito sobre a vida. É essencialmente um direito de espada. (...) É o direito de fazer morrer ou de deixar viver. (...) Quando os indivíduos se reúnem para constituir um soberano, para delegar a um soberano o poder absoluto sobre eles, porque o fazem? Eles o fazem porque estão premidos pelo perigo ou pela necessidade. Eles o fazem, por conseguinte, para proteger a vida. É para poder viver que constituem um soberano. E, nesta medida, a vida pode efetivamente entrar nos direitos do soberano?” [Foucault, 2005, p.287-8]

⁷³ Foucault, M. A História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal ed., 2001.

⁷⁴ Foucault, M. A microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal ed, 2008.

A sociedade disciplinar se configura, portanto, nesta leitura, como a expressão de práticas de saber (enunciados e visibilidades) e relações de poder que operam de modo a disciplinar os corpos por meio de diferentes tecnologias que se aplicam a ele. Estas “tecnologias disciplinares do corpo” (Foucault apud Cardoso Jr, 2005) variam segundo uma função definida (vigiar, ensinar, curar) o que implica na necessidade de espaços fechados. “A subjetivação, para Foucault, tanto mais será disciplinada quanto maior for uma extensão das tecnologias disciplinares que se aplicam aos corpos.” (Cardoso Jr, 2005, p.193)

O “social disciplinar” aparece, então, como convergência de relações de saber e de poder que o inventam, o estabilizam e o complexificam, ao mesmo tempo em que enunciam as tensões provocadas pelos deslocamentos sofridos nos modos de viver. Surgem dispositivos, na forma de instituições, que irão tratar diferentemente de cada questão, da escolarização, do cuidado em saúde, do trabalho, da assistência aos pobres aptos ou não aptos ao trabalho, aos deficientes, loucos e ladrões. Para tanto, fora necessário definir a partir de conceitos de normalidade e anormalidade, fortes e fracos – vulneráveis - o que se encaixava ou não dentro destes novos parâmetros. Surge o homem, como categoria a ser estudada, pensada, tratada em relação a uma sociedade, se expandem e multiplicam os saberes sobre.

Em Deleuze (2005) aparece que

(...) a disciplina não pode ser identificada com uma instituição nem com um aparelho, exatamente porque ela é um tipo de poder, uma tecnologia, que atravessa todas as espécies de aparelhos e de instituições para reuni-los, prolonga-los, fazê-los convergir, fazer com que se apliquem de um novo modo. (p.35)

Os surgimentos da sociedade disciplinar e dos novos modos de produção econômica coincidem com a emergência apontada por Castel da desigualdade social como questão. O acúmulo de capital passa a definir, do ponto de vista econômico, a ascensão social e as diferenças entre os sujeitos de um grupo social. Inventam-se um esquadramento social, é o modelo da peste, nos diz Deleuze (2005) lendo as proposições de Foucault acerca das sociedades modernas, “onde o poder opera um enquadramento de todo o campo: se existe modelo, é o modelo da peste, que enquadra a cidade contaminada e se estende até o mínimo detalhe. (p.44).” Na constituição das cidades, veremos emergir do esquadramento, lugares definidos aos pobres, aos ricos e, ainda, aos miseráveis, enunciações que se atualizam diferentemente no presente das ruelas da comunidade

visitadas por nós. Aquilo (adoecimentos, pobreza, abandonos, loucura, dentre outros) que antes era acolhido pelas redes de sociabilidade primária passa a ser redefinido e entregue para a assistência (Castel, 2010), e posteriormente, para a medicina, o poder judiciário e a outra assistência, que se especializa. Passa a ser pensado a partir de diferentes campos de saber em emergência, inclusive, mais adiante no tempo cronológico, pela própria terapia ocupacional.⁷⁵

Diante das urgências desta configuração, vamos observar o Estado Social⁷⁶ surgir como o grande provedor e gestor destas categorias (incluídos e excluídos) desenhadas na forma de classes sociais e de suas tensões imanentes (as massas)⁷⁷, mas, por outro lado, para a imensa fragilidade deste laço. É Castel (2010) que nos ajuda a ver que ao contrário de fomentar sociabilidades que sustentem o pertencimento social, as estratégias presentes, na então política social europeia, instauram uma relação de extrema vulnerabilidade e de individualização. Para ele, “os beneficiários dos serviços são, a um só tempo, homogeneizados, enquadrados por categorias jurídico-administrativas e cortados de seu pertencimento concreto a coletivos.” (p.507).

A emergência do Estado⁷⁸ Social que começa a se estabelecer em fins do século XIX nos países europeus ocorre em meio a um jogo de forças importante entre “as pessoas de bem” e suas ações moralizantes em relação aos miseráveis e os “partidários da luta de classes” [Castel, 2010]. Mas não só, temos pelo meio destas lutas entre grupos, e talvez como condição de emergência destas, a afirmação do liberalismo e seu fortalecimento como política dentro da economia capitalista, e com isso, como um modo de governar e de ser governado, em determinado regime de verdades.

⁷⁵ Para alguns autores, o surgimento do tratamento moral, nos hospitais psiquiátricos, e o uso da atividade como recurso terapêutico marca condições de emergência da terapia ocupacional como saber.

⁷⁶ Castel diferencia o “Estado Providência” do “Estado Social”, priorizando este último. Aponta, dentre outros, que definirmos como Estado-providência implica uma relação de “benfeitor-beneficiário” onde o beneficiário se tornaria uma figura passiva destas intervenções estatais. De outro lado, chama a atenção de que tal conceituação deriva de uma construção ideológica composta pelos adversários da intervenção do Estado na questão social, que se pautaria em uma crítica a uma relação de dependência que se estabeleceria entre proletariado e Estado, retirando a autonomia do operário, tão importante dentro dos parâmetros do Liberalismo. Para aprofundamento ver *A propriedade social* IN: Castel, R. *As metamorfoses da questão social*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

⁷⁷ “ E as próprias classes sociais remetem as “massas” que não têm o mesmo movimento, nem a mesma repartição, nem os mesmos objetivos, nem as mesmas maneiras de lutar. As tentativas de distinguir massa e classe tendem efetivamente para este limite: a noção de massa é uma noção molecular, procedendo por um tipo de segmentação irreduzível a segmentaridade molar de classe. (Deleuze, 2004, p.91)

⁷⁸ Cabe ressaltar, no entanto, que por Estado, estamos pensando com Foucault em certo conjunto de práticas, de modos de fazer, que se referem à governamentalidades. Para o autor “o Estado nada mais é que o efeito móvel de um regime de governamentalidades múltiplas.” (Foucault, 2008, p.106)

Encontramos em Foucault (2008a)⁷⁹ que

O liberalismo (...), que podemos caracterizar como a nova arte de governar formada no século XVIII, implica em seu cerne uma relação de produção/destruição [com a] liberdade. (...) É necessário, de um lado, produzir a liberdade, mas esse gesto mesmo implica que, de outro lado, se estabeleçam limitações, controles, coerções, obrigações apoiadas em ameaças, etc. (p.87)

A liberdade de mercado externo, dirá ele, só poderá se exercer na medida em que se constitui toda uma série de sanções, prevenções, medidas variadas. Do mesmo modo, no mercado interno será preciso garantir vendedores, mas também compradores, “sustentar o mercado e criar compradores por mecanismos de assistência.” (2008a, p.88) Liberdade no mercado de trabalho que demanda a presença de trabalhadores em um número crescente e, ao mesmo tempo em que, sejam qualificados e competentes, sejam também “politicamente desarmados para não fazer pressão sobre o mercado de trabalho” (idem, p.88).

Entretanto, a fabricação de liberdade traz um custo, que se refere segundo este autor, à segurança. Garantir, determinar até que ponto os interesses individuais ou coletivos se constituirão como perigo para o interesse de todos. Temos, aqui já, o adensamento do diagrama de forças que passa a se preocupar com a gestão da vida da multidão, da espécie.

A liberdade e a segurança, o jogo liberdade e segurança – é isso que está no âmago dessa nova razão governamental (...). Liberdade e segurança – é isso que vai animar internamente, de certo modo, os problemas do que chamarei de economia de poder própria do liberalismo. (...) O liberalismo se insere num mecanismo, que terá a cada instante que arbitrar a liberdade e a segurança dos indivíduos em torno da *noção de perigo*. (Foucault, 2008a, p.89-90)⁸⁰

Para ele, toda uma cultura do perigo irá emergir no século XIX. Se antes se voltava aos “cavaleiros do apocalipse” – referência à idade média – neste momento, volta-se aos perigos cotidianos, constantemente animados. E, é, neste lugar que Foucault exemplifica com as caixas econômicas, com as campanhas de higiene e de saúde, nos fazendo ver as condições de possibilidade que permitem a emergência e a afirmação das

⁷⁹Foucault, M. O nascimento da Biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

⁸⁰Grifo nosso.

técnicas disciplinares – controle, coerção, pressão como contrapartida das liberdades. E aponta, o “panóptico é a própria fórmula de um governo liberal” (p.91), já que deve dar espaço para as manifestações do comportamento e da produção, tendo sobre eles, ao menos em primeira instância, somente a vigilância. Deverá intervir quando não estiver funcionando como se exige “a mecânica geral dos comportamentos, das trocas, da vida econômica”. [Foucault, 2008a]. E, dirá ele, é o próprio controle que produz um “a mais de liberdade”.

Passagens. Transpassagens do/no social. Ziguezagues.

Deleuze nos ensina que será preciso se perguntar a cada formação histórica o que cabe a cada instituição existente sobre tal estrato. Que relações de poder integram, que relações mantêm com outras instituições e como variam de um estrato a outro. A história e seus devires.

E, neste sentido, é importante ressaltar, ainda, que as passagens de uma sociedade de funcionamento disciplinar para a de um funcionamento de controle não ocorreram de modo linear, vertical, ao contrário implicam todas estas linhas e mais as horizontais, circulares, fragmentadas e caóticas, produzindo rizomas.

Vemos em um crescente, o quanto as forças do biopoder vão se ocupando da vida, o quanto se fabrica sujeitos modulados por este modo de produção do capitalismo que vai, aos poucos, se mundializando. E, o quanto as forças que estavam encarnadas nas instituições passam a se tornar mais voláteis, incidindo mesmo no como se viver por meio de outros dispositivos concretos, como as informações e os meios de comunicação. Cotidianamente somos invadidos por imagens que pretendem totalizar sentidos, informações planetárias de como viver, como sentir, de como vive o homem em diferentes lugares do mundo, imagens e palavras que nos resolvem as crises do sentido. Tamponando a angústia nascida das perdas de sentido e de contornos, quando dos encontros com o mundo. Antes que possamos reinventar o novo de nós, um modelo nos é oferecido para compor o mesmo de nós repaginado, modelos que vêm com uma promessa de vida paradisíaca, que silenciaria as turbulências causadas pelos encontros com Outro. (Rolnik, 2010).⁸¹

⁸¹“ a criação pode resultar de uma denegação da escuta do caos e dos efeitos da alteridade em nosso corpo, ao invés de fazer-se partir dela. Extirpada de sua vitalidade político-poética, a força de criação tende então a produzir cartografias a partir do mero consumo de idéias, imagens e gestos pret-a-porter. A intenção é recompor rapidamente um território de fácil reconhecimento, na intenção de silenciar as turbulências provocadas pela existência do outro.” Rolnik, S. *Políticas da hibridação: evitando falsos problemas*. IN:

Neste processo, a fragilidade da vida retorna eternamente, lançam-se os dados: com o que se compõe e o que pode esta nova composição de si? Mas, é nesta passagem, neste interstício que incidem as novas tecnologias de controle, direcionando os fluxos deste processo, modelizando a subjetividade em favor de alguma rentabilidade qualquer. Eis parte da nova paisagem contemporânea.

Nesta passagem para a sociedade de controle, nos diz Deleuze (2005).

Não se diz correntemente, que as forças do homem já entraram em relação com outras forças, as da informação, que compõem com elas uma coisa diferente do homem, sistemas indivisíveis 'homem-máquina', com as máquinas da terceira geração? Uma união com o silício mais do que com o carbono? (P. 96)

Se na sociedade disciplinar a assinatura revelava, em certa perspectiva, a marca do homem, na atualidade a senha (código) é a marca do sistema para o indivíduo e possível de ser repassada a outro. (Costa, 2004). "A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição" (Deleuze, 1996, p.222). Podemos dizer nos utilizando da imagem de Pelbart (2003) que se tratam dos pedágios comerciais que permitem ou não o acesso a uma espécie de pertencimento, na ausência destas condições, muitos são lançados no "esquecimento", na nulidade social.

57

Hoje, o importante parece ser essa atividade de modulação constante dos mais diversos fluxos sociais, seja de controle do fluxo financeiro internacional, seja de reativação constante do consumo (marketing) para regular os fluxos do desejo ou, não esqueçamos, da expansão ilimitada dos fluxos de comunicação. (...) *nenhuma forma de poder parece ser tão sofisticada quanto aquela que regula os elementos imateriais de uma sociedade: informação, conhecimento, comunicação.* (...) Nas sociedades de controle, estaríamos passando das estratégias de interceptação de mensagens ao rastreamento de padrões de comportamento... (Costa, R. 2004. P.162-3)⁸²

Em um belo texto de David Lapoujade⁸³ encontramos um problema que ressoa o nosso, diante deste cenário, às vezes carregado nas tintas e nos sufocamentos que engendra: o que fazer para não se afogar, asfixiar? O autor aponta que uma questão conhecida e

Aragon, L. Lima, E. Neto, J. (org.) **Subjetividade contemporânea – desafios metodológicos**. Curitiba: Ed. CRV, 2010.

⁸² Grifo nosso

⁸³ Lapoujade, D. Deleuze: política e informação. IN: cadernos de subjetividade, PUC-SP, 2010.

repetida ultimamente seria: “como escapar ao sistema?”, mas, no decorrer do texto nos aponta a diferença desta questão com a que Deleuze se coloca, não se trata de sair do sistema, de ultrapassar no sentido do encontro de saídas, mas de revirar. Diz-nos o autor:

“A questão que ele (Deleuze) extrai de Foucault é a seguinte: Como sair das relações de poder? Como atravessar a linha? (...) trata-se de percorrer a outra face da palavra de ordem, o fora que é o seu material não linguístico, mas que não cessa de trabalhar a própria palavra de ordem e, por extensão, toda a linguagem.” (Lapoujade, 2010, p.165).

Diante disso, nos colocamos a pensar em nossos processos no TOCCA, em muitos momentos, em face da perturbação causada pelos conceitos que nos incitavam a ver as estratégias, dispositivos biopolíticos na era do controle, paralisamos na vontade de nada ou de outro tanto, buscamos saídas como em uma sala escura sem portas e sem janelas, sufocados pelos excessos do ver e do ouvir. Repetições de um mesmo. Em algum momento nos pareceu que não tínhamos o que fazer, interpretamos as políticas sociais no Brasil e seus dispositivos de ação de modo equivocado, olhando apenas uma de suas faces. Aprendemos com Deleuze (2010) apud Lapoujade: “a palavra de ordem é sentença de morte (...) mas também é outra coisa, inseparavelmente ligada: é como um grito de alarme ou uma mensagem de fuga.” (p.165). Lembramos que Deleuze já aponta para os focos de resistência às relações de poder⁸⁴, para a imanência das linhas de agitação, de criação no diagrama que se efetua nos agenciamentos concretos. Em nosso caso, seria preciso se atentar ao fato de as políticas sociais no Brasil, por exemplo, serem fruto de muitas vozes menores, ser parte de um movimento que se propõe a revirar assistencialismo - assistência.⁸⁵

Há toda uma riqueza de vozes que ganharam força de expressão por meio dos movimentos de redemocratização do país, e mais diretamente, na feitura da constituição de 1988. Se de um lado cumprem efetuar lutas contra o governo e produzem movimentos importantes no campo social, que decorrem em outros modos de ver e de dizer pessoas, grupos, ações sociais, de outro lado, as singularidades destes

⁸⁴ “o super homem nunca quis dizer outra coisa: é dentro do próprio homem que é preciso liberar a vida, pois o próprio homem é uma maneira de aprisionar-la. A vida se torna resistência ao poder quando o poder toma como objeto a vida.” (Deleuze, 2005, p.99)

⁸⁵ Não é foco deste trabalho uma análise das políticas sociais no Brasil, neste estudo elas reverberam naquilo em que atravessam o processo de produção do projeto e suas relações.

movimentos são rapidamente “apropriadas e redimensionadas nas práticas de governo.” (Guareschi; Lara; Adegas; 2010 p.336).

Em suas faces encontraremos as expressões contemporâneas do controle, mas também as pequenas agitações que permitem devires outros. A questão não é este ou aquele, mas encontrar as invenções, seu lado intensivo. “Trata-se, sobretudo, de marcar aquilo que, de dentro, dá testemunho dessa exterioridade; trata-se de estabelecer um diagnóstico, um levantamento das forças que dão testemunho desse fora, do fora da informação e da comunicação.” (Lapoujade, 2010, p.166). Cartografar.

Um dos aspectos das aproximações e distanciamentos do TOCCA com os dispositivos de atenção do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), em seu nível de *proteção básica*, se relaciona com as estratégias de reconhecimento da comunidade a que está referido o CRAS, fortalecimento de vínculos, compreensão das necessidades sociais e acompanhamento dos sujeitos por meio da busca ativa e visitas domiciliares. Se de um lado, identificamos claramente os mecanismos de produção de informação, de conhecimento e “rastreamento de padrões de comportamento”⁸⁶, que vão definindo modos de agir a priori, característicos de nossa contemporaneidade, por outro vemos aberturas geradas no encontro com a alteridade como lugar para outras composições, respiros, passagens. Cabe ressaltar, como alerta Deleuze (1996), que “As linhas de fuga não são forçosamente revolucionárias, podendo ocorrer o contrário disso, mas são elas que os dispositivos de poder vão colmatar, vão atar.” (p.20).

Implica-nos o pensamento, a questão, como fazer esta busca em meio a este emaranhado de linhas que compõem o dispositivo? A pergunta se desloca, assim, do coletar ou não informação, produzir ou não vínculo e/ou avaliar o estado de vinculação, para uma análise dos modos como se constroem as relações e do como os enunciados e as imagens, o ver e o dizer operam nestas, atravessados pelas linhas de força do poder, pelas linhas de subjetivação e tantas outras.⁸⁷

Estamos *nas ruelas da comunidade*, olhamos, escutamos, cheiramos situações estrangeiras; estamos *na universidade* olhamos, escutamos, cheiramos situações estrangeiras. Nas ruas, nos bancos, nos ônibus, em casa, a estrangeirice nos vem de todo lugar, porém, é ali, nas ruelas que ela nos grita mais alto. Estou aqui! Não caibo

⁸⁶ (Costa, R. *Sociedade de Controle*. IN: **São Paulo em Perspectiva**, 18(1): 161-167, 2004. P.162-3)

⁸⁷ “os dispositivos tem por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de brecha, de fissura, de fratura, que se entrecruzam e se misturam, acabando umas por dar nas outras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento.” (Deleuze, 1996, p.89)

nisso que você insiste em chamar existência. Talvez sussurre, mas como não falamos sua língua, pegamos emprestado um nome destes que circula por aí nos livros, jornais, revistas e/ou aparelhos de televisão, e chamamos grito. Assustados, precisamos dar nomes para o que vemos, com estes, achamos muitas vezes, ter encontrado modos de capturar os sentidos e dar-lhes uma moldagem quando dos terremotos que sentimos, a cada vez, diante da complexidade da existência que nos foge por todos os lados. Exatamente aí o controle atua nos fluxos direcionando-os para a produção de um povo que progride, multiplica seus bens e compartilha seus frutos que se supõem bons. E, então, “O espírito de empresa conquista todas as formações sociais (Lapoujade, 2010, p.161)”. Interessados em vender serviços, esta outra forma de operação vende as imagens da empresa, o funcionário que veste a camisa, arregança as mangas e se põe a criar modos de comercializar o produto, aumentando o valor de mercado da própria empresa – suas ações. O capital circula mundialmente na velocidade das bolsas de valores, implicando em fluxos contínuos em constante mutação, “nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal.” (Deleuze, 1996, p.222).

Aqui, percebemos como somos enredados pelo conhecimento, pelas informações que operam como sentidos que vão se sobrepondo, codificando, direcionando nosso olhar e o nosso fazer a modelos em relação a nós mesmos, ao outro, aos espaços, aos tempos. Ao mesmo tempo em que percebemos o fetiche do “trabalhador social”, uma aura que parece atrelar poderes curativos, restaurativos, certa compaixão, piedade e uma capacidade de transformar realidades. Sedutora imagem produtora de subjetividades que notamos colar fácil, e com ela, toda uma série que associa cegueira, surdez e mudez diante das singularidades. Cola, ainda, por nos dar um lugar, pertencer a uma “coletividade” que trabalha junto para “modificar o mundo”. Curiosamente, ao buscar lutar contra o capitalismo efetuamo-lo em seus dispositivos mais sutis de captura da diferença, e então, vestimos a camisa, canalizando nosso poder de criar nesta direção.

Se de um lado estão os fracos, do outro estariam os fortes, trabalhadores sociais, que no melhor dos casos viriam a emprestar o seu poder contratual, ou ainda, apoiar o fortalecimento do poder dos fracos. Parece óbvio. Mas é exatamente esta obviedade que queremos analisar, que roupa é essa que nos cabe tão bem, que responde tão rapidamente aos momentos em que a terra parece faltar aos pés? Que se expressa em verdades sobre o outro, em respostas aos problemas que os outros enfrentam, em mais

um armário de vestimentas prontas a serem ofertadas para que muitos outros fiquem mais confortáveis, ou com mais “qualidade de vida”. Que nos ofertam gestos, sentimentos, pensamentos, falas apropriadas para diferentes circunstâncias difíceis de serem enfrentadas em campo? Que nos autoriza a falar por alguém, dar voz, já que a voz “fraca” do outro teria poder de alcance limitado? Como seria, ao contrário, em face da voz que gagueja devir - gago?

Deste lugar, onde fortes e fracos ocupam diferentes cadeiras, retorna o sentido da assistência ao outro que parece atravessar vários estratos históricos se diferenciando, atualizando o sentimento de piedade, de compaixão, o cruzamento de forças que se relacionam com os discursos religiosos, especialmente judaico-cristãos. E, com este, toda uma má consciência, no sentido Nietzscheano do termo, a assunção da culpa. E por meio dela, toda sorte de ações se desenrolam, implicando o outro neste lugar vitimado, mesmo quando, muitas vezes, tenta-se retirá-lo deste. O que ocorre é que se passa rapidamente de vítima a algoz. O sujeito torna-se culpado por não superar suas dificuldades, por não querer sair daquela condição, por não querer fazer nada por si. A responsabilização vem atrelada à culpa. Diz Deleuze (2001), “no ressentimento (é por tua culpa), na má consciência (é por minha culpa) e no seu fruto comum (a responsabilidade), Nietzsche não vê simples acontecimentos psicológicos, mas categorias fundamentais do pensamento semítico e cristão, a nossa maneira de pensar e interpretar a existência em geral” (p.35).

Aprendemos ainda que, este “e”, no meio de fracos /fortes, aponta relações também entre o cristianismo e o capitalismo, como ensina David Lapoujade, ao analisar a piedade e o cinismo na atualidade a partir dos modos de subjetivação americano⁸⁸. Para o autor (2004), ao contrário do sumiço de Deus ou do fim das religiões o que ocorre é que “o religioso se propagou sob a forma de uma ‘má consciência’ generalizada, correlato indispensável do desenvolvimento do capitalismo.” (p.62). O autor mostra como com a assunção do estado democrático, o Estado e o campo social ficaram penetrados de religiosidade. Com a ajuda de Deleuze e Guattari⁸⁹ aponta uma máquina com duas faces: o cinismo e a piedade, um agenciamento coletivo e distribuidor de desejo que se de um lado produz a interiorização das relações econômicas, de outro a espiritualização déspota. (ibidem, 2004)

⁸⁸ “Trata-se apenas de seguir uma pista, a linha de um vasto trabalho eventual: a subjetividade na linha do religioso segundo as formas modernas da subjetividade, e mais, particularmente, através dos modos de subjetivações americanos. (Lapoujade, D. , 2004, p.62).”

⁸⁹ David Lapoujade refere-se, especialmente, ao texto: “Bárbaros e Civilizados” (capítulo de o “Anti-édipo”).

“(...) enquanto o mercado procede por desterritorializações e reterritorializações, cada vez, mais deslocado, cada vez mais ‘globalizado’, o Estado e os indivíduos não cessam de se reterritorializar em arcaísmos déspotas, em folclores regionais, etc., não cessam de continuar ou de tornar-se piedosos. (ibidem, p.65).”

Com o trabalho de Lapoujade acompanhamos a relação dos americanos com os indígenas, ao mesmo tempo em que, retiraram suas terras, devastaram, tomaram posse em prol da produção política, econômica e social dominante, de outro, com base nesta “estranha piedade” fazem surgir reservas e toda sorte de assistência à saúde, educação e geração de renda, por exemplo.

Mas, eis, que nos pegamos nas sutilezas das ações, no modo de contar o que vimos, tomados por esta estranha piedade, pelo sentimento de culpa e tudo que se desenrola deste. Como agimos proliferando este vírus da culpa e da responsabilização na clínica, na formação?

Houve um tempo em que os estagiários do projeto sofriam ao longo de todo semestre, adoeciam, faltavam, não viam sentido em suas ações, seus textos-relatórios mesclavam a tristeza e a responsabilização em relação à população atendida e acessos de raiva aos serviços públicos vinculados a PNAS. O trabalho desta pesquisa, que em certo tempo se efetivava no texto de qualificação, em parte ressoava as sensações dos estudantes, certo niilismo negativo.⁹⁰ As conversas com profissionais de outros serviços circulavam em torno das faltas, de pessoal, de equipamentos adequados para a realização do trabalho, de treinamento satisfatório, entre outros. Nas discussões sobre os grupos, as faltas novamente, as incapacidades de estagiários, terapeutas, e crianças. Não importava o que fizéssemos o problema era “grande demais”, “complexo demais”. Não raro algumas frases voltavam na forma de discursos ouvidos e ditos por diferentes personagens deste cenário. “Se fizermos alguma coisa por um sujeito, já é muito”. “no papel é muito bonito, mas na prática a coisa é diferente, não temos para onde ir”. “Ah! Vocês da universidade (...)”. Estávamos angustiados, culpados, responsabilizados.

⁹⁰ Referimo-nos a leitura de Pelbart (2013) em seu texto “travessias do niilismo”.

Em Zourabichvili (2000), apoiado nas ideias de Deleuze⁹¹, quando discute acerca do possível e a sua relação com a política, o autor nos apresenta um cenário com o qual nos colocamos a exercitar o pensamento.

Fechar o possível não equivale, de forma alguma, a esgotá-lo: é apoiar violentamente o devir no nada. Dois efeitos podem derivar daí: que as pessoas tenham medo do devir porque ele só deixa vislumbrar o nada (dobra arcaizante), ou que nada mais tenham para querer senão o nada (dos vândalos aos terroristas). A violência torna-se, então, primeira, fim em si, a vontade nada mais tendo para querer senão o que lhe é proposto, ou seja, nada: vontade de nada. (p.346)

Estava frio. As crianças chegavam aos poucos. Todos nós angustiávamos-nos com os pés sem sapato e as poucas roupas. Queríamos dar as nossas, algumas estudantes perguntam se poderiam fazer doações, outras escondidas davam lanches a mais para algumas crianças. As crianças interessadas nas pinturas pediam as tintas e papéis, não as ouvíamos. Era um caos. Algumas estudantes elegiam algumas crianças do grupo e as tutelavam nas ações, justificávamos por meio de teorias, o que de fato vinha a ser uma impossibilidade. Ninguém tomava a frente das ações.

Nas discussões buscávamos culpados, alguns momentos eram os pais, outros eram os colegas do estágio e as docentes, outros momentos éramos nós mesmos que permitíamos que isso acontecesse na sociedade, outro momento decretava-se a morte às políticas e políticos, tudo era o mesmo, tudo era nada. Não tínhamos vontade de trabalhar, não adiantava conversar com ninguém. E, se algo dava certo, era porque um dos integrantes deste coletivo a deriva havia se superado.

Olhando as anotações deste período, onde estas sensações foram mais intensas, interessante observar o movimento das crianças – elas dançavam, contavam história, traziam objetos de casa para ajudar na confecção das atividades propostas. Algo de novo se insinuava a contrapelo.

Uma cena.

Um dia destes muito frios, vamos acordar as crianças quando o sol apareceu mais intensamente, chegamos à casa de uma delas que aparece de banho tomado e de

⁹¹ O autor faz uso, especialmente, do texto “o esgotado” de Deleuze. Neste texto, Deleuze, com base na leitura da obra de Samuel Beckett, apresenta diferenças importantes entre o cansaço e o esgotamento.

sandálias novas nos pés. Ela havia nos dito: quero ser modelo. Seu corpo magro tremia todo. Dizemos que deveria colocar um sapato fechado. Ela nos dizia que não combinava com a roupa que estava. Ignoramos. Voltamos a afirmar o frio. Ela nos explicara que os tênis eram para ir à escola. Ignoramos, falamos do frio. Ela se vai. Demora. Muda de roupa, coloca uma bota. Surpresas, perguntamos se o saltinho não iria incomodar. Ela disse que não. Seguimos. O sapato incomodou toda a manhã, a todos. Saímos para andar um pouco, ela não conseguia pintar neste dia, estava muito preocupada com os sapatos. Ela teria de lavá-los, não podiam estragar, haviam sido presente de sua mãe.

Ela havia tentado ocupar outras frequências, sair do lugar de menina a ser ajudada e usar outros figurinos, ousar outras composições com o frio e experimentar. Ela morava ao lado do lugar onde fazíamos os grupos, a qualquer momento poderia ir a casa colocar uma meia, por exemplo, vestir um casaco. Ela tentava, ensaiava outra personagem na relação conosco, mas olhávamos para o frio, para a menina carente, para a menina carente sem sapatos, para a menina carente sem sapatos e sem quem olhe por ela, precisava de cuidados, de cuidadores, de ajudadores. Ajudávamo-la a ficar no mesmo lugar para com isso mantermos o nosso, salvamos o pé, cuidamos da bota. Impedimos suas ousadas pinturas no grupo, inclusive. A culpa, a responsabilidade diante daqueles pés descalços nos tornaram cegos, surdos ao que se passava por entre nós e a menina, ao que acontecia.

No dia do encerramento do semestre, um clarão. Preparamos lanches em pequenos potes, era uma enxurrada de doces e guloseimas separadas para cada um. Quando saio da cozinha a cena me surpreende, estávamos de pés observando as crianças acuadas cheias de doces nos potes comerem e tomarem um refrigerante morno em um dia frio. Tive vontade de vomitar. A cena revelava a violência com que era vivido este encontro, as singularidades, os devires violentavam a vida. Sujeitávamos as crianças aos doces, tinham de ser, ao menos, no ultimo dia, as crianças alimentadas e felizes das propagandas de Danoninho da televisão. Estranha piedade.

Da piedade à vulnerabilidade

Voltamos ao nosso personagem do início deste texto, o menino-cachorro.

O menino – cachorro não escreve na escola. Ele não se interessa pelas atividades, ele não sabe brincar com os colegas, eu falo com ele e ele não responde, relata a professora. Nada de novo. Acontece que o menino escreveu uma carta de despedida para as

*coordenadoras da oficina de contação de história, o menino brincava de fantoche, caminhão, pega-pega e muito mais, brincava até de fantasiar. Éta! Este menino adora complicar.*⁹²

Pequenas prisões, os sentimentos de piedade, de compaixão parecem impedir as singularidades, englobando-as sob o rótulo da necessidade, submetendo o outro aos cuidados. Curiosamente, o sentimento de justiça, de dever, parece vir atrelado nestes modos de subjetivação cuidador. Observamos: as crianças devem estar na escola, tem direito à educação, trabalha-se para encaminhar as crianças à escola. Pune-se os familiares/cuidadores que não o fazem. Responsabiliza-se família, profissionais de serviços de saúde e de assistência por esta ação, a própria criança com discursos de que o estudo faz prosperar. As crianças fogem da escola, odeiam professores, diretores, estudar. São punidas na escola por não compreenderem o “sentido de estudar”. Elas são convocadas a virarem estudantes promissores, que superam a raça, a pobreza, a falta de sono e de alimento. As crianças não conseguem, evadem. São fichadas por evasão. O círculo se fecha, voltamos ao começo.

Vem à mente outra cena vivida no TOCCA quando o como parece tangenciar a sujeição sob o nome de proteção:

Haviam combinado de se encontrar na frente da escola, ela não aparece, a terapeuta telefona.

Ao telefone ela diz que a vaga da filha está garantida na escola, que eles têm um convênio com a universidade que garantirá mais de um professor na sala de aula, o que facilitará o acesso a aprendizagem para a menina com deficiência.

- olha teremos uma reunião de família no sábado para decidir o que fazer...

- veja, diz a terapeuta: - você precisa fazer a matrícula, ela vai até sexta...

- tudo bem, eu já falei com o fulano, fazemos depois vemos o que vai acontecer...

⁹² “A importância do conceito de complicação é, portanto clara: ele se opõe, na própria história do neoplatonismo, a soberania isolada do Uno; ele traz o múltiplo na origem, sob a condição de um regime especial de não separação ou co- implicação (esse traço distingue Deleuze da fenomenologia, de Heidegger, mas também, afinal de contas, de Derrida). Não menos clara e a importância da operação que ele exprime, e que associa um ao outro os dois movimentos de atualização e de redistribuição, de diferenciação e de repetição, cujo funcionamento solidário fornece a fórmula completa do mundo segundo Deleuze. (...)A lógica da complicação junta-se aqui a tese da univocidade do ser, ao passo que o termo “ser” tende a se apagar diante daquele, diferenciável, de devir.” Zourabichvili, **O vocabulário Deleuze**. Campinas: IFCH-UNICAMP. (Digitalização e disponibilização da versão eletrônica), 2004, p. 14.

- bom, é isso... (encerram a conversa, mas ela ainda fala algo para alguém sem se dar conta de que a terapeuta ouviria).

- coitada... Ela foi até a escola...

A vida, esta vida nua⁹³ de Agamben, em sua dimensão mais natural, passa a ser investida de modo a se tornar produtiva para a ampliação da potência deste mercado que não para de se fazer, de circular em alta velocidade em informações, comunicações, capitais financeiros, em fluxos diversos. É a vida - biológica, genética, subjetiva - que vai sendo investida, e para tanto, descritores cada vez mais precisos, o que se reflete na necessidade de preenchimento de infinitos cadastros do imposto de renda ao da loja do bairro, raça, idade, gênero, estado civil, cor preferida, cidade de nascimento. E quanto mais se circula e mais transita nos fluxos das redes de comunicação, mais dados, mais nomes disso e daquilo adquirimos. Gradações de sobrevivência, alguns mais inseridos que outros. E, parece-nos, por todo lado, a produção da necessidade de pertencimento. À medida que tocamos as “franjas de desfiliação” como quer Castel (2010), mais embaçada se caracteriza a descrição, mais nos parece que destinamos alguns sujeitos a aparentarem os “mulçumanos”. E, talvez, por isso tenhamos enlouquecido nesta linha de tristeza que diferencia os incluídos e os excluídos. Serpente, dirá Deleuze, os tempos de controle mais se assemelham aos movimentos sinuosos, escorregadios, surpreendentes deste bicho.

Para Pelbart (2013), em Agamben,

“aparece um poder que não elimina o corpo, mas o mantém numa zona intermediária entre a vida e a morte, entre o humano e o inumano: o sobrevivente. O biopoder contemporâneo, conclui Agamben, reduz a vida à sobrevivência biológica, *produz sobreviventes*. De Guantánamo à África, ou à cracolândia, isso se confirmaria a cada dia” (p.25)⁹⁴

Este personagem do mulçumano⁹⁵ cujos traços, Agamben retira dos testemunhos de Primo Levi, torna-se um personagem conceitual, cartografando os modos de

⁹³ “vida sem forma, mero fato da vida” (Pelbart, 2013, p.26).

⁹⁴ Grifo do autor.

⁹⁵ Os doentes tornavam-se indiferentes a tudo que acontecia ao seu redor. Eles se auto - excluíam de qualquer relação com seu ambiente. Quando ainda eram capazes de se mover, isso se dava em câmara lenta, sem que dobrassem os joelhos. Dado que sua temperatura baixava normalmente até abaixo dos 36 graus, tremiam de frio. Observando de longe um grupo de enfermos, tinha-se a impressão de que fossem árabes em oração. Dessa imagem derivou a definição usada normalmente em Auschwitz para indicar os que estavam morrendo de desnutrição: mulçumanos. O mulçumano não causava pena de ninguém, nem podia

subjetivação contemporâneos e suas experiências-limites. A vida reduzida ao seu mínimo biológico, sobrevida, expressa nas formas mais radicais do mulçumano nos campos de concentração, mas também, dirá Pelbart (2013) e, o mais assustador na formulação de Agamben, em todos nós, já que em certa medida seríamos “todos muçulmanos” (p.26).

Vamos, como que sutilmente, nos arrastando, nesta vontade de nada, neste marasmo, neste cansaço, vamos vivendo. A construção de dispositivos de cuidado com esta disposição acaba por atualizar os jogos de poder que sujeitam o outro, que o fazem permanecer no mesmo, já que não temos mesmo para onde ir. Nesta conversa, outros ruídos em nosso campo problemático, que o apontamento de Ranieri (2014) parece nos ajudar a ver: “Seriam formas equivocadas de proteção? Formas ultrapassadas para alguns, fundamentais para outros. A fórmula, contudo, parece a mesma: eu te protejo para que você se sujeite ao meu despotismo. Talvez, o que se proteja, efetivamente, em todos os casos seja o Poder. (p.168)”.

A suposta liberdade democrática opera-se na forma de uma livre sujeição a determinados modos de subjetivar para poder pertencer ao “bando”. Há aqui um ponto que nos interessa pensar no quanto o livre arbítrio se relaciona com a responsabilização, mas, ainda, como esta responsabilização gera modos de proteção, que acionam tons policialescos, autorizando-os. Como este sentimento de dever em relação ao outro, em relação ao cumprimento das estratégias previstas nas políticas de proteção dos “vulneráveis” pode vir a gerar modos de agir em que a tutela e a infantilização aparecem como características dos processos de subjetivação.

Nas cenas cotidianas das ações do projeto, nas sutilezas, veremos rostos que se viram diante dos pés descalços em pleno inverno, olhos que se esticam de cima a baixo em direção ao outro que conta estar com fome, mãos agitadas diante de histórias de drogadição e prisão quando envolvem crianças gritando no portão, enjôos, olhos lacrimejando e/ou jorrando água, campanhas de doação de roupas e alimentos que são feitas por grupos anônimos e entregues na calada da noite, vozes que ditam “limites”, que ensinam como comer e se portar, como se higienizar, como ser saudável, como educar, como namorar, como dividir com o outro, como viver em comunidade.

contar com a simpatia de alguém. Os companheiros de prisão, que temiam continuamente pela própria vida, nem sequer se dignavam de lhe lançar um olhar. (...) só pensavam em eliminá-los. (Levi apud Agamben, 2008, p.51)⁹⁵

Paisagens que nos rondam, insistem, vão e vem quando em nossas reuniões falamos dos encontros vividos no cotidiano das ações do TOCCA. Fortes atravessamentos que nos fazem operar, muitas vezes, ocupando o lugar dos fortes na relação com os “vulneráveis”, nos fomentando uma sensação de termos de saber sempre mais e mais para poder cuidar mais e mais...

Observamos que pode haver em certa concepção de vínculo, de família, que adviria, a nosso ver, de um conceito de vulnerabilidade, uma espécie de transposição deste modelo empresarial, todos se ajudando, constituindo um núcleo forte no combate as adversidades, um vínculo poderoso, “amoroso” até, que viria a criar maneiras melhores de sobreviver. Um modelo hegemônico transposto, atuado, desejado, produzindo subjetividades. Microfacismos.

Concordamos com Deleuze e Guattari (2004) quando afirmam que toda a sociedade e mesmo todo o indivíduo são atravessados por linhas de segmentaridade molares e pelos fluxos de quanta – linhas moleculares.⁹⁶ Atravessamentos que se dão simultaneamente, diferentemente, intercambiando-se, nos apontando que tudo é político, e que “toda a política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (p.90). Tentamos perscrutar nas ruelas da comunidade o que é menor? Quais as agitações nas formas dominantes que podemos ver, que se enlaçam, desenlaçam? Cabe, aqui, destacar que molecular e molar não se diferenciam por qualidades de ser um bom outro ruim, e/ou referirem-se a coisas em pequenas quantidades ou grandes, os autores nos alertam que as agitações moleculares podem, por exemplo, enunciar microfacismos.

As ruelas da comunidade vão colocando-nos em contato com o que podem enunciar. *“Os vulneráveis vivem de modo desorganizado e suas casas não obedecem à organização de um núcleo familiar coeso, respeitoso com o ‘direito’ do outro, amontoam-se, é preciso ajudá-los a se organizar. É preciso favorecer o vínculo dos pais com seus filhos, diminuir o risco.”* Apontam-nos Deleuze & Guattari (2004) “a administração de uma grande segurança molar organizada tem por correlato toda uma microgestão de pequenos medos. (p.93-4)”.

⁹⁶ “Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares. (...), no entanto, o inverso é também verdadeiro: as fugas e os movimentos moleculares não seriam nada se não repassassem pelas organizações molares e não remanejassem seus segmentos, suas distribuições binárias de sexos, de classes, de partidos.” (Micropolítica e segmentaridade. In: Deleuze & Guattari, Mil platôs, vol.3. São Paulo: ed. 34, 2004, p.95).

Mas também ali, *encontraremos grupos de pessoas que em torno de uma crença inventam toda uma sociabilidade que apoia as mulheres que têm de deixar seus filhos para irem trabalhar (e não encontram equipamentos públicos para tanto), um trabalho alternativo por meio de artesanatos com materiais recolhidos pelos recicladores também moradores do entorno, um modo de produção que não tem horário fixo e pode acolher as mães de filhos pequenos e/ou com muitos filhos. Veremos outros modos familiares, vizinhos, avós, tios, que se revezam e constituem modos de cuidar uns dos outros considerando as necessidades de estudo, de trabalho, de sobrevivência.* Longe de romantizar a miséria e as estratégias de sobrevivência, pensamos naquilo de potência, de singularidades, de blocos de possíveis ou não que se revelam como outras combinações possíveis do que seja família, vínculo, socialização. Algumas experiências, ao contrário de potência, por exemplo, nos parecem revelar o endurecimento em modelos de vida, de família, de sociabilidade, de cooperação oriunda de orientação religiosa, ideologias partidárias diversas, dentre outros.

Perguntamo-nos que outros desenhos de social aparecem e que modos de subjetivação decorrem destes?

Ainda, estar nestas *ruelas* é enfrentar o perigo, “pequenos” perigos de termos furtados objetos, de sofrermos alguma violência, de sermos nós os vulneráveis, os civilizados frágeis diante dos bárbaros.⁹⁷ Mas, eis, que nos parece surgir o real perigo, o de nos transformarmos naqueles que vêm a salvar, abrindo mão de suas “supostas” seguranças e integridades pessoais em prol dos “necessitados”. Ou ainda, de sermos os enunciadores de uma verdade maior que os libertaria pela tomada de consciência de seus direitos, de seu papel social. Longe de dizer se são válidas ou não estas ações, o que pensamos é na produção de microfacismos⁹⁸, na deliberada ajuda ou conscientização ou qualquer outro nome que se queira dar, mas que comumente vem a cair na produção de formas de dominação, de sujeição.

Concordamos com Deleuze & Guattari (2004), “é muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas. (p.93)”. Quando seguimos voltando nas casas das pessoas

⁹⁷ Para Gadelha (2004) o cenário contemporâneo do capitalismo faz borrar as fronteiras daquilo que viemos chamando civilizado, bárbaro, o que tornou mais “confuso e incerto o posicionamento dos indivíduos e coletividades em face de si mesmos, de suas relações com a alteridade e com a realidade que passavam a viver sob a égide do Capitalismo Mundial Integrado, como diria Felix Guattari. (p.8)”

⁹⁸ “É uma potência micropolítica ou molecular que torna o fascismo perigoso, porque é um movimento de massa: um corpo canceroso mais do que um organismo totalitário.” (Deleuze & Guattari, 2004, p.92).

para ver se continuam seguindo nossas indicações, quando nos certificamos, a cada semana, se foram tirar o RG, se levaram as crianças à escola, se lhes deram as vacinas, se foram ver o benefício de que lhe falamos, perguntamo-nos, como não tornar a proteção básica, o cuidado, uma imposição?

No dia a dia do trabalho vemos a dificuldade na construção deste dispositivo a cada vez, a cada casa. Se por um lado, somos aqueles que voltam, que insistem no estabelecimento de uma relação, diante de um cenário em que o que se relata é que as pessoas vão e não retornam, retiram as informações dizem que voltarão com “soluções” e nada, onde a confiança é ruída na medida mesma da transformação dos sujeitos em objetos, cifras, números, códigos, estatísticas, pesquisas. De outro lado, como é que voltamos?

Inventar uma busca, que seja um conversar, um conhecer que esteja à espreita da reinvenção do novo, não da história, mas da vida.⁹⁹ Acompanhamos as discussões de Pelbart, 2003, quando diz que agitar o conceito de vida vem a ser necessário de modo a pode revirar poder sobre a vida em poder da vida. Nos procedimentos do TOCCA, tem sido interessante notar que nas buscas pelas “ruelas da comunidade”, temos vivido um lento desapego aos papéis que nos guiavam nas idas às casas das pessoas. No início, batíamos de porta em porta, com uma ficha na mão e pranchetas e nos colocávamos a preencher as informações e a nos angustiar com a resolução de problemas. No segundo momento, decidimos propor uma atividade para encontrar as pessoas, algumas vieram, encontramos fragmentos de histórias, nos perdemos nos fragmentos sem conseguir tomá-los em suas dissonâncias e observar o que passava entre eles. Tentamos a construção de uma colcha, faltavam retalhos. Ficamos na falta, olhávamos um retalho ou outro. Depois, voltamos às idas as casas, a ficha havia sido remodelada, “questões mais abertas”. A intenção maior era de conversar com as pessoas, fazer problema¹⁰⁰. Uma abertura. Esta fresta na ficha, talvez, tenha permitido a entrada de partículas intensivas em nosso dispositivo de escuta, que foram, aos poucos sendo acolhidas numa espécie de reversão por dentro da proposta, já que a ficha servia de âncora nas aventuras pelas ruas, pelas casas, pelas narrativas de vida, nos cafés, nos bate-papos em cadeiras de praia na frente da casa, no acompanhamento semanal e na visita esperada

⁹⁹ “Há na vida uma espécie de falta de perícia, de fragilidade física, de constituição fraca, de gaguez vital que é o charme (encanto) de cada um. O charme, fonte de vida, como o estilo fonte de escrita” (Deleuze, 2004, p.15)

¹⁰⁰ Mais importante que encontrar respostas aponta Deleuze, é poder fabricar problemas. Complexificar o campo, multiplicar possíveis.

por todos os integrantes destas ações – visitantes e usuários. Com as pessoas, as palavras ganhavam outras texturas, a cada encontro, novos ordenamentos se davam. A ficha perdia o caráter totalizador da informação e passava a ser uma espécie de “diário de bordo”, acolhendo as narrativas por vir, sempre se fazendo.

Vimos exercitando a simpatia como parte de nossa disposição. Dizer sim ao “pathos” significaria deixar-se afetar e produzir afetações, numa troca mútua, onde todos os elementos em jogo poderiam ser recombinações, abrindo outros possíveis a todos os envolvidos. Não uma mistura, mas um entre dois, núpcias, diria Deleuze.¹⁰¹ Já que, neste sentido, os corpos se definem “pelos afetos de que são capazes, tanto em paixão quanto em ação.” (Deleuze, 2004, p.78).¹⁰² Tal exercício pressupõe um modo de pensar, rizomático, atento aos devires, tarefa difícil de operar sem se deixar encantar pelos universais, sem ser tomado pelo ressentimento, sem rapidamente colar nas subjetividades descoladas, militantes, intelectuais deste território que nos encontramos. Estar com, convoca saber e não saber simultaneamente.

Recebo um mail. Você precisa mandar um mail para aquela empresa que faz doações de sobras de cimento. Vamos colocar cimento lá no chão na associação.

Penso. Caramba! Eles estão se mobilizando para conseguir o cimento e vem este cimento de cima para baixo, colocado. (muitas outras ações eram desenvolvidas naquele momento que sugeriam certa imposição de atividades para os moradores)

Converso com o líder comunitário. Digo-lhe de minha apreensão. Eis que ele me responde para deixar vir o cimento, com ele, chamamos um pessoal para cimentar e isso fará emergir um grupo, com o qual se fará a parede.

A situação nos parece recolocar o problema, a questão é “como”. Como se colocar entre, como não impedir o movimento com pressupostos do que seria grupo, sujeito, ação coletiva, vulnerável. Aponta-nos Escóssia (2009) não bastam estabelecer espaços formais de trocas entre sujeitos – reuniões, grupos de convivência, conselhos – “o que faz diferença é o modo de operar, o modo de fazer, que se efetiva por meio de dispositivos (...)” (p.692).

¹⁰¹ “A simpatia são corpos que se se amam ou se odeiam, e ao fazê-lo há populações em jogo, nestes corpos ou sobre estes corpos.” Deleuze, G. Parnet, C. Diálogos. Lisboa: relógio D’água, 2004. (p.70)

¹⁰² Ao tratarmos deste modo, não queremos dizer que estas afetações viriam a produzir apenas paixões alegres, ao contrário, não se tem o menor controle sobre isso. Estar aberto implica em mortes e nascimentos, em composições e decomposições, que ocorrem simultaneamente.

Voltamos à vulnerabilidade que, aparentemente, nos leva à proteção. Interessa-nos esta cartografia das linhas de constituição da noção de vulnerabilidade em sua correspondência a um modo de conceber o social, a um só tempo, respondendo a novos modos de vida onde certa noção de subjetividade e de sociabilidade operam. Seguindo os rastros de Castel, nos parece que esta concepção surge com a sociedade moderna e seus processos de subjetivação necessários à redefinição da burguesia como modo molar de subjetivação, a novas configurações do religioso e do assistencial no campo social.

Tornar-se vulnerável, para Castel (2010), acontece no entrecruzamento de duas grandes linhas, a da inserção no trabalho e a da rede relacional. O indivíduo que possui ausência de rede e de inserção profissional se caracterizaria no que denomina desfiliação, grau máximo de vulnerabilidade tornado isolamento social. Para estar integrado, precisaria ter uma boa rede de sociabilidade e trocas afetivas que o sustentasse em diferentes situações de fragilização, assim como, um pertencimento ao mercado de trabalho. A vulnerabilidade se caracterizaria, assim, na fragilização de uma ou outra linha, em diferentes graus. Entretanto, nos parece que uma boa rede de suporte viria a proteger mais que uma boa inserção profissional, em todo caso, o sujeito estaria vulnerável para o autor. Existiriam, ainda, alguns sujeitos que seriam alvo da chamada zona de assistência, algumas pessoas com deficiências, sofrimentos psíquicos, alguns idosos, dentre outros, pela impossibilidade de inserção laboral.

Na PNAS a definição parece ressoar as do autor,

“Constitui público usuário da Política de Assistência Social, cidadãos e grupos que se encontram em situações de vulnerabilidade e riscos, tais como: famílias e indivíduos com perda ou fragilidade de vínculos de afetividade, pertencimento e sociabilidade; ciclos de vida; identidades estigmatizadas em termos étnico, cultural e sexual; desvantagem pessoal resultante de deficiências; exclusão pela pobreza e, ou, no acesso às demais políticas públicas; uso de substâncias psicoativas; diferentes formas de violência advinda do núcleo familiar, grupos e indivíduos; inserção precária ou não inserção no mercado de trabalho formal e informal; estratégias alternativas de sobrevivência que podem representar risco pessoal e social.” (BRASIL/ PNAS, 2004, p. 33).

Vulnerável, esta palavra¹⁰³ apresenta definições que parecem tratar de algo que foi, pode ser, será vitimado, vemos a fraqueza em contraposição à força. Tal fraqueza, que pode vir a fazer ruína no estabelecido – como quando tratam dos processos de proteção que se têm em um programa ou noutra em relação às contaminações viróticas de acesso as redes na internet, e/ ou quando da vulnerabilidade social, que parece falar de pessoas, grupos em risco de sofrer, impedidos de resistir por ‘n’ razões. Mas chama-nos a atenção que ao mesmo tempo, poderia haver uma potência disruptiva no campo social provocada por sujeitos, interfaces virtuais que possuem este codinome. A tensão oriunda das relações deste “povo vulnerável” com a “organização social” poderia produzir rachaduras nesta, aberturas ou, simultaneamente, novas durezas.

A problemática da vulnerabilidade parece engendrar modos de subjetivação, que encerram subjetividades em um papel contínuo de vítimas. Onde as forças do fora são vividas de modo avassalador, como impossíveis de transpor, já que geram suposições de não se ter força, poder e recursos materiais ou afetivos suficientes. Muitas vezes, culminando no encontro com linhas de abolição ligadas ao uso de drogas, a violência, o abandono de si e do outro.

Inventamos três personagens para podermos pensar esta “subjetivação vulnerável”, inspirados de certo modo pelas leituras de Nietzsche - Deleuze.

Vitimados- passivos, os sujeitos que exprimem esta problemática são alvo de toda sorte de investimentos desde as políticas públicas até as ações individuais de caráter religioso ou de benfeitorias empresariais que geram descontos em impostos de renda. Pensamos que este combate à fraqueza, no limite, se relaciona com um poder que quer controlar a vida em seus liames mais delicados, tomando o fraco, frágil, vulnerável como aquilo que a infecta, impede. Ou de outro tanto, se refere aos mecanismos biopolíticos mais sutis do capitalismo conexionista, que atento às variações, deseja-as, transmuta-as, direciona-as, coopta os fluxos de invenção em sentido próprio. Neste sentido último, a

¹⁰³ “**Vulnerável** é algo ou alguém que está **suscetível a ser ferido, ofendido ou tocado**. **Vulnerável** significa uma pessoa **frágil** e **incapaz** de algum ato. O termo é geralmente atribuído a mulheres, crianças e idosos, que possuem maior **fragilidade** perante outros grupos da sociedade. Na sociedade, um indivíduo vulnerável é aquele que possui condições sociais, culturais, políticas, étnicas, econômicas, educacionais e de saúde diferente de outras pessoas, o que resulta em uma situação desigual. O fato de existirem indivíduos em uma situação vulnerável faz com que exista uma desigualdade na sociedade”. <http://www.significados.com.br/vulneravel/> acesso em 22/01/2014. Ou, **Vulnerável**: “1.Algo frágil, incapaz; 2.Diz-se do ponto pelo qual alguém ou algo pode ser atacado, ferido ou ofendido; 3.Fraco, não consegue resistir; 4.Que se encontra fragilizado numa determinada circunstância; 5.Que é uma coisa frágil ,fraca.” <http://www.dicionarioinformal.com.br/vulner%C3%A1vel/> acesso em: 22/01/2014.

vulnerabilidade chegaria a ser enaltecida, a fluidez, a capacidade de deslocamento, de flexibilidade ou como quer Brian Holmes, um self flexível¹⁰⁴.

Parece-nos que se de um lado a metaestabilidade, aquilo que gostaríamos de defender em relação à produção de subjetividade, vem sendo cooptada pelos dispositivos de poder, de outro lado, a vulnerabilidade que se engendra com a pobreza incide outra linha de força que quer dar condições materiais de igualdade para que a possibilidade da efetuação subjetiva modelar aconteça. A “menina-modelo” parece fazer problema exatamente aí turvando a relação vítima-vulnerabilidade, emprestando-lhe outras formulações que mais falam de um E, força e fragilidade.

“Pois que a vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. (...) Mas uma coisa descobriu inquieta: já não sabia ter tido pai e mãe, tinha esquecido o sabor. E, se pensava melhor, dir-se-ia que havia brotado da terra do sertão em cogumelo logo mofado. Ela falava, sim, mas era extremamente muda. Uma palavra dela eu às vezes consigo, mas ela me foge por entre os dedos.” (Lispector, 2006, p.33)

Vitimados-ativos, de outro lado, tornam-se os combativos ao sistema, lutam contra aquilo que acreditam impedi-los de serem sujeitos mais potentes no mundo. “Contudo, nos diz Deleuze (1996), se as opressões são tão terríveis é porque impedem os movimentos, e não porque ofendem o eterno” (p.152). Vitimados pelo outro, procuram pelos culpados, o poder, o capital, o prefeito, dentre outros. Circulam neste papel, têm ‘sangue nos olhos’. Buscam por justiça, por igualdade, e algumas vezes, operam como os próprios justiceiros.

Não nos furtamos, aqui, de lembrar que cada uma destas linhas se multiplica em muitas outras, e não são posições contrárias, mas que se intercambiam. De toda maneira, gostaríamos de lançar luz naqueles que desertam estas posições mais hegemônicas, ligadas a certa reatividade, e se propõem a afirmar um modo singular de existir.

Os desertores, uma espécie rara. Atravessam o território, seus nós, suas fugas como que os surfando. Deslizam por entre as linhas e inventam modos de a vida continuar. Dificilmente são capturados, quando isto acontece, fazem usos singulares revertendo à dominação em afirmação. Povo do deserto. Fazem problema nos dispositivos.

¹⁰⁴ Holmes, Brian. La Personalidad Potencial – transubjetividad em la sociedade de control <http://brianholmes.wordpress.com/la-personalidad-potencial/> acesso em 20/01/2014.

Recupero de Melville (2005) um de seus personagens, Baterbly, mais uma vez neste texto, buscando evocar com ele estas vozes da deserção. Diz-nos:

Estava sentado nessa posição quando o chamei, dizendo depressa o que eu queria que fizesse, isto é, conferir um pequeno documento. Imagine a minha surpresa, ou melhor, a minha consternação, quando sem sair de seu retiro, Baterbly respondeu com uma voz singularmente amena e firme, “acho melhor não”¹⁰⁵.

(...) Com qualquer outro homem, eu teria tido imediatamente um acesso de raiva e o teria expulsado, desprezando quaisquer explicações. Mas havia algo em Baterbly que não apenas me desarmou como também me comoveu e desconcertou de maneira assombrosa. Pus-me a raciocinar com ele. (p.8-10)

Deleuze (1997), em sua leitura, observa em Baterbly uma escrita cuja “fórmula” – preferiria não, prefiro não e suas variações ao longo do texto de Melville - consistiria em fazer enlouquecer o mundo, revirá-lo. “A fórmula germina e prolifera. A cada ocorrência é o estupor diante de Baterbly, como se se tivesse ouvido o indizível ou o irredutível. E é o silêncio de Baterbly, como se tivesse dito tudo e de chofre esgotado a linguagem. (p.82)”. O filósofo segue apontando o movimento que esta posição irá produzir no em torno do personagem, por contaminação, produzindo “propostas e condutas estranhas.” Por dentro mesmo de copiar, o esgotamento, o personagem coloca-se no meio, no “e”, da sentença preferir e não preferir, e vê-se, com a ajuda do filósofo, crescer um nada de vontade. O próprio Baterbly não conseguirá mais copiar. “Seu meio de sobrevivência consiste em preferir não cotejar, mas por isso mesmo não preferir copiar. Precisava recusar um para tornar o outro impossível. (p.83)”. Neste ritornelo, a fórmula faz passar insistentemente pelos mesmos estados, voltando-se sobre si mesma, produzindo o novo no seio do mesmo.

Avizinhandos-nos destas leituras observamos estas figuras transtornarem as linhas molares que separariam vulneráveis e não vulneráveis, e integrados e desfilados, fazendo morada no meio, tornando impossível a captura nesta ou naquela condição. Por dentro mesmo, com as figuras modelares da subjetividade contemporânea, vão produzindo rastros, vestígios de uma vida outra levando a vida humana ao limite do

¹⁰⁵ Em Deleuze (1997), encontraremos da frase original: “I would prefer not to”, outra tradução, em que se lê: preferiria não. Observamos ter uma diferença sutil, mas importante entre as duas. Não tem haver com a vontade de ou não, mas, com a afirmação de uma posição em que a vontade não impera, um nada de vontade.

inumano. “é a comunidade dos celibatários segundo Melville, arrastando seus membros num devir ilimitado (Deleuze, 1997, p.98).”

Ao contrário de representarem as figuras limites do social, os excluídos, fazem o social virar sobre si mesmo, abrindo-o a outros posicionamentos, outras composições possíveis. Não aqueles que estariam na borda da “grande sociedade”, mas, sim, os que inaugurariam uma comunidade por vir. Figuras que enunciam não um assunto particular ou individual, mas, agenciamentos coletivos de enunciação. (Deleuze, 1997)

O que as impede então de fundir-se num todo? Resta-lhes precisamente sua ‘originalidade’, quer dizer, um som que cada uma emite, como um ritornelo no limite da linguagem, mas que só emite quando toma a estrada (ou o mar) com o próprio corpo, quando leva a vida sem buscar a salvação, quando empreende sua viagem encarnada sem objetivo particular e então encontra o outro viajante, a quem reconhece pelo som. (...) uma moral da vida¹⁰⁶ em que a alma só se realiza tomando a estrada, sem outro objetivo, exposta a todos os contatos, sem jamais tentar salvar outras almas, desviando-se das que emitem um som demasiado autoritário ou gemente demais, formando com seus iguais acordos/acordes mesmo fugidios e não resolvidos, sem outra realização além da liberdade, sempre pronta a libertar-se para realizar-se (Deleuze, 1997, p.101).

76

Outra imagem nos vem à mente que nos parece avizinhar-se dos desertores, trata-se de um trabalho da artista plástica, Rivane Neuenschwander¹⁰⁷.

Uma bolha de sabão caminha por espaços de uma casa. Efêmera combinação de água e sabão, em conjunção com o ar, frágil, sustenta-se nesta forma por pouco tempo, logo volta a se tornar múltiplas partículas rarefeitas que voltam a se atrair. A bolha de sabão se constitui de tensões e atrações entre as moléculas de sabão e de água, as primeiras compõem uma fina membrana que sustenta a água em seu interior no contato com o ar. Uma membrana de moléculas abertas ao exterior. Vemos a bolha caminhar em diferentes superfícies, realizando combinatórias variadas com os espaços de casas. Azulejos, paredes, banheiros, papeis, trechos em reforma. Tudo varia tudo está incluso recortado pelo trajeto que a bolha realiza. Um finito ilimitado. Uma vida.

¹⁰⁶ Deleuze, aqui, se refere a um texto de Lawrence.

¹⁰⁷ Referência ao trabalho da artista plástica Rivane Neuenschwander, *Inventário das Pequenas Mortes (Sopro)*, <http://www.youtube.com/watch?v=HW5zb2nLs8w>: acesso em: 20/01/2014.

Uma vida, em Deleuze (1997), corresponde ao impessoal, uma hecceidade “que não é mais de individuação, mas de singularização: vida de pura imanência, neutra, além do bem e do mal, já que só o sujeito que a encarnava no meio das coisas a tornava boa ou má (...)” (p.18). Acontece que a fraqueza neste exercício de pensamento a que nos propomos está vinculada com a condição de produção da vida, esta que pressupõe a abertura ao fora, as brechas, aos respiros necessários a sua própria continuidade, a sua criação permanente. A fragilidade da vida não se refere mais o homem, este, ao se apagar, dá espaço para a “essência singular”, virtualidades que se exprimem homem a cada vez. *“Chão do sertão” de onde brota a menina.*

Deste modo, partimos da compreensão de que o corpo é um processo de produção permanente em contato com os ambientes, com as diferentes ecologias que o formam e, que ele forma. As diferentes velocidades indicam estruturas mais densas e mais fluídas em todos os estratos, - formas-corpo - que se efetuam e se conjugam simultaneamente às partículas virtuais e suas agitações imanentes. Em um corpo coexistem tendências – estratos de organização e de identidade – ao mesmo tempo em que seus pacotes de afectos de potências.

Um corpo poderia ser pensado então como um plano sempre se fazendo e desfazendo, onde tudo e nada podem acontecer, na afirmação das explicações, implicações de um modo. Somos assim, modos da substância. (Deleuze, 2008, p.217)¹⁰⁸.

Deleuze [2009] diz que em Espinosa, do ponto de vista da natureza inteira, existem apenas composições de relações, já que a natureza apreende todas as relações. Somente quando isolamos uma parte da natureza temos as decomposições. Assim, dirá ele, “o que chamo EU, é um conjunto de relações precisas e fixas que me constituem (...) aqui há composições e decomposições.” [Deleuze, 2009, p.130-1]¹⁰⁹. Cada ente é um sistema de relações que não deixa de passar umas pelas outras, das mais simples às mais complexas, das mais complexas às mais simples, de compor e de recompor-se. Isso engendra a singularidade do ente, o modo como se exprime este sistema de relações múltiplas e persiste.

¹⁰⁸ DELEUZE, G. *Em medio de Spinoza*. 2 ed. Buenos Aires: Cactus, 2008.

¹⁰⁹ DELEUZE, G. *curso de 13 de janeiro de 1981*. IN: Deleuze, G. **Cursos sobre Spinoza** (vincennes, 1978-1981). Fortaleza: EDUECE, 2009.

O processo de subjetivação, assim, se efetua a cada vez, por meio daquilo que Deleuze nomeará como “charme”, como aquele traço singular - como o modo se agencia com as forças do mundo segundo seu poder de afetar e de ser afetado. Feridas?

Aquele corpo franzino, meio curvado sobre si mesmo, pequeno e sujo habitava o canto da sala. Sua boca grunhia sons que se assemelhavam a palavras, mas era uma tão despalmada frase que quase nada compreendíamos. Houvera um tempo onde se chamou criança aquele ser, mas era difícil apreender seu “infantil”. Carregava nuvens narrativas na forma de tempestades, histórias de abandono, violência, fome, descaso. Suas linhas de existência se arrastavam pela sala, como o cheiro de seu corpo. Compunha-se, decompondo “criança”. Na falta de forma de seu corpo infantil operava uma força sem igual, dobrando para si, atenção, alimento, cuidados variados, compondo trajetos que ampliavam seu poder de existir. Com um carrinho-caminhão vermelho, uma cor vibrava naquele canto da sala, implicando-nos com a repetição de um movimento no mesmo lugar de ir e vir. Nada em seu rosto ou gesto variava de intensidade, repetia carrinho para lá e para cá. Acompanhar seus trajetos implicava em muita decomposição, sufocávamos um grito na garganta, sentíamos a dor e a paralisia de seu corpo pequeno nos contaminar. Procuramos por seus trejeitos, seus traços singulares, por suas virtualidades, implicamo-nos com o processo de produção desta vida. Um dia uma menina entra na cena com um posto de gasolina, ele a observa com seu vaivém de caminhão, ela quer juntar caminhão-posto de gasolina, para ele isso não faz sentido. Ela pega outro carrinho, ele quer juntar caminhão e carrinho com som de trem. Aconteceu um menino-trem.

Em outro dia qualquer havia uma menina e um bolo. A menina gostava de brincar de cantar e dançar, às vezes de quebra-cabeça. A menina vivia machucada estranhamente. Tinha uma amiga, com quem, resolveu fugir de casa, uma, duas, algumas vezes. Quando chegava trazia o vento, seus cabelos revirados amarrados com uma tiara prateada imprimiam uma delicada graça em seu rosto. Falava baixinho. Um dia chegou com essa ideia, queria fazer um bolo. Executá-lo exigiria negociar com a cozinheira, abrir lugar para usar o fogão, trazer material para realizar o bolo. Trouxe morangos para colocar sobre a calda que o cobria. Um bolo e tanto. Assou. De posse do bolo, pegou uma faca, comeu um pedaço, cobriu com um pano o restante do tabuleiro, e colocou-se a caminhar pelos corredores com o bolo. Para alguns oferecia um pedaço. Condicionados às causas, perguntamos de diferentes modos pelos sentidos daquele bolo. Com quem e onde iria

comer, imaginamos situações, desejamos. Ao que nos respondia não saber. Era um bolo e fim.

Fazemos um exercício de transversalizar vulnerabilidade, deslocando-a de uma oposição à integração, mas pensando em seu caráter instável, frágil, como uma abertura na estabilidade que a outra condição engendraria. Vulnerável como entrelaçamento de força e fraqueza. E, então, retomar à pergunta de Espinosa, que pode um corpo nestas ou naquelas condições?

Emprestamos de Pelbart (2010) a formulação

Seria o caso de percorrer essas duas vias maiores como numa fita de moebius, o biopoder, a biopotência, o poder sobre a vida, as potências da vida. O próprio termo biopolítica tem um sentido paradoxal. Ora designa certas formas de dominação sobre a vida, tal como definidas por Foucault, ora designa justamente o contrário, ou o mesmo visto de baixo, a saber, a vitalidade social e sua potencia constituinte, tal como Negri e outros, em parte inspirados por Deleuze, lhe subverteram o sentido. De modo que se por um lado a vida aparece pulverizada e decomposta pelas operações de decodificação capitalística, ela também se abre para combinações ilimitadas, ela também é energia a-orgânica, corpo-sem-órgãos, virtualidade pura. Ao deixar de ser definida apenas a partir dos processos biológicos aos quais a tecnociência manipulatória pretende reduzi-la, a vida inclui a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva, o intelecto em geral. O bios é remetido intensivamente ao caldo semiótico e maquínico, molecular e coletivo, afetivo e econômico, sendo pensado como um poder de afetar e de ser afetado, no contexto de um agenciamento complexo. (p.27)

O bolo da menina movimentou um estado de coisas. Sua recusa a definir o bolo, implicou-nos um exercício de descolamento dos sentidos habituais, uma estética. Sua circulação pelo espaço tomando o bolo como o evento que permitia outras vozes aparecerem na cena, as da cozinheira, por exemplo, outros espaços serem habitados como o da cozinha de uma instituição em que depois de comerem todos devem limpar com um paninho seu pedaço na mesa. Onde a comida é doada, come-se o que tem dividido igualmente para todos. E devem comer tudo, não pode sobrar. Subvertendo, o bolo de morangos frescos, circula pela instituição, fazendo afetivamente sua partilha.

Não era “para todos”. Não era igual. Desigual, servido na mão e em trânsito. Uma intervenção poética e política.

Tomar a condição de fragilidade, de vulnerabilidade como imanente ao projeto pode vir a ajudar a sustentar-se neste plano outro de composições, em uma posição crítica em relação aos fluxos que se engendram, não se tem como saber de antemão, talvez tenhamos reencontrado a prudência. Prudência que observa, que a cada vez se pergunta com o que estamos no aliando, como efetuamos este ou aquele dispositivo de cuidado...uma espécie de atenção distraída.

Um artista outro, convocamos nesta nossa enunciação. Lançamos mão de um fragmento literário de Kafka, em seu conto “Josefina, a cantora” que pensamos operar na vizinhança do que vamos tentando dizer, gaguejar, assobiar...

(...) enquanto isso Josefina entoava seu assobio triunfal e, completamente fora de si, estendia os braços e esticava o pescoço até o limite máximo. Aliás, ela é sempre assim: qualquer ninharia, qualquer renitência, um estalo na plateia, um ranger de dentes, uma falha de iluminação, ela considera adequados para aumentar o poder de seu canto. (...)

(...) e quando estamos sentados diante dela compreendemos – só se faz oposição à distância; quando se está sentado diante dela, sabe-se: o que ela aqui assobia não é assobio. (...) (Kafka, 2007, p.40-1)

Alimentados pela concepção de Gilbert Simondon acerca dos processos de individuação, buscamos por operadores conceituais que intercedam e sustentem o pensamento em sua aventura de experimentar, problematizar (Deleuze, 2005). Em Simondon (2003), há uma crítica ao pensamento que tende a voltar-se ao “ser individuado acabado” e com isso, observando todo o processo de individuar-se como algo a se dar no tempo, com começo, meio e fim, e no fim, o indivíduo. Ao contrário, propõe ele, seria importante reverter o olhar para o processo de individuação, do qual o indivíduo seria apenas uma expressão parcial, precária. “(...), pois, a individuação não esgota de uma única vez os potenciais da realidade pré-individual; por outro lado, o que a individuação faz aparecer é não só o indivíduo, mas também o par indivíduo-meio.” (Simondon, 2003, p.101). Com estes intercessores, pensamos encontrar outro modo de virar vulnerável, retirar-lhe a dureza de uma identidade para afirmar as passagens do ser sendo. E, ainda, nas narrativas como dispositivos de enunciação coletiva que vamos colocando ao lado do discurso

teórico, cientes da fragilidade de sua escrita em um trabalho acadêmico, de sua precária enunciação fabulada dos eventos compartilhados nestes anos de trabalho no TOCCA. Esta posição cambiante entre o verídico e o fabulado, ajuda-nos a testemunhar o vivido.

....deu consigo no escuro...e se não foi bem isso...inconsciente...inconsciente...pois ela ainda podia ouvir o zunzum....o dito....no ouvido....e um raio de luz surgiu e desapareceu...surgiu e desapareceu...tal como a lua podia iluminar...deixando-se levar...a entrar e a sair da nuvem...mas tão apática...pressentimento....sensação tão apática...ela não sabia...em que posição estava...imagine!....em que posição estava!....de pé...ou sentada....ou ajoelhada....o cérebro, no entanto...o que?deitada?...sim...de pé...ou sentada....ou ajoelhada...ou deitada....mas o cérebro ainda....ainda....de um modo...pois seu primeiro pensamento foi...oh! bem depois...de repente, um lampejo....criada como ela foi de modo a acreditar....juntamente com outras crianças abandonadas....num misericordioso.....(riso breve)....Deus....(gargalhada).... (Beckett, *Eu Não*, s/d)

Concordamos com Inforsato (2010), quando afirma: “Busca-se menos por indivíduos, mais por processos vitais sempre em vias de produzir um si mesmo singular, qualquer e não específico, genérico e não universal.” (p.44) Interessa-nos, aqui, que vulnerável deixe de ser uma condição relativa à ausência de algo e passe a ser afirmativa de um ser que se quer a cada vez, expressão singular de seus encontros com o mundo. Trata-se de um ser qualquer, como quer Agamben (2013), mas ao sê-lo não pode ser qualquer um, indiferenciado. Ao ser qualquer “tal qual é”, é dada a expressão máxima da singularidade e, deste modo, um ser que importa.

É preciso lembrar, contudo, que as virtualidades de um coletivo transindividual trazem possibilidades, e não garantias, de sua realização. Sabemos que o capitalismo conexionista e as dinâmicas institucionais decorrentes, podem reabsorver a potência política do coletivo e do comum, dissolvendo-a e fazendo-a trabalhar a seu favor. Esse é um risco sempre iminente. (Escóssia, 2009, p.692)

Transversalizar vulnerabilidade, como? Ver as frestas na palavra, talvez nos ajude a enxergar outros possíveis, minorar a língua, revirar os mundos que se engendram com ela e nela para encontrar onde se inventa ou quem sabe, fazer um bolo, um desenho,

uma história. Para mim, dirão Guattari & Rolnik (1996), “o problema de uma analítica micropolítica é, justamente, o de nunca usar um só modo de referência” (p.132). Em meio às multiplicidades de processos de subjetivação, analisar o cruzamento contínuo de diferentes modos de apreensão de uma problemática.

Comunidade. Comunidade?

"É que toda minha força está sendo usada para eu conseguir ser fraca." Clarice Lispector ¹¹⁰.

Eu, que vou me apagando na medida em que escrevo. Eu, que sou comunidade, carrego fragmentos de comum partilhados nos rastros de mim. Eu, dobras de meus múltiplos, escrevo-as como posso. Neste pedaço de texto busco enunciar as vozes que se dizem nesta palavra *comunidade*, tão presente neste texto, nas conversas e nos trajetos que nos trouxeram até aqui, uma pequena digressão.

O encantamento com certa noção de comunidade data de muito tempo e, talvez, carregue as histórias comunistas de meu avô, os ideais de igualdade, fraternidade e liberdade presentes no mundo de minha mãe, ou não. Pode ser a expressão de quem nasceu em um regime ditatorial e acompanhou no corpo os efeitos da democracia se fazendo. Podem ser as muitas formações religiosas vividas, com os princípios espiritualistas ou até mesmo budistas ou com outros ritos, as experiências cênicas. Talvez se diga com as danças circulares sagradas e, mais recentemente, com as descobertas em torno das ecovilas, das comunidades que geram e distribuem renda nas economias solidárias, modos de viver junto. Pode ser, quem sabe, que esta relação seja parte de um sintoma contemporâneo que expresse o medo do desligamento, do isolamento, a sensação de não pertencer e a convocação diária das energias subjetivas na construção de um pertencimento global, atrelado diretamente com os meios de produção econômicos e geopolíticos.

Neste patchwork que vou compondo escuto as falas daquilo que foi aos poucos tecendo o coletivo TOCCA, cada palavra, intenção, gesto. Alguns fragmentos se relacionam com as muitas migrações vividas, com experiências fortes de passagens que foram se dando

¹¹⁰Lispector, C. Para Não esquecer. RJ: Ed. ROCCO, 1978.

no tempo cronológico com começo, meio e fim. Pessoas, lugares, histórias de um junto, a dois, a três, muitos.

No trajeto, um amor. O apaixonamento pelo “estar junto em trânsito” que exprimia um grupo de acompanhantes terapêuticos¹¹¹. O sarau, projeto composto junto com este grupo, foi um embrião do TOCCA, uma de suas gestações¹¹². Um coletivo. O modo como surgia a cada noite de sarau uma troca impessoal, um lugar de ser diferentemente, de compartilhamentos variados era de uma intensidade tamanha. Éramos tão diferentes entre nós, e ainda assim, emergia uma atitude de coletivizar. Era definitivamente encantador e movia o pensamento. A atividade era um disparador de inusitadas aproximações que se exprimiam concretamente em apresentações que exploravam as linguagens das artes e modos de interagir entre as pessoas. Havia um apagamento dos “eus” que definiam quem se era ao atravessar a porta da casa no sentido de uma experimentação do que se podia com a “casa sarau”.

Agenciamo-nos a Blanchot (2013) de modo a fazer o pensamento percorrer suas aberturas, ele nos diz:

A comunidade dos amantes – quer estes queiram ou não, quer gozem dela ou não, quer estejam ligados ao acaso, ‘amor louco’, a paixão da morte (kleist) – tem por fim essencial a destruição da sociedade. Lá onde se forma uma comunidade episódica entre dois seres que são feitos ou não são feitos um para o outro, se constitui uma máquina de guerra ou, para melhor dizer, uma possibilidade de desastre que porta em si, mesmo que seja em dose infinitesimal, a ameaça da aniquilação universal. (p.67)

¹¹¹ A proposta de apresentação de trabalho realizada na forma de uma intervenção com o convite de Hélio Oiticica como Guia “experimente o experimental” no Congresso Internacional de Acompanhamento Terapêutico, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre em 2008, marcou o início de uma parceria com os propositores da mesa, a equipe do Espaço Atitude. Parceria que se aprofundou nos dois anos seguintes (2009-2010) e rendeu muitos trabalhos que se propunham a construir dispositivos de intervenção na interface da saúde com as artes e a cultura. O Espaço Atitude se constituía na época em que me integrei ao coletivo como um grupo de acompanhantes terapêuticos, artistas e multiplicadores culturais que buscavam intervir para “provocar desacomodações, novos arranjos subjetivos, urbanos, possibilitar e sustentar florações de modos de existir, de fazer singulares.” (disponível em: <http://espacoatitudesarau.blogspot.com/2010/05/sarau-espaco-atitude.html>).

¹¹² E, é em fevereiro de 2009 que desponta o projeto SARAUS. Projeto, este, que incorpora a produção e execução mensal de um sarau na casa do Espaço Atitude, além de oficinas de atividades artísticas destinadas à população heterogênea. Inicia-se, assim, um mapa de projetos e de artistas que atuem na cidade de Porto Alegre em interface arte e saúde, arte e vida, buscando abrir lugar de expressão e trocas de saberes, afetos e poderes entre pessoas, projetos, modos de fazer e de viver. (projeto para “loucos pela diversidade” do MINC, 2009)

Nem partidas, nem chegadas, pontos de ebulição. Pensar assim implica que tal formato não deve durar, ter lugar na duração, sua força estaria exatamente em intercambiar presença e ausência, e do mesmo modo que se põe em ebulição volta à calma. Assim, para Blanchot (2013), é o povo, figura que assusta, ameaça e onde incidem violências que tentam capturá-lo por parte de um poder que não para de voltar-se para ele, que o quer exorcizar.

Nem Deus, nem Homem. O comum seria um intervalo entre. “É o que o Estado não pode tolerar, a singularidade qualquer que o recusa sem constituir uma réplica espelhada do próprio Estado na figura de uma formação reconhecível. (Pelbart, 2003, p.39).” Fagulha diferenciante que vemos dançar no menino-cachorro e sua recusa diante dos dispositivos escolares, e na menina-modelo cujos gritos para ser menina soam mais um assobio de Josefina. Atravessam o território problematizando, complicando, um tipo de resistência.

Outros pedaços desta colcha se referem aos movimentos sociais com os quais se encontrou em múltiplos trajetos e tempos. Atualmente, se exprime nas ruelas da comunidade por meio de sua associação de moradores e lideranças comunitárias no modo como gerem suas vidas e se apoiam. Especialmente no como se fazem grupo, mobilizados por alguma ação necessária e, logo em seguida, se desmancham em moradores, um grupo sempre outro, que não se eterniza embora muitas vezes se sonhe com isso, e algumas lideranças se frustrem com o grupo não ideal.

Entre conceitos, idealizações e experiências, o conceito de comunidade parece circular como forte expressão do estar junto atualizando-se diferentemente. Como estar junto na distância, seria esta uma pergunta cabível, ou ainda referida a uma vontade de universalizar o comum? Quando do TOCCA, pensamos em muitos momentos na construção de grupos que se apoiassem, fortalecessem vínculos, trocassem experiências, um tanto colados que estivemos em uma compreensão de comunidade ideal (sonhando com a sociabilidade que Castel nomeou como primária.).

Em sua leitura, Pelbart (2003), apoiado nas ideias de Jean Luc Nancy, apresenta modos de apreensão deste termo, aponta para a crítica de uma compreensão de comunidade que representaria um ideal de identificação, de trocas e de comunhão ao qual se buscaria retornar e, que a “sociedade”, com seu surgimento, teria apagado.

A comunidade perdida ou rompida pode ser exemplificada de várias formas, como a família natural, a cidade ateniense, a república romana, a primeira comunidade cristã, corporações, comunas ou fraternidades...sempre referida a uma era perdida em que a comunidade se tecia em laços estreitos, harmoniosos e dava a si mesma, seja pelas instituições, ritos, símbolos, a representação de sua unidade. (...) ela é constituída pelo compartilhamento de uma identidade, segundo o modelo da família e do amor. (Pelbart, 2003, p.32)

A comunidade como um mito moderno da “participação do Homem na vida divina (...) toda a consciência cristã, moderna, humanista da perda da comunidade vai nessa direção.” (p.32). Neste caminho, o autor nos apresenta a compreensão de Nancy¹¹³ que deserta a ideia de comunidade como algo perdido ou a ser reconstituído, mas, ao contrário, afirma que ela nunca existiu de fato. A comunidade “(...) tem por condição precisamente a heterogeneidade, a pluralidade, a distância. (Pelbart, 2003, p.33)”. Uma distância que se opera na afirmação das singularidades.

Os regimes totalitários, os fascismos de diversas ordens viriam a efetuar exatamente a igualdade, a semelhança, o desejo de fusão, como levando a cabo a obra porvir da comunidade. Mas nos ensina o autor, “ao desejo fusional, que da morte faz obra, contrapõe-se outra visão de comunidade, na contramão de toda nostalgia, de toda metafísica comunal. (Pelbart, 2003, p.33)”. Interessamo-nos, neste ponto, exatamente, para pensar nas dificuldades de invenção de espaços para experiências coletivas que possam se sustentar na contramão da homogeneidade de ideias, de atos, de palavras, de modos de subjetivar, mas, se exercitem nas distâncias e proximidades entre os seres singulares. Que podem? O que pode este coletivo TOCCA a cada vez? Como se faz um “coletivizar” neste projeto?

Observamos que os enunciados de comunhão atravessam o tecido social, os projetos, os modos de subjetivação aparecendo-nos nas formas como gestamos grupos, sonhamos laços sociais que perdurem e protejam os sujeitos dos “percalços da vida”, grupos de trabalho que compartilhem ideias e ações e, humanizem relações, enfim. Aparece, ainda, atravessando os discursos e as imagens de grupos que surgiram de ações na proteção básica voltados à “produção de vínculos”, “ ao fortalecimento familiar”. O que vem a singularizar modos de trabalhar no projeto, por exemplo, quando diante de um

¹¹³ Peter Pelbart comenta o texto de Jean Luc Nancy, “ La communauté désœuvrée” de 1986.

grupo familiar observamos as relações a partir de certa “comunhão” familiar. E, ainda, quando diante dos grupos de convivência e oficinas que propomos, analisamos seu coeficiente de grupalização.

Precisamos destes modos de pensar, que se constituíram, em parte, na contramão da maneira que vivemos a violência desterrada dos encontros com os mundos do projeto, suas dissonâncias, seus vazios e durezas. Reagimos, operamos a construção de uma saída idílica para podermos crer no mundo. Seguirmos a acreditar em alguma possibilidade outra para a vida. Acontece, que repletos de ressentimento, de culpa, a saída voltava repetidas vezes ao mesmo lugar, reagíamos.

A ruptura dos esquemas, ou a fuga para fora dos clichês, não conduz, certamente, a um estado de resignação ou de revolta meramente interior: *resistir se distingue de reagir*. Resistir é o próprio de uma vontade derivada do acontecimento, se alimenta do intolerável. O acontecimento é o próprio “potencial revolucionário”, que se esgota quando rebatido sobre as imagens já feitas (clichês da miséria e da reivindicação). (Zourabichvili, 200, p.353)

Fazemos um corte nesta fita de moebius, sociedade-comunidade. Neste ponto, traçamos uma linha e em seu meio reencontramos com as experiências do sarau, a comunidade que se faz e se esvai, a comunidade que é inapreensível, indizível, que é o acontecimento. Que é que produz? Vontade nascida do acontecimento, vontade que mais se assemelha ao eterno retorno, o que se deseja é o eterno lançar dos dados, dionisíaca, um amor à vida, àquela que se definiu anteriormente, hecceidade.

Ao longo da dissertação de mestrado perscrutamos um conceito curioso de Jerzy Grotowski, a *comunidade viva* – entre atores e espectadores, em seu caso, testemunhas - algo que para o autor surgiria, emergiria nas experimentações cênicas. Nem antes, nem depois, com ela, uma atividade, e o ator, neste sentido, exprimiria um corpo a cada vez com os elementos desta multiplicidade dando forma cênica. Aparece neste autor um modo de conceber o teatro enquanto produtor de uma *comunidade viva*, de onde partiriam suas pesquisas. A teatralidade, para ele, surgiria no encontro entre dois *ensembles*, o dos atores e o dos espectadores. Uma *comunidade viva* parece-nos enunciar o mapa das linhas de um encontro fazendo-nos perguntar: como se trançam e de que modo, o que escapa, o que se inventa, o que se repete... Que elementos estão visivelmente em jogo e como escutar as agitações por entre eles? (Angeli, 2008). Mas para conseguir tal evento, o encenador proporá um método, seu

teatro pobre, dirá, opera por retirada. Uma retirada que busca pela linha de criação, por aquele ponto que se pode dizer em seu devir - criança, “mais uma vez”.

Viração¹¹⁴

Um dia qualquer se ouviu uma história. O narrador contava suas peripécias e desventuras no período em que morou na rua. No relato, algo nos conecta com a “comunidade que vem”, como diria Agamben, é o momento em que nos diz: - na rua, eu carregava comigo uma carta e uma foto, era um jeito de me proteger caso a polícia me parasse, mas, durante todo o tempo que passei na rua ninguém nunca me perguntou quem era e de onde vinha, para onde iria, não importava! E isso não impedia que a gente se cuidasse, que a gente se ajudasse...

“O ser que vem é o ser qualquer” (p.9), com esta afirmação *Giorgio Agamben* nos convida no início de seu livro *A comunidade que vem*. E procedendo por retirada vai desnudando o ser em singularidade retirando-lhe qualquer condição de pertencimento aos estatutos de grupo, de social dominante. Um *ser tal qual é*. O ser que vai se esquecendo, sendo esquecido tornando-se qualquer, encontrar-se-ia com sua potência, com a alegria da afirmação, uma espécie de beatitude¹¹⁵.

Parece que ao encontrarmos Agamben, podemos incorporar o “vivo” ao conceito de comunidade, aquilo que é comum seria uma espécie de aliança entre o que faz pertencer e o que faz desertar. Aquilo que alimenta o ser qualquer, é ser qualquer um, em potência singular expressão do múltiplo que alimenta a própria multiplicidade. Retomamos aqui uma fragilidade, um ente que é a expressão dos agenciamentos que pode.

Para Agamben, 2013,

O ser-dito – a propriedade que funda todos os possíveis pertencimentos (o ser dito italiano, cão, comunista) – é, de fato, também aquilo que pode colocá-los todos radicalmente em questão. Ele é o mais comum, que elimina toda comunidade real. Daí a impotente onivalência do ser qualquer. Não se trata nem de apatia

¹¹⁴ “(...) Tua vida o tempo/A trilha o sol/Um vento forte se erguerá/Arrastando o que houver no chão /Vento negro, campo afora/Vai correr/Quem vai embora tem que saber/É viração (...)”. **Vento Negro**. Música de **Kleiton e Kledir**. <http://letras.kboing.com.br/#!/kleiton-e-kledir/vento-negro/> acesso em: 14/02/2014.

¹¹⁵ Referência ao pensamento de Espinosa em seu terceiro gênero do conhecimento.

nem de promiscuidade ou resignação. Essas comunidades puras se comunicam apenas no espaço vazio do exemplo, sem serem ligadas por nenhuma propriedade comum, por nenhuma identidade. Elas foram expropriadas de todas as identidades, para apropriar-se do pertencimento mesmo (...) (p.18-9).

O comum, o ter lugar, se faz na distância, ensina. Avizinhar-se, talvez fosse um verbo que dissesse comunidade. Mas, o que se pode apreender são efetuações provisórias, frágeis, o comum é o que foge inapreensível.

Retomamos Zourabichvili (2000), aqui, para tentar desdobrar este comum que é partilhado, sem fazer obra, ao contrário da obra do junto, uma partilha na distância para nada. “Favorecer, em si mesmo e no meio, o crescimento de um nada de vontade é resgatar o potencial, a situação como potência de encontro (...) O nada de vontade, a desafeição em relação às questões reconhecidas, é o resultado de um encontro com o mundo (p.348)”.

Alguém se coloca à frente de um fogão, liga-o e coloca uma panela no fogo. Nessa, vira um saco pequeno de leite e põe a ferver. Na outra boca do fogão, uma leiteira esquenta o café. Aquecidos, mistura-os. Seu corpo dança com os alimentos, pés inquietos, mãos atentas aos gestos, nariz e boca controlando o cozimento. Do armário retira um saco de arroz, da geladeira uma cebola e óleo, mistura-os na panela pequena de alumínio em mais uma boca do fogão. Uma mistura de cheiros invade o ambiente. Café, almoço e jantar misturam-se numa combinação alimentícia inclusiva. Alguém prepara sua refeição do dia. À beira do fogão alguém narra um episódio da vida. Nos bancos alguém escuta alimentando-se. As mãos antes atentas apenas às panelas e alimentos, agora desenham no espaço as formas das palavras, saltitam grãos de arroz nas panelas, fervilham sentidos. O corpo-narrador ganhando contornos novos à medida que a história avança, pés e pernas pesam firmemente no chão, a respiração mais intensa faz barriga, cabeça e pescoço participarem da conversa. As panelas e seus alimentos chegam a se aquietar sobre o fogão. Silêncios de um dia de chuva. Os olhos derramam-se em memórias, atualizando a expressão de uma vida. O transporte chegaria, eles se vão.

Deslocando-nos operamos por retiradas de categorias, de classificações, de suposições, de idealizações, assim como queria o artista, tornando “pobre” o termo comunidade. Fazendo-o encontrar-se com o seu menor, seu lado de baixo, agenciamentos coletivos de enunciação.

Agenciamos, neste ponto, a leitura de Deleuze & Guattari (2003) em seu texto acerca da literatura menor, para pensarmos nas expressões comunitárias possíveis e em seus coeficientes de desterritorialização disto que chamamos social, ou ainda, das comunidades dominantes – famílias, grupos, associações, sindicatos, cooperações diversas.

Quando falam da literatura, os autores nos dizem que só conheceremos o procedimento pela expressão, e enumeram três características de uma literatura menor.

Toda a língua é afetada por um forte coeficiente de desterritorialização, é a língua das massas¹¹⁶, do povo, àquela que se faz no “burburinho dos botecos”, em papéis ordinários. Pensamos é o lado de fora das “palavras de ordem”, os agenciamentos inusitados entre díspares que instauram modos de viver, como os do narrador da rua.

A ligação do individual com o político, “a questão individual, ampliada ao microscópio, torna-se muito mais necessária, indispensável, porque outra história se agita em seu interior. É neste sentido que o triangulo familiar se conecta com outros triângulos, comerciais, econômicos, burocráticos, jurídicos, que lhes determinam valores.” (Deleuze & Guattari, 2003, p.39).

Tudo toma um valor coletivo, só há agenciamentos coletivos de enunciação. “se o escritor está a margem ou à distância de sua frágil comunidade, a situação coloca-o mais à medida de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade.” (Deleuze & Guattari, 2003, p.40).

Nos trajetos do TOCCA, notamos um movimento de composição permanente, algo que já perscrutamos pela presença dos estudantes a cada começo de semestre e certa narrativa que precisa ser feita, mas também, pelos deslocamentos que foram feitos ao longo destes três anos e meio de trabalho. Habitamos muitos formatos, muitos lugares de trabalho materiais (instituições, ruas, espaços dos bairros onde estivemos) e imateriais (concepções de social, de comunidade, de terapia ocupacional, de atividade e de pausa, dentre outros) e suas agitações imanentes. A cada vez, um desenho TOCCA aconteceu, pedaços de intervenções que se deram em espaços fechados, com grupos ordenados por idade, atividades delimitadas em caráter de oficinas, avizinhandose de intervenções grupais em espaços abertos com atividades que surgem a cada vez, nas casas, acompanhando sujeitos pela cidade, transitando por espaços da cidade como serviço sócio assistencial, associações, escolas, serviços de saúde e conselhos de

¹¹⁶ (Lembramos, aqui, que as massas para Deleuze se relacionam com o coeficiente de desterritorialização do social, da sociedade...). como já apontado anteriormente na nota.

assistência. Na expressão TOCCA, nós começamos a ver dizíveis e visíveis que transbordaram os planos molares das intervenções, e que, por vezes, ganharam consistência nas formulações de novos modos de agir, de cuidar, de pensar, e se abriram novamente.

No TOCCA talvez opere certo nomadismo, facilitado em parte pela composição de seu grupo de trabalho e suas migrações imanentes, pela chegada e saída constante de estudantes, pelas necessidades acadêmicas de escritas de projetos, análises, avaliações constantes que caracterizam um projeto de extensão. E, ainda, pelas vírgulas que compõem seu nome... Talvez emergja no entre as suas palavras e suas pausas, presenças e ausências, esta a sua frágil, provisória e sempre se fazendo comunidade. “o que é justamente um dos traços da comunidade, quando a comunidade se dissolve, dando a impressão de jamais ter podido ser, mesmo tendo sido. (Blanchot, 2013, p.73).”

De outro lado, como escapar a certo nomadismo que é enaltecido hoje, o do ser criativo, flexível, comunicativo e com a plasticidade necessária para adaptar-se às diferentes situações, de modo a seguir produtivo, produtor de si e do mundo. Ou ainda, que é o próprio funcionamento do poder, um modo de responder aos muitos fluxos sociais, econômicos, biológicos, informacionais do contemporâneo. Mas se de um lado a flexibilidade enuncia os jogos de força do contemporâneo, de outro aparece seu dizível, que apostamos morar nas vírgulas. Tratamos, aqui, de uma expressão cujo procedimento inventa os caminhos de fazer na medida mesma que os traça, abrindo-se para o novo. Neste sentido, pensamos que desertar a fazer parte do grupo, da “comunidade dos trabalhadores sociais”, abriria uma potência ao projeto.

Por outro lado, ainda, vimos os atravessamentos institucionais da universidade na condição que temos, a saber, de um curso ainda se implantando, em processo de reescrita de seu ‘Projeto Político Pedagógico’, de espaços ainda precariamente investidos – de reuniões, salas de aula, laboratórios de atividades, secretarias etc. – de pessoas que ainda estão chegando, vindos de longe ou de perto¹¹⁷, se familiarizando, prestando concurso, vir a desenhar um território institucional como que em trânsito. Uma instituição cujas durezas puderam ainda, não se fixar em procedimentos padrão e normas variadas e, sim, se deixar contaminar pelas flexibilidades que se abrem desta precariedade com que se lida cotidianamente. Interessante movimento que parece

¹¹⁷ O corpo docente do curso de terapia ocupacional constitui-se, em sua maioria, por sujeitos que vieram de diferentes lugares geográficos do Brasil.

oferecer espaços para as vírgulas sem ponto final, para um “e” incessante que instiga à criação de novos de modos de estar junto, de ensinar e cuidar.

[Pausa]

Vento
Quem vem das esquinas
E ruas vazias
De um céu interior

Alma
De flores quebradas
Cortinas rasgadas
Papéis sem valor

Vento
Que varre os segundos
Prum canto do mundo
Que fundo não tem

Leva
Um beijo perdido
Um verso bandido
Um sonho refém

Que eu não possa ler, nem desejar
Que eu não possa imaginar

Oh, vento que vem
Pode passar
Inventa fora de mim
Outro lugar

Vento
Que dança nas praças
Que quebra as vidraças
Do interior

Alma
Que arrasta correntes
Que força as batentes
Que zomba da dor

Vento
Que joga na mala
Os móveis da sala
E a sala também

Leva
Um beijo bandido
Um verso perdido
Um sonho refém

Que eu não possa ler, nem desejar
Que eu não possa imaginar.

Oh, vento que vem
Pode passar
Inventa fora de mim
Outro lugar.¹¹⁸

¹¹⁸ Ramil, Vitor. Invento. <http://letras.mus.br/vitor-ramil/1107707/>. Acesso em 02/03/2014.

Clínica. Oficina de contação de estórias, uma terapêutica ocupacional.

Buscamos neste trecho enunciar problemas que se referem à produção de *uma* terapêutica ocupacional no TOCCA. Que vozes se dizem com ela? A que dão a ver e ouvir, e o que lhes escapa? Que pode neste ou naquele encontro clínico?

Talvez nossa afeição pelas relações entre sujeitos e matérias expressivas, dentre elas, os materiais brutos com os quais as ações se exprimem, nos leve a gostar de algumas imagens. Pensamos na urdidura de tecidos que vão se tornando mais densas ao longo de nosso estudo, e lembramo-nos da imagem do feltro desenhada em *Mil Platôs (5)*, por Deleuze e Guattari. Os autores se utilizam da imagem dos tecidos para retirar-lhes os procedimentos e, com estes, tecer seus conceitos de espaço liso e estriado. Em nosso caso, pensamos na composição deste estudo, e nos procedimentos que decorrem deste, na mesma medida em que fazemos o trajeto. Deleuze e Guattari (2005b) nos contam que o feltro fora produzido pelos nômades, um tecido feito de um emaranhado de fibras por prensagem. Dizem, “o nômade, ao tecer, ajusta a vestimenta e a própria casa ao espaço exterior, ao espaço liso aberto onde o corpo se move” (p.181). Uma matéria que exprime seus encontros com o mundo.

93

Vimos observando que roupagens os personagens do TOCCA puderam produzir e vestiram, tiveram a tendência a tecer e a vestir, que técnicas de tramar tecidos se utilizaram e como para se abrigar do frio, calor e ventanias intensas de Santa Maria. E como os diagramas biopolíticos aparecem como parte desta expressão, e por vezes, dando direção a esta. Buscando mais uma vez pelas virações, notamos que “entre o feltro e o tecido existem muitos abraçamentos, muitas misturas. (Deleuze e Guattari, 2005, p.181)”. Ao longo do trajeto temos desconfiado de algumas palavras, dentre elas, a de campo social, para caracterizar o projeto, ela nos parece demasiado brim, jeans.¹¹⁹ Em todo caso, tentamos cartografar como a resistência nesta trama pode nos fazer ver as singularizações de seus usos, dentre elas, a de uma terapêutica ocupacional possível.

Interessa-nos na leitura de Deleuze (2005) com Foucault, em parte, o aprofundamento que faz acerca dos diagramas ajudando-nos a compreender de que modo na atualidade as relações de forças biopolíticas investem na própria produção do desejo. Explica-nos o autor que o diagrama ou máquina abstrata são os mapas das relações de forças que virão a atualizar seus efeitos por meio dos agenciamentos concretos ou dispositivos,

¹¹⁹ Tecido de algodão, cuja trama é fechada e resistente.

dando forma à sua matéria fluente e à sua função difusa. (p.47) Sendo causa imanente, produz diferentemente os agenciamentos concretos que passam pelo próprio agenciamento que produzem, sendo assim, é aquela cujo efeito a atualiza, integra e diferencia. (p.46). Aponta, ainda, que o diagrama vem do fora – onde tudo é metamorfose- sendo um conjunto de relações que não esgota a força, que pode sempre novas e variáveis combinatórias. Segundo o autor, com efeito, um diagrama apresenta ao lado das (ou antes, face às) singularidades de poder que correspondem as suas relações, singularidades de resistência, os “pontos, nós, focos” que se efetuam por sua vez sobre os estratos, mas de maneira a tornar possível a mudança. (2005, p.96)

Um diagrama, portanto, se diferencia dos estratos que lhe dão forma e estabilidade, aspectos que não possui por si mesmo, já que as forças são inseparáveis de sua agitação, ou em suas palavras, “as forças estão em perpétuo devir, há um devir de forças que duplica a história”. (Deleuze, 2005, p.92). Deste modo, veremos migrar as relações de força na produção do biopoder para novos modos de controle que incidem sobre os processos de subjetivação em seus fluxos, intervindo, assim, na condensação de forças que produzem a própria subjetividade.¹²⁰

Aventuramo-nos a atravessar zigzagueando por entre estratos e diagramas, por pedaços de história da terapia ocupacional e desta no chamado campo social, e seus devires quando das atualizações no TOCCA.¹²¹ Ressaltamos, com isso, que temos o conhecimento de que muito vem sendo dito e escrito sobre e destas histórias e que, eventualmente, ressoam, contaminam, destoam às composições deste território. Porém, pensamos, aqui, aquilo que nos interessa para podermos atravessar estes matagais e desertos em que nos embrenhamos.

A atuação do terapeuta ocupacional no campo social no Brasil ganhou força em fins dos anos de 1970, mobilizada pelos debates críticos, com fundamentação histórica social,

¹²⁰ “De fato, cumpre enfatizar que subjetivação e subjetividade são conceitos rigorosamente distintos no plano filosófico foucaultiano-deleuziano. A subjetivação é o contato da dobra do si com as forças cósmicas; ao passo que a subjetividade são nucléolos que surgem no interior da dobra como desaceleração do processo de subjetivação. Um eu, uma identidade, outros nomes da subjetividade, se por um lado, são pontos de parada no processo de subjetivação, por outro lado, são ancoradouros que garantem a navegação desse mesmo processo.” (Cardos Jr, H. R.; *Foucault e Deleuze em coparticipação no plano conceitual*. IN: Veiga-Neto et al. (org.). **Imagens de Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: DP&A ed., 2005.

¹²¹ Neste ponto, Foucault (1983) se torna uma aliança para ampliar a complicação, quando nos diz: “Creio que é preciso ter a modéstia de dizer que, por um lado, o momento em que se vive não é esse momento único, fundamental ou irruptivo da história, a partir do qual tudo se realiza ou tudo recomeça; é preciso ter a modéstia de se dizer ao mesmo tempo em que – mesmo sem essa solenidade – o momento em que se vive é muito interessante e exige ser analisado, decomposto, e que de fato saibamos nos colocar a questão: o que é a atualidade? (p.324).”

especialmente, contra o modelo biomédico e a responsabilidade dos técnicos na reprodução de valores sociais. Contudo, também se fizeram presentes as dificuldades enfrentadas no encontro com as diferentes populações atendidas no que se referia à compreensão crítica dos lugares sociais ocupados e produzidos, a evidente desigualdade social crescente fruto da nova política econômica que se fortalecia no período dos anos de 1980 e 1990. (Barros, Lopes e Galheigo, 2007).

Parece-nos possível dizer, deste modo, que a afirmação deste campo é recente no panorama nacional e, boa parte do desenvolvimento de ações, pesquisas e reflexões teórico-metodológicas, neste, se deveu, principalmente, as intervenções do grupo de terapeutas ocupacionais paulistas oriundos de três universidades (USP, UFSCAR e PUCCAMP) que se dedicaram à sua constituição por meio do Projeto METUIA¹²².

Para Galheigo (1999) os campos de estudos e práticas em terapia ocupacional vinham se constituindo em torno de problemáticas e/ou demandas sociais e se organizando “em torno de um eixo que compreendia um recorte macroestrutural, histórico e conceitual, um domínio político operacional e um elenco de ações dirigidas ao domínio pessoal e coletivo” (p.53). Neste sentido, os profissionais buscariam se debruçar nas produções contemporâneas em torno da desigualdade, da diversidade e da cidadania, pensando as relações entre as políticas sociais e a população em processo de ruptura das redes sociais de suporte¹²³. Em nosso estudo, temos visto como cada uma destas relações e termos efetua operações delicadas entre saber e poder, e suas resistências. Para não tomarmos o indicativo como um modelo de trabalho, como a todo tempo corremos o risco no TOCCA, cartografar a cada vez as forças em jogo, de modo a colocar os dispositivos em análise. Retirar, por exemplo, da suposta “palavra de ordem” somos todos cidadãos, seu avesso, sua torção.

Os anos 2000 mostram-se, segundo Reis (2008), como importantes marcadores de crescimento e de fortalecimento desta área, aparecendo, inclusive, problematizações e conceituações em torno da atividade humana e dos procedimentos terapêutico

¹²² Este grupo torna-se, deste modo, referência, o que explica em parte, a forte incidência de ações em terapia ocupacional social na região sudeste durante muitos anos. Há que se considerar ainda, a presença de poucos cursos de graduação em terapia ocupacional na região sul, sustentados durante muitos anos, por universidades e faculdades particulares, o que implica em pouco investimento dispendido em ações de pesquisa e extensão. Para Reis (2008) a expansão do campo social nos últimos anos parece estar relacionada diretamente ao investimento em ensino, pesquisa e extensão das Instituições de Ensino Superior. Para aprofundamento ver Reis, T. **A terapia Ocupacional Social: análise da produção científica do estado de São Paulo**. [Dissertação]. São Paulo, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2008.

¹²³ Galheigo, S. Palestra ministrada por ocasião de um seminário da pós-graduação em Terapia Ocupacional na UFSCAR. 2012.

ocupacionais. (...) o campo social, tal como está sendo reconhecido a partir dos anos 90, apresenta características particulares que vem ao encontro das relações sociais que se estabelecem com a modernidade tardia, das peculiaridades da constituição da subjetividade e da complexidade das demandas sociais. (Barros et.al, 2007, p.351)¹²⁴

Outras vozes, não menos potentes nas brumas do projeto se referem à Política Nacional de Assistência Social, sua aprovação, sua efetuação em redes de serviços e as discussões acerca dos trabalhadores do Sistema único de Assistência Social, nas quais, terapeutas ocupacionais se mostraram presentes e atuantes na formalização da inserção deste profissional no atendimento as demandas socioassistenciais e na gestão do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). (Lopes et.al., 2012). Vozes, que se fazem ouvir, ainda, nas lutas da categoria por inserção junto aos serviços do Sistema Único de Assistência Social.

A primeira configuração do TOCCA foi fortemente atravessada pelas discussões de caráter nacional dos documentos de tipificação de serviço do 'SUAS' e pela NOB-RH, em 2010. Observamos a força destas vozes quando nos sentimos convocados a participar das reuniões nos Conselhos de Direitos da criança e do adolescente e de Assistência Social, e ainda, de algumas reuniões do Conselho Regional de Fisioterapeutas e Terapeutas Ocupacionais na figura de representantes deste campo.

Estas vozes que dizem uma subjetividade militante nos fizeram aderir com uma velocidade imensa, como se nesta fagulha de uma "luta" encontrássemos saídas daquele quarto escuro mencionado anteriormente. Encontrássemos também pertencimento, classe, categoria quando tudo parecia ruir. Por outro lado, destas vozes o que se diz com elas?

Perguntamo-nos de que modo estas tensões se relacionam com os diagramas biopolíticos e seus dispositivos. Observamos que não é por acaso que o surgimento da terapia ocupacional como profissão ocorre em meados ao século XX, em pleno fortalecimento e renovação das tecnologias biopolíticas e do próprio capitalismo. A construção disciplinar deste campo se efetua em relação ao contingente de "anormais" que se produz com o estabelecimento de processos de subjetivação que tem na norma a interiorização de técnicas de cuidado de si.

¹²⁴ Barros, D. D.; Lopes, R E; Galheigo, S. M. Terapia ocupacional: Concepções e perspectivas. IN: Albuquerque e Souza, A.; Galvão, C. R. **Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

O cruzamento de linhas que dizem parte da emergência da terapêutica ocupacional está ligado ao surgimento de grandes instituições voltadas a loucura, as pessoas com deficiências, especialmente, oriundos das grandes guerras. Efetuando modos de dizer o homem, o campo social, o trabalho, certa racionalidade que operava na distinção entre normal e anormal. Dizem de aproximações importantes com o fortalecimento da disciplina médica e do uso da atividade como tratamento no interior dos hospitais psiquiátricos, dentro daquilo que fora compreendido como tratamento moral, e mais tarde, no cuidado prestado em serviços de reabilitação voltados aos egressos da guerra. Neste momento, em que a atividade tinha evidente caráter normalizador, ela efetua modos de ver e de dizer, relações de poder, que fazem parte dos desenhos de forças biopolíticas que investem em modos de “governar a vida” e se exprimem no que (Foucault, 2001) define como sociedade disciplinar.

Tinha-se um cenário fecundo à produção de práticas voltadas à adaptação social, à homogeneização de práticas cotidianas e ações variadas por meio de instrumentos de análise de atividades e, de seus usos na constituição de uma clínica voltada a tornar os impedimentos habilitáveis para uma convivência “normal” dentro das esferas produtivas da sociedade. O que atesta parte da crítica já feita a este período (Nascimento, 1990; Barros, 1991; Galheigo, 1999; Soares, 1991; Medeiros, 1989; Francisco, 2001; Tassara, 1993, dentre outros), em relação ao caráter normalizador e universalizante das práticas no âmbito da reabilitação de diferentes grupos populacionais. Para Lima (2003), estes fatos produziram ações em terapia ocupacional que estariam vinculadas à docilização dos corpos “modelando-os e preparando-os para fazer parte de um mundo capitalista e adentrar o exército industrial de reserva” (p.1).

O que Lima lança luz, a nosso ver, ressoa as discussões deste estudo quando nos faz ver as estratégias de modelização em alguns modos de dizer e formas de ver que encontramos circulando nas brumas do TOCCA. Quando, por exemplo, encontramos alguém definir crianças pobres como mal educadas e, cujos corpos não conseguem ficar parados, como “indisciplinados por natureza”.

Nas brumas do TOCCA, encontraremos, também, com as vozes oriundas das práticas críticas produzidas quando em meio aos processos de democratização do país, elaboração da constituição de 88, emergência e fortalecimento do Sistema Único de Saúde, participação em movimentos sociais tais como o de desinstitucionalização, terapeutas ocupacionais que se preocupam com a busca por potencializar a participação

social da população atendida de modo equitativo nas ações da vida cotidiana, na produção de bens afetivos e materiais diversos, no acesso aos bens e a produção cultural de determinada época.

É a partir dessa nova perspectiva na história da saúde e das propostas de reabilitação psicossocial que as atividades passam a ser elementos importantes no movimento de desconstrução de uma lógica excludente e alienante. Assim como esse campo de novas reflexões e experiências desenvolvidas a partir dos anos 80, criam-se outras formas de ver o corpo em movimento, em ação, em seus “fazeres” cotidianos. Outros sentidos são dados às atividades que passam a ser vistas e valorizadas como elemento articulador entre o sujeito e sua comunidade, representando, assim, oportunidades de encontro e diálogo entre os diferentes indivíduos da sociedade e possibilitando a emergência de produções significativas e desalienadoras, que envolvem um sujeito em determinado tempo e espaço. (...) viabilizando a construção social de espaços de vida e de expressão da diversidade. (Lima, Castro, Brunello, 2001, p.45)

Deste modo, se justificam as referências a ações grupais, a utilização de oficinas de atividades coordenadas de modo interdisciplinar, a procura pelos significados e sentidos que os sujeitos e os grupos atribuem às suas ações diversas, as necessidades de conexão com outros campos de saber e de produção social, ligadas a cultura, as artes, a circulação pelos espaços públicos da cidade que aparecem efetuadas nos modos de fazer do TOCCA. Linhas molares, dos estratos que dizem de certa política de subjetivação - terapeuta ocupacional.

Talvez o campo de tensões fique mais evidentemente complicado no momento em que o uso de atividades cotidianas é parte importante, se não para alguns, fundamental da ação do terapeuta ocupacional. Acompanhamos os apontamentos de Inforsato (2010)

É habitual no campo da TO que a atividade seja colocada no centro da clínica de modo a estimular o terapeuta a observar-se num papel de empreitar a vida alheia. Mesmo nas perspectivas humanistas (talvez, sobretudo nelas) as avaliações e abordagens dirigem-se a um investimento numa suposta subjetividade a ser constituída que, em geral, guarda marcas dos modelos hegemônicos. (p.53)

De modo desigual, pelo meio deste emaranhado de linhas, surge nosso primeiro dispositivo de cuidado no projeto, a oficina de contação de histórias. E, com ela, *o narrar e o testemunhar*.

As histórias foram portos seguros, em meio aos ventos, foram lugarejos, tocas, abrigos. Contávamos uns aos outros fragmentos de quem éramos, ouvíamos e acolhíamos os outros. Narrávamos cidades, uma terapia ocupacional, trajetos com elas. Pequenas ilhas desertas. Foram também prisões, estivemos capturados por seus sentidos molares, pelas explicações de diferentes ordens dos fenômenos da vida. Mas as histórias e seus devires agitam o TOCCA, fazem-no outro a cada vez que voltamos a olhar os movimentos da oficina, mas também, nas narrativas das buscas ativas quando tornadas testemunhos.

Concordamos com Agamben (2008) que o testemunho

É o encontro entre duas impossibilidades de testemunhar, que a língua, para testemunhar, deve ceder lugar a uma não-língua, mostrar a impossibilidade de testemunhar. A língua do testemunho é uma língua que não significa mais, mas que, nesse seu ato de não significar, avança no sem língua até recolher outra insignificância, a da testemunha integral, de quem, por definição, não pode testemunhar. Portanto, para testemunhar não basta levar a língua até ao próprio não sentido, até a pura indecidibilidade das letras (...); importa que o som sem sentido seja, por sua vez, voz de algo ou alguém que, por razões bem distintas, não pode testemunhar. (p.48)

Quando os escritos e os registros destes encontros na oficina e nas buscas passaram a acontecer no formato de um diário, com pequenas notas referentes às histórias dos sujeitos, nossas, dos vividos, outras narrativas surgiram. Narrativas que inundaram as informações com o seu fora, com outras potências de dizer e de fazer ver. Neste sentido, encontramos nelas rastros desta vizinhança com o conceito de testemunho cunhado por Agamben. Um dizer, um escrever, um exprimir-se que se faz pelo meio, no entre tempos, entre matérias vistas, ouvidas e presenciadas. Um dispositivo que faz acontecer à história no presente, e neste sentido, nas palavras de Deleuze (1996) “é necessário distinguir em todo o dispositivo, (...) a parte da história e a parte do atual. A história é o arquivo, é o desenho do que somos e deixamos de ser, enquanto o atual é o esboço daquilo em que nos vamos tornando (p.93)”.

Neste ponto, repleto de variações possíveis, vemos se cruzarem clínica, estética e política. Narrar e testemunhar são movimentos que ao se efetuarem expressões, abrem novos possíveis, carregam aquilo que foi, é e será, simultaneamente, em suas virtualidades, ao dizerem um, dizem-no de um coletivo. Afinal tudo são agenciamentos coletivos de enunciação, aprendemos. Ao exprimirem-se àquilo, em que nos tornamos gradualmente, ganham formas no mundo e abrem diferenças no universo, ao mesmo tempo.

Narrar e testemunhar

A oficina de contação de histórias partiu de um “era uma vez”, naquele instante se pode conectar crianças, equipe do TOCCA, livros e dispositivos variados de contação, seus trajetos e narrativas, inventando-se um tempo entre tempos. O tempo do narrar e do testemunhar.

Fazemos, aqui, uma minúscula digressão, já que por força do hábito tendemos a pensar as narrativas ligadas ao uso das palavras nos contextos de sua escrita e de sua vocalização, entretanto, nas ações em terapia ocupacional¹²⁵ habitamos algumas vezes o silêncio das palavras e a emergência de outras matérias expressivas que se narram e produzem narrativas possíveis pelo encadeamento-desencadeamento de gestos, de rabiscos, de pontos no tecido, dentre outros. Ou ainda, composições/decomposições inusitadas entre gestos, palavras, atos expressivos. Contaminações variadas entre caminhadas, traços, fotos, ruídos, babas, desenhos. E, um pouco mais, retomando os processos de individuação, observar a feitura de homens, matérias, mundos que derivam destas narrativas pelo meio destas.

Para Benjamin (1994)

A narrativa (...) é ela própria (...) uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se

¹²⁵ Galheigo (2009) nos diz: “O que as narrativas contemporâneas podem trazer de substantivo para o terapeuta ocupacional é a possibilidade de ele passar a olhar as atividades como narrativas humanas.” (p.10). Tentamos, aqui, levar este projeto em sua radicalidade, fazendo os termos, “narrativas e humanas”, se deslocarem de um bloco para afirmarem-se em suas distâncias. GALHEIGO S. M. *Narrativas contemporâneas*. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 1, p. 8-12, jan./abr. 2009.

imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (p.205)

Sentar em roda, abrir um livro ou o saco lúdico, contar os fatos da semana, relembrar o encontro anterior, dispendir tempo se reconhecendo ou não parte daquele grupo, daquela ação que se compartilha, contar uma estória, ouvir as estórias que surgem com ela pelo meio da contação, se lançar à aventura de ser um e muitos ao mesmo tempo, deitar no colchonete, levantar e pegar um brinquedo e depois voltar com ele para roda, espiar e se esconder, aparecer em meio ao que acontece, todos estes movimentos falam de ações que exprimem um modo singular de estar ali e que demandam tempo. Um tempo onde coabitam presente, passado e futuro de mim e do mundo. O processo de produção das histórias não responde mais a descrições de um real ou de uma ficção como oposições, mas, como aquilo em que cabe o ambíguo, a potência de fabulação. “A narração deixa (...) de aspirar a verdade, para se fazer essencialmente falsificante. (...) É uma potência do falso que substitui e destrona a forma do verdadeiro, pois ela afirma a simultaneidade de presentes impossíveis, ou a coexistência de passados não necessariamente verdadeiros (Deleuze, 2005, p.161)”.

Pequenos testemunhos de uma comunidade porvir das histórias. A oficina foi se constituindo um lugar de experimentação daquilo que se foi, se é e será, tomando as narrativas como matérias com as quais podemos dar formas variadas, para tanto era necessário técnica e atenção para se deixar afetar e descobrir o que se pode a cada vez.

Em sua monografia de conclusão de curso¹²⁶, Moura (2014) divide a oficina em três momentos a partir dos projetos realizados com as crianças e suas histórias correspondentes em parte inspiradoras, em parte inventadas: Em 2011(agosto a dezembro) – a construção da casinha (A Aventura do acampamento na casinha da árvore); 2012 (março a dezembro) - a experiência da culinária, inspirada na história da “sopa de pedras” (costurando as histórias com culinária); Em 2013 (março a julho) – a construção do luau e da despedida do grupo. (o nosso luau)

¹²⁶Moura, A. **Contar, criar, ressignificar histórias: uma experiência em terapia ocupacional no campo social**. Trabalho de conclusão de Curso de Terapia Ocupacional. UFSM, Santa Maria, 2014. Alessandra foi colaboradora do TOCCA de 2010-2014, acompanhando boa parte do processo do projeto por meio da coordenação da oficina de contação de histórias, de sua participação no Estágio supervisionado, e posteriormente, com a realização de sua pesquisa.

Foi interessante acompanhar em seu trabalho de pesquisa, por meio da pesquisa-ação, como ao reunir o grupo novamente, para escreverem juntos, as histórias da oficina¹²⁷, as crianças rapidamente transformaram aquele espaço em novos movimentos com as histórias. Não era mais o relato do que foi, revisitado, mas novas experimentações com estes pedaços de texto que se escrevia juntos. Era outra coisa.

Com a insígnia da “experimentação e ampliação de repertório” para as crianças e para nós, seguimos na montagem e na execução deste trabalho. As coordenadoras da oficina se engajaram em disciplinas extracurriculares de literatura infantil, de teatro e jogos teatrais, de musicalização, navegaram na internet por diferentes recursos referentes a contar histórias. As crianças se aventuraram na escuta, na elaboração, na experimentação corporal das narrativas. Retomamos aqui, uma conversa de outro tempo¹²⁸ em que tomando alguns experimentos com e pensadores do teatro como intercessores pudemos estudar que para ter disponibilidade ao fora, era preciso se despir da intencionalidade, e para tanto era necessário técnica. A técnica para os atores de Jerzy Grotowski, por exemplo, servia para retirar do corpo e das concepções do ator aquilo que impedia a criação de fluir.¹²⁹

Com a afirmativa de que a arte de narrar estaria em vias de extinção, Benjamin (1994), discorre acerca das dificuldades que a modernidade trouxe às narrativas ao analisar a obra de Nicolai Leskov. Para o autor, “Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: **a faculdade de intercambiar experiências.** (p.198)¹³⁰”.

¹²⁷ “Nos encontros, a pesquisadora propunha textos escritos por ela, sobre a oficina de contação de histórias, e utilizava-se do Livro de Histórias, um livro onde se encontravam todas as histórias contadas, as fotos e imagens do grupo durante a oficina. As histórias eram alteradas e imagens eram selecionadas durante o grupo, a ideia inicial era que ao final dos encontros, a pesquisadora levasse as histórias prontas, para mostrar ao grupo. Porém, um dos integrantes do grupo sugeriu que as histórias fossem mostradas semanalmente, e então este foi o procedimento utilizado. O grupo ocorreu em dois principais momentos, em um primeiro momento os textos e as histórias eram lidos, discutidos, recriados e ressignificados. E no segundo momento era disponibilizado um tempo para brincar. Essa foi uma negociação feita entre o grupo e a pesquisadora durante o primeiro dia, quando ocorreu um pedido do grupo para que houvesse um tempo para brincar.” Moura, A. **Contar, criar, ressignificar histórias: uma experiência em terapia ocupacional no campo social.** Trabalho de conclusão de Curso de Terapia Ocupacional. UFSM, Santa Maria, 2014. (P.12)

¹²⁸ Pesquisa de mestrado. Angeli, A.A.C. *Respiros – Por um estado de jogo entre o teatro e a clínica.* SP: PPG em Psicologia Clínica – PUC, 2008.

¹²⁹ Para ele, um belo dia, descobrimos que a essência do teatro não se encontra nem na narração de um acontecimento, nem na discussão de uma hipótese com o público, nem na representação da vida tal como nos surge do exterior, nem mesmo numa visão – mas, sim, que o teatro é um ato realizado aqui e agora no organismo do ator, na presença de outros homens. (...) descobrimos que a realidade teatral é instantânea, não uma ilustração da vida, mas qualquer coisa que com a vida se liga (...). Grotowski, J. **Em busca de um Teatro Pobre.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987, p.82-3.

¹³⁰ Benjamin, W. **Magia e técnica, Arte e política. (obras escolhidas, v.1).** São Paulo: Brasiliense, 1994.

A todo tempo o autor nos convoca a perceber o caráter artesanal deste gênero, que abrigaria a transmissão de um saber bem próximo da tradição oral, apontando como sua natureza mesma, “uma dimensão utilitária”. Utilidade, que segundo o autor, pode vir na forma de “um ensinamento moral (...) sugestão prática, num provérbio ou numa norma de vida (...) o narrador é um homem que sabe dar conselhos.” (p.200). Mais adiante o autor nos explica que aconselhar se relaciona menos com responder a uma pergunta do que sugerir “sobre a continuação de uma história que está sendo narrada.” (p.200).

Interessante em nossa trajetória, é que a oficina funcionou como este reservatório de “repertórios”, com ela, nós vislumbrávamos efeitos de acontecimentos que nos lançavam novas ideias de ações para todo o projeto. Um lugar de gestação. Enquanto a equipe do TOCCA caía em movimentos de nadificar, as coordenadoras da oficina apresentavam um trabalho que realizavam com as crianças em que inventavam receitas, cozinheiros, comidas com elementos os mais heterogêneos. Cartografar os movimentos do TOCCA fora também perceber suas linhas duras, de estratificação e suas linhas de criação, de subjetivação. Para Deleuze (1996), os dispositivos se definiriam por sua novidade, que engendrariam condições de transformação deles mesmos, a menos que se enrijeçam em suas linhas duras – que identificamos anteriormente ligadas a piedade e a militância em nosso caso. Diz, ainda, que é na condição de liberação das linhas de saber e de poder que se podem ver os traçados possíveis das linhas de subjetivação “que não cessam de fracassar, mas que também, na mesma medida, são retomados, modificados, até a ruptura do antigo dispositivo (p.92).”

A oficina acolhia narrativas densas tanto quanto os outros espaços do projeto, foram relatos de violência, de abandono, de maus tratos, de pobreza e falta de comida, de roupa, de. Mas também, narrativas de premiações na escola, de incursões por escolinhas de futebol, de passeios em família, de namoros entre vizinhos. Mas, ali, havia o cozimento destas histórias em favor de outra coisa, não eram hierarquizadas nem moralmente separadas em boas e más, eram tomadas como matérias a serem transformadas, recompostas, “brincadas”. E fora, a nosso ver, esta disposição a brincar, sem a intenção de, que fez produzir aquela comunidade.

Ensina-nos Benjamin (1994)

Contar histórias sempre foi a arte de contar de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o

ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. (p.205)

Parece-nos que Benjamin nos chama a observar a potência de narrar e de testemunhar, mais que a ação realizada. Problematizando a necessidade de conhecer a “verdadeira” história, talvez a questão esteja no “contar de novo”, e “mais uma vez”. Com o autor somos levados a retomar o conceito de ritornelo quando diante desta ação de testemunhar, volta-se, mas volta-se diferentemente, a cada vez outras formas possíveis com os elementos em jogo entre contador, ouvinte, história e tanto mais. E, ainda, assim, mais uma vez.

Interessante notar que por um tempo tentamos escrever a história da oficina buscando seus registros, imagens, tentando articular passado, presente e futuro em uma narrativa linear com a intenção de deixar claro, evidenciar verdades, objetivos dos procedimentos, que estariam ali postas. Observamos a dificuldade ao longo do tempo de narrar, amarrar os pedaços de histórias das crianças e nossas com eles, tínhamos sempre a sensação de não saber acerca de suas vidas, uma sensação de apagamento que vivíamos como má, em parte, por a interpretarmos como falta, de outra por estarmos aderidos mais a produção da informação do que de uma atenção às histórias e seus devires. Talvez estivéssemos mais situadas no campo das informações sobre do que no das narrativas como nos propõe Benjamin, talvez não fosse possível esquecer-se de si o suficiente para ouvi-las.

Deparamo-nos em nosso arquivo com uma série de cadernos, papéis e documentos que registram o percurso do TOCCA, e foi com isso, com a expressão, que começamos a tatear nossos procedimentos e a revirar o pensamento.

A produção do comum, a recuperação da lentidão no presente propiciada por pessoas e suas histórias simples, imagens despretensiosas em relação à espetacularização da vida, talvez possam ser mais subversivas, mais políticas, mais táticas do que a ênfase no peso de grandes acontecimentos. Histórias atravessadas pelas experiências cotidianas capazes de dizer algo sobre uma força indizível que está presente na leveza das histórias, das paixões despertadas pela experimentação, no contato, na conexão, no encantamento pelo mundo em que vivemos. A proposta não é de

uma utopia, muito menos de fuga de uma realidade desagradável e nem tão pouco busca de perfeição é de um resgate da possibilidade de confabular. (Ferreira, 2006, p.10)

A oficina e seus procedimentos

Todas as histórias moram num grande poço (...). Lá os personagens vivem (...) à espera que alguém os chame para que suas histórias possam ser contadas. O contador de histórias é alguém que sabe como girar a manivela desse poço para trazer à tona todos esses personagens com suas surpresas e encantamentos. (Matos e Sorsy, 2009, p.127).

Nossos primeiros movimentos na oficina foram produzidos pela tentativa de instaurar um ritual, um rito que definisse o encontro entre pessoas naquele espaço físico e tempo cronológico, montamos uma proposta. O grupo aconteceria uma vez por semana, atenderia as crianças daquela instituição que a frequentavam no período da tarde e tivessem interesse em contar e ouvir histórias. A escolha pela contação de histórias teve a ver com alguns “dados concretos”: a experiência que eu tinha com esta ação, a relação afetiva com a literatura e a importância que atribuía ao terapeuta ocupacional conhecer a atividade, ou se dispor a estudá-la em suas histórias e modos de realização, em suas inscrições socioculturais; a licença gestante que estava por acontecer e a necessidade de acompanhar as estudantes à distância; a relação das estudantes com os livros de histórias, com o gosto pela literatura e uma disposição a aprender a contá-las. E, na crença na potência desta ação no que tangeria a abrir a comunicação entre narrativas de si, dos livros, do mundo, nos trânsitos que ela poderia permitir.

Estabelecemos um método, a oficina teria duração de aproximadamente duas horas, divididas em três momentos: trabalho corporal, contação de histórias e atividade plástica relacionada.

Vínhamos de um percurso com a linguagem teatral e com algumas ideias do que fosse construir propostas potencialmente clínicas e estéticas, tínhamos pressupostos. Um deles que nos levou à construção deste método se relacionava à concepção da necessidade de um ritual, de uma liturgia que nos levaria à variação, assim, líamos os três momentos. Retomamos de nossa dissertação.

Tomemos o *ritual* como uma ideia a ser conjugada com a de *estado de jogo*, de modo a podermos pensar na criação de um dispositivo estético e clínico. E, neste sentido, em um programa para que a força se dobre em uma forma provisória e aberta, mas que não nos leve à abertura ou ao fechamento infernal. Uma prudência no delineamento da proposta é necessária, assim, vamos cunhando uma ideia de ritual que caminhe na direção da invenção de um habitat: certa liturgia precisa ser traçada onde caos e forma sejam faces do jogo. (Angeli, 2008, p. 107).

A caixinha de atividades corporais

Quando iniciamos o grupo, as estudantes levavam organizadas uma série de atividades corporais que tinham como foco exercícios de conscientização corporal e brincadeiras que se utilizassem do corpo, especialmente, propiciando uma troca entre os integrantes do grupo. Gincanas, corridas, piques, esconde-esconde, jogos com bola, vivo-morto, são alguns exemplos das atividades realizadas. Destas atividades decorria a construção de um círculo com as crianças, onde se contaria a história do dia.

A questão da disciplina era tema frequente das reuniões neste começo de trabalho, pela dificuldade em se fazer ouvir pelas crianças e elas entre si, e pelas interferências que a coordenadora da instituição fazia no grupo. Esta última movida por um discurso de responsabilização das crianças e uma convocação a sujeição delas àquilo que propúnhamos. Estávamos, ao contrário, interessadas que as crianças pudessem, aos poucos, tornarem-se co-coordenadoras do grupo, que se apropriassem deste espaço e auxiliassem a construí-lo conosco. Queríamos que fosse um espaço nosso. Estávamos nutridas pelo conceito de empoderamento¹³¹ como um reversor da situação de vulnerabilidade.

Começamos a construir com as crianças espaços de discussão sobre o funcionamento grupal, a definir modos de nos cuidarmos coletivamente para que as ações

¹³¹ "(...) empowerment é um conceito que tem raízes na Reforma Protestante. Contemporaneamente, se expressa nas lutas pelos direitos civis, no movimento feminista e na ideologia da "ação social", presentes nas sociedades dos países desenvolvidos, na segunda metade do século XX. Nos anos 70, esse conceito é influenciado pelos movimentos de autoajuda, e, nos 80, pela psicologia comunitária. Na década de 1990, recebe o influxo de movimentos que buscam afirmar o direito da cidadania sobre distintas esferas da vida social, entre as quais a prática médica, a educação em saúde, a política, a justiça, a ação comunitária." Baquero, Rute Vivian Angelo. *A situação das Américas: democracia, capital social e empoderamento*. IN: **REVISTA DEBATES**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012. 176

acontecessem. Neste processo, as coordenadoras propuseram a “caixinha de atividades” sugerindo às crianças que dissessem que ações gostariam de fazer com seus corpos e a cada semana iriam sortear qual realizar. Poderiam colocar novas ideias todas as semanas. O interessante é que começaram a surgir ações que deslocavam as crianças dentro da instituição. Em um dos casos, por exemplo, a criança sugeriu que fossem à “pracinha”. Este espaço era pouco utilizado na instituição, apesar de bem equipado com brinquedos, tanque de areia.

A oficina começava a funcionar também como um dispositivo que permitia estabelecer algumas conversas entre o instituído e o que o desfuncionava, já que, durante um bom tempo fomos chamadas de pouco didáticas, de permissivas, dentre outros adjetivos.

A caixinha que era guardada na instituição se perdeu algumas vezes, fazendo as coordenadoras e as crianças reinventarem-na com certa frequência. A insistência em produzi-la fora tornando este espaço potente para o grupo. Para a realização destas atividades, houve muitos enfrentamentos, espaços físicos, sumiços de materiais, ocupação do lugar da oficina para qualquer outra atividade da instituição, e a retirada das crianças do grupo para cortar cabelo, por exemplo.¹³²

O livro de histórias da Celina e a invenção do saco lúdico¹³³.

Celina era uma das estudantes coordenadoras da oficina, quando decidimos por contar histórias, imediatamente se lembrou de um grande livro recheado delas. Prontificou-se a disponibilizá-lo pelo tempo do trabalho e assim foi. Nos primeiros encontros do grupo, quando sentavam em círculo, com certa dificuldade, ela retirava da bolsa o “livrão” e, sem nenhum receio, se colocava a ler a história escolhida por nós. O círculo rapidamente tornava-se uma “ameba” em pleno movimento, as crianças iam e vinham, entre atenção e desatenção, grudavam-se no livro disputando-o página por página, subiam na cabeça de Celina para ter melhor visão das figuras bem desenhadas que continha. Com a voz mansa e pouca entonação, ela seguia palavra por palavra a contar. Enquanto isso, sua colega também coordenadora, mantinha-se fiel a conter as crianças e insistir no círculo e no silêncio. “Quando um falava o outro deveria ouvir.”

O livro era grande, bem ilustrado, imponente presença em uma prateleira, mas, ali naquele agenciamento não funcionava, simplesmente. Era uma pedra no caminho, e

¹³² A instituição de caráter filantrópico recebia doações de materiais e de serviços, dentre estes, o corte gratuito de cabelo.

¹³³ Nome fictício, a história guarda elementos de diferentes personagens da equipe.

nele as histórias pareciam-se mais com as da bíblia do que com as da literatura. Trabalhamos com ele nos bastidores por mais um tempo, elas estudavam a história e a levavam de modo mais lúdico para as crianças. Foi assim que se inventou um saco onde se colocaria elementos das histórias que seriam retirados na medida em que esta se desenrolasse, criando alguns momentos de suspense, de fantasia-mágica, de clímax, em fim, outros movimentos com elas. Acreditávamos, com isso, envolver as crianças com a contação e abrir um espaço para que elas começassem a ser mais protagonistas nas atividades. Havia, algumas vezes, uma experimentação interessante, as crianças iam retirando os objetos do saco lúdico e a história era contada em saltos, com idas e vindas, a depender desta composição inusitada. Em outros momentos, as crianças colocavam elementos da sala no saco, e com estes, inventavam coletivamente uma história. Algumas, destas, viraram pequenos livretos ilustrados e escritos por elas. Com o saco lúdico também emergiu a encenação como algo possível, dos objetos e elementos que continham às narrativas desdobravam-se vozes e gestos que davam vida às palavras.

O círculo virou um signo de início do trabalho, onde se começou a contar as histórias da semana, do dia, do mês, da vida. Era o ritual para encontrarem-se, para iniciarem a aventura.¹³⁴. No momento das narrativas, era um aglomerado em torno do saco lúdico, cheio de trombadas, compartilhamentos, pequenos desentendimentos, descobertas, conversas.

O saco lúdico seguiu conosco até o final do trabalho, ganhando novos formatos, incluindo outros elementos, dentre estes, as encenações e as músicas. As metamorfoses do saco contam também das transformações que o grupo passou, na configuração de seus componentes e suas idas e vindas, na formação das coordenadoras, e, ainda, do próprio TOCCA.

Dos personagens de meia às narrativas inventadas

Um dia, elas chegaram animadas à reunião do projeto, tinham novidades. Era de noite, estava frio e tínhamos vivido um dia inteiro de aulas e trabalhos variados. E, eis, que de suas bolsas saltam duas meias, usadas, coloridas, e com botões no lugar dos olhos. Pedro e Dona véia, personagens de uma das histórias coletadas na internet em sítios de

¹³⁴ A denominação “grupo de aventureiros” foi dada por uma das coordenadoras no final do trabalho da oficina.

contadores de histórias¹³⁵ inspiraram as estudantes na utilização deste recurso para narrar. Eles tinham vida, haviam saído do meio das palavras e do saco lúdico.

A primeira vez que saíram do saco, as crianças se surpreenderam em um misto de receio e admiração. Afinal, eles passaram a serem os protagonistas e os narradores das histórias, a voz deixou de ser a da estudante e passou a ser deles. Com eles, a boca virou uma máquina de contar, de narrar, não pertencia mais a este ou aquele sujeito, mas, ganhava trânsito já que as meias, nunca tiveram o equipamento boca de fato. Eles podiam ser um e nenhum e todos ao mesmo tempo.

Pensamos com Deleuze & Guattari (1997b), na figura do anômalo¹³⁶ na invenção de um povo. Para os autores, este ser “não é nem indivíduo nem espécie, ele abriga apenas afectos, não comporta nem sentimentos familiares ou subjetivados, nem características específicas ou significativas. Tanto as ternuras quanto as classificações humanas lhe são estrangeiras. (p.27)”. Um fenômeno de borda, a partir de sua figura toda a variação seria possível de se distribuir. Seres da fronteira, seu procedimento é por aliança e contágio.

A invenção das narrativas passa por estes feiticeiros de meia, pelo que colocam em devir, pelo que pôde vir a funcionar como disparador de outras potências anômalas, de diferenciação. Uma comunidade em torno das/ com as histórias, onde nossos personagens em alguns momentos encarnam características dos seres desta matilha, em outros ocupam o centro, e ainda, se diferenciam a tal ponto de não reconhecermos sua pertença. Em uma das voltas de férias do grupo¹³⁷ os personagens se reproduzem e aparecem os pimpolhos, que brotaram do encontro com a necessidade de narrar. A história havia feito filhos neles. A situação produzira um problema para todos, e a angústia diante da não filiação dos personagens, agregada a noção de família dominante, fez brotar um centro que minou parte da potência de invenção por algum tempo, os pimpolhos passaram a serem filhos de Pedro e Donas Véia, e estes se tornaram um casal. Neste sentido, nos ensinam Deleuze & Guattari (1997b), “ninguém pode dizer por onde passará a linha de fuga: ela se deixará atolar para recair no animal edipiano

¹³⁵ A história de uma das meias, Pedro Malasartes, pode ser acessada em: <http://www.youtube.com/watch?v=ss1SL59nYFA> (acesso em 02/04/2014)

¹³⁶ Deleuze retoma a inscrição grega da palavra para afirmar que anomalia designa o desigual e não a anormalidade. “o anômalo é uma posição ou um conjunto de posições em relação a uma multiplicidade.” (1997b, p.26)

¹³⁷ As férias se referem ao funcionamento da instituição, que para em alguns períodos do ano relativos às férias escolares, assim como, as paradas que o TOCCA fez por conta de seu funcionamento como projeto de extensão e sua relação com o calendário acadêmico. Buscamos seguir o calendário da instituição no que se referiu a esta oficina.

da família, um reles cachorrinho? Ou então cairá em outro perigo, como virar linha de abolição, de aniquilamento, de autodestruição, Ahab, Ahab...? (p.34)”.

Em todo território linhas de estratificação e linhas de fuga coabitam, deixando rastros de um porvir possível, e eis que nossos personagens que não cabiam na “família dominante”, assim, como muitos dos integrantes daquele grupo, vão sendo contaminados por certo nomadismo, iniciando um movimento de histórias de viagens. As viagens narradas e vividas pelo grupo passam a ser encenadas por todos, como se fossem revirando família por dentro, por saturação de modos de ser possíveis. As palavras pulam dos livros para os corpos e espaços passando a babar¹³⁸ novos processos de subjetivação. Em suas aventuras, as crianças e as estudantes suam, sentem frio, fome, se alimentam, caminham, descansam, constroem, destroem, enfim, experimentam.

Vê-se que o anômalo, o outsider, tem muitas funções: ele não só bordejia cada multiplicidade cuja estabilidade temporária ou local ele determina, com a dimensão máxima provisória; ele não só é a condição da aliança necessária ao devir; como conduz as transformações de devir ou as passagens de multiplicidades cada vez mais longe na linha de fuga. (Deleuze & Guattari, 1997b, p.33)

110

Quando se reencontram por ocasião da monografia de Alessandra, resolvem inventar a história de Pedro e de Dona Véia, os personagens ganham narrativas curiosas que misturam elementos de muitas outras em uma espécie de testemunho das vidas que transitaram por ali.

Pedro e Dona Véia se desmancharam, assim como, a comunidade que havia se erguido com as histórias. Transitória, precária e forte em sua frágil combinação.

¹³⁸ Babar, aqui, se relaciona com uma bela imagem feita por FEDIDA quando questionado a cerca do trabalho de Lygia Clark, diz o autor: “ a análise é o que é: ela consiste em escutar, em receber uma palavra que se transforma, sem por isso dar lugar a uma interpretação imediata. A força da interrupção está tanto na própria obra quanto na fala, não estar em repouso com as palavras, nunca estar em repouso com as palavras. E não é apenas uma questão de expressão, é a vida que não está em repouso(...) com as palavras. (...) no momento em que se produz a fala, o espaço se constrói e, ao mesmo tempo, se desfaz. (...) se a fala, por exemplo, é antes uma secreção, como a baba (...) não é o simbolismo que nos interessa. O que nos interessa é que elementarmente, primitivamente, a fala é isso.” Fedida, P. *Não estar em repouso com as palavras*. IN: **Lygia Clark – da obra ao acontecimento**. Catálogo da exposição: somos o molde. A você cabe o sopro. São Paulo: Pinacoteca, 2006.

O livro das histórias inenarráveis

Com a proximidade da finalização das atividades da oficina, alguns movimentos foram se fazendo com as crianças no sentido de uma despedida. A história que trabalharam juntos foi a da construção de um luau, com este, pesquisas sobre os elementos que compunham um luau e invenções de letras de música, de comidas, de danças que ocorreriam no último dia. De outro lado, escreviam o livro das narrativas inenarráveis, resgatavam por meio de fotos do percurso da oficina e dos relatórios das estudantes, as inúmeras histórias ouvidas, ditas, escritas, encenadas, etc... Os muitos integrantes do grupo, inclusive, as outras estudantes que o visitaram.

Nas reuniões do projeto começamos a observar que as crianças escreviam outras narrativas com as imagens, desenhavam outros trajetos para o que foi vivido, experimentavam diferentemente as histórias. O livro era escrito e apagado ao mesmo tempo, um livro rizoma, como diriam Deleuze e Guattari. Por qualquer ponto em que se entrasse por ele, ele nos levava a caminhos inusitados, alguns que reterritorializavam outros que abriam novidades.

Com o livro, as crianças e as estudantes experimentavam o tempo cronológico e o tempo intensivo em um entrecruzamento que possibilitava a feitura de novos territórios existenciais, ao menos em potência. O livro serviu, ainda, para os encontros com a pesquisa realizada depois com alguns integrantes mais antigos do grupo, neste momento, eles decidem por escrever novas histórias ao invés de copiar as do livro ou do relatório da estudante, desenvolvido ao longo do processo da oficina. Pedro e Dona Véia, as histórias do cozinheiro, do acampamento na casinha, todas elas ganham nuances, ênfases diferentes nesta volta. O livro tornou-se um bloco de afectos e perceptos, inaugurando a cada volta um novo percurso, novos sons e cores, ritornelo da oficina, vitalidade de um povo que se fez com ele. O livro, neste sentido, tornou-se um objeto estético, um finito pelo qual passa o infinito.

Pequenos projetos, as atividades plásticas.

A imagem de desenhos prontos para serem pintados com lápis de cor separados em potes de alumínio, sem pontas, com pouca disponibilidade de cor, alguns apontadores e borrachas, marcou uma das fortes impressões a respeito do como este tipo de atividade era oferecida, seus propósitos normativos inclusive. Nesta cena, havia um menino, de uns quatro anos na época, com nenhuma experiência escolar e/ou com estes materiais, que fazia um esforço tremendo para se fazer caber no desenho.

Seriam precisos muitos dias para que pudéssemos propor ações que estivessem mais contaminadas com repertórios modernos e contemporâneos das artes. Seria preciso formar os olhos, abrir a sensibilidade para outros modos de desenhar, se deixar contaminar.

Foram três grandes pequenos projetos – *a casa na árvore*; *o programa de culinária e o luau*. No primeiro, o grupo decidiu construir a casa na árvore. Haviam construído uma narrativa de uma viagem, neste momento, as crianças, que eram mais presentes na elaboração das histórias, iam sugerindo onde o acampamento ocorreria, a música que cantariam no ônibus, e o que estavam vendo no lugar em que chegaram. No processo, viram animais, rios e árvores, nadaram no rio e tentaram abraçar “a maior árvore que tinham visto na vida”. Assim, surge a ideia de confeccionarem uma casa nesta árvore, levaram semanas entre juntar caixas de leite, colar umas as outras, pintar cada tijolo e construir. A intenção inicial era manter algo concreto que os ligasse concretamente até o final das férias. Tecia-se um habitat, com ele suas dissonâncias também apareciam, entre idas e vindas do grupo antes do retorno da oficina, a casa foi destruída em uma briga. Curiosamente, se contou muitas histórias sobre o fim da casa, e de algum modo, se suportou conviver com elas e não saber ao certo.

112

O programa de culinária levou um ano. Começou com uma história interessante onde alguém inventa uma sopa de pedras¹³⁹, e com ela, agrega tantos outros elementos que o alimento fica farto e saboroso. Junção de heterogêneos. Depois segue com um elemento mágico, uma panela que fora o presente de um pajé. Uma panela, que “cozinha, assa e frita” sem se utilizar do fogo. Neste processo, cada um construiu um livro, com uma receita inventada e algumas a serem compartilhadas de seu repertório cotidiano. Alguém sugeriu que deveriam ensinar a receita criada, inventou-se um programa¹⁴⁰ onde cada um ensinaria a sua. Para tanto, construíram o cenário para a filmagem, a mesa e sua toalha, e o pano de fundo para a filmagem. O pano, uma colcha de retalhos feita em EVA e costurada por todos. Durante algumas semanas de posse de diversos materiais, tais como, a cola colorida, o algodão, o barbante, dentre outros, cada um fez o seu desenho em um dos pedaços. Depois, uns ensinando aos outros,

¹³⁹Sopa de pedra do Pedro, disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=ss1SL59nYFA&list=FLIhjoaAE2hpTYAKcD6JYfg&index=3&feature=plpp_video. Acesso em 28/03/2012.

¹⁴⁰Durante a contação dessas histórias, e a confecção destes objetos relacionados à culinária, surgiu uma ideia no grupo: “*Que tal se nós utilizarmos os aventais, o livro de receitas e os objetos mágicos para a gravação de um vídeo sobre culinária?*” (...) A partir desta ideia, as crianças desenhavam e opinavam sobre como poderia ser feito este programa e as gravações. (Moura, 2014, p.22).

costuraram. Para a confecção da toalha da mesa, foram costurados retalhos de tecidos também desenhados pelas crianças.

Cozinheiros, outros experimentos. Durante um tempo viram diferentes imagens de roupas feitas com os mais variados materiais, tecidos, papéis, materiais orgânicos como plantas e, até, roupas feitas de carne.¹⁴¹ Acreditávamos que a abertura de novos referenciais que deslocassem os do imaginário dominante (a opinião), fosse auxiliar na invenção de suas roupas mágicas de cozinheiros. Era preciso seguir a feitiçaria nesta receita, afinal. Entretanto, ainda iríamos aprender e aprofundar que uma multiplicidade não se define pelo número de suas dimensões, já que não ganha ou perde se mudar de natureza, “como as variações de suas dimensões lhe são imanentes, dá no mesmo dizer que cada multiplicidade já é composta por termos heterogêneos em simbiose, ou que ela não para de se transformar em outras multiplicidades de enfiada, segundo limiares e suas portas. (Deleuze & Guattari, 1997b, p.33)”.

Cada integrante compôs seu chapéu e seu avental de cozinheiro, dispondo de matérias variadas para a criação da roupa, que teve no TNT (tecido não tecido) seu principal suporte.¹⁴²

A construção do Luau deriva, a nosso ver, das muitas viagens que o grupo vinha empreendendo, da curiosidade com novos espaços, modos de interagir, linguagens. Havia também um movimento novo nas coordenadoras, uma delas aprendia a tocar violão e outra estudante, que também era musicista, agrega o grupo neste último semestre. A música passou a ficar bem mais presente nos encontros, o que também levou a ideia de luau. O luau era entendido como um momento de compartilhamento, de celebração. Pesquisaram sobre histórias de luau, suas origens, os elementos que o compunham – música, alimentos, decoração. Das descobertas de novas palavras, sabores, cores, texturas vão inventando um luau¹⁴³. Neste processo, fazem suas roupas, constroem a letra de uma música coletivamente, decidem que alimentos irão trazer e fazer no dia. O “marshmallow” foi uma história à parte. Alimento distante na dieta das

¹⁴¹ Presente nas referências das crianças e das estudantes, estava a performance da cantora Lady Gaga, que se utilizou de um vestido feito de carne para realizar um “protesto” no recebimento de um prêmio. O evento serviu para discutirem sobre modos de vestir e de dizer utilizando-se das roupas.

¹⁴² O TNT é produzido pela prensagem de fibras, ao contrário dos demais tecidos que passam pela fiação e tecelagem, quando se utilizam fibras de lã, ele é chamado de feltro.

¹⁴³ Chamou-nos a atenção o fato de que esta festa, de origem havaiana, parece descender de um movimento de transformação cultural, quando homens e mulheres podem vir a comer e dançar juntos novamente. Procuramos por mais material a respeito, mas, devido ao tempo e a pouca disponibilidade de materiais encontrados não pudemos nos aprofundar. De todo modo, o evento associa comer, dançar (HULA) e tocar música numa espécie de celebração à vida.

crianças, e praticamente um clichê nos luaus de filmes americanos, foi proposto por uma das estudantes e teve grande adesão por parte das crianças.

A cena do luau foi forte. Todos se envolveram esticando tecidos no centro da quadra da instituição em um dia frio de julho. Amarelo para areia e azul para água, outra cor para a fogueira. Vestiram-se com as roupas e colares confeccionados, trouxeram alimentos, instrumentos, cartas de despedida, alguns brinquedos. Sentaram-se em roda, esticaram seus palitos com marshmallow na fogueira, correram, brincaram na água, cantaram, comeram, abraçaram-se, dançaram, contaram histórias, despediram-se.

Dos procedimentos e as pequenas máquinas de guerra

Aventurar-se, segundo o dicionário, refere-se a expor-se ao acaso, arriscar; já aventureiros refere-se a quem busca por aventuras, mas também, àqueles que não têm meio certo de vida, vagabundos. Eis que reencontramos uma figura das páginas iniciais de nosso texto. Buscamos estas palavras como coeficiente de transversalização deste grupo, tensionando-o para fora de uma homogeneização, de uma organização vertical entre coordenadores do grupo e crianças, oficina de contação de histórias e equipe coordenadora do TOCCA. Tensionamos a oficina para tensionar todo o TOCCA a voltar-se sobre si mesmo.

O reencontro com a figura do vagabundo faz voltar um movimento que nos lembra do esgotado, já que o vagabundo é a figura que caminha sem rumo certo, que perambula, vagueia, um andarilho. O dicionário nos diz, “que vive de maneira desocupada; que não possui ocupação; que não tem vontade de realizar suas tarefas”¹⁴⁴. Um nada de vontade reaparece no movimento destas palavras, pelo meio delas e nós, e seus desdobramentos. Observamos que nos processos lúdicos ligados à oficina um dos elementos que retorna é um estado de jogar, de aventurar-se.

A figura do vagabundo constela todo um aparelho moralizador que pretende separar os bons dos maus, que classifica a inserção social dos sujeitos referidos a conceitos que definem sua pertença a esta ou aquela classe social. Mas, já nos ensinou Castel, ele é a figura do fora, habitante obscuro das florestas, o trapaceiro, o que faz nublar o “verdadeiro”. Esta figura-limite, talvez nos fale de uma posição em que não se faz obra, uma espécie de resistência que não deseja resistir.

¹⁴⁴<http://www.dicio.com.br/vagabundo/>. Acesso em 23/02/2014.

Chance de uma nova saúde, e não sintoma mórbido, o nada de vontade precede à destituição de um falso problema: o sistema das alternativas. Seu reverso, ou a consistência positiva da política, é a elaboração experimental de novos agenciamentos concretos, e a luta pela afirmação dos direitos correspondentes. (Zourabichvili, 2000, p.353)

À medida que observamos as expressões que emergiram na oficina e cartografamos seus procedimentos, vamos tateando a potência deste dispositivo de cuidado não só para as crianças, mas, para todos os envolvidos no projeto. Pensamos, o “cozer”, talvez, fosse a máquina abstrata que percorreu o plano de composição que se traçou nesta experiência, e com ele, o paralelismo de diferentes elementos em jogo abriram para devires inusitados, imperceptíveis. Abertura às visões e audições.

Cozinhar narrativas poderia nos fazer ver e ouvir outras potências que deslocavam as séries: pobre-marginal-bandido ou pobre-marginal-que superou as adversidades, ambas, nos parecendo grudadas aos modelos dominantes de subjetivação, e numa desesperançada nuvem que contaminava com uma vontade de nada. Aos poucos vamos entendendo que seria preciso se deslocar, ainda mais, de alguns enunciados ligados a concepção de “pobres”. Esta homogênea massa de sujeitos de uma classe social, afinal, radicaliza Agamben (2013), “não há mais classes sociais, mas apenas uma burguesia planetária, na qual as velhas classes se dissolveram: a pequena burguesia herdou o mundo. (p.59)”.

Para o autor, há uma dissolução geral em uma pequena burguesia que busca no nada algum traço da identidade social de outrora, que nadifica detalhes dos corpos e biografias, características dos povos, culturas, verdades que se constituíram em torno de gerações, herdando do niilismo uma sensação de insensatez da existência individual. Diz ele:

Nada se assemelha tanto à vida da nova humanidade quanto um filme publicitário do qual se apagou qualquer traço do produto anunciado. A contradição do pequeno burguês, porém, é que ele ainda procura neste filme o produto do qual foi privado fraudulentamente, obstinando-se, apesar de tudo, a tornar própria uma identidade que se lhe tornou, na realidade, absolutamente imprópria e insignificante. Vergonha e arrogância, conformismo e

marginalidade, permanecem assim os extremos polares de toda a sua tonalidade emotiva. (Agamben, 2013, p.60)

Neste sentido, o autor defenderá, ao contrário de uma reatividade em relação a esta vontade de nada que parece contaminar todo o cenário contemporâneo nas políticas de subjetivação, e que estaria ligado, segundo o autor, a uma percepção de uma última expropriação do que denomina vida nua, fazer potência da impropriedade como tal, “do próprio ser-assim (...) uma singularidade sem identidade, uma singularidade comum e absolutamente exposta” (p.61). O que para Agamben garantiria o acesso a uma “comunidade sem pressupostos e sem sujeitos”, biopotência.

Encontramos outras ressonâncias neste sentido, nas palavras de Deleuze quando trata do trabalho de Guattari, afirmando que,

a tarefa revolucionária é a supressão do próprio proletariado, ou seja, desde já a supressão das distinções correspondentes entre vanguarda e proletariado, proletariado e subproletariado, a luta efetiva contra toda operação de isolamento, de realce e de seleção residual, para, ao contrário disso, liberar posições subjetivas e singulares capazes de comunicar transversalmente. (Deleuze, 2006, p.256)

116

A oficina, assim, talvez tenha se tornado um ovo do projeto TOCCA, um local de gestação no deserto quando tudo mais era compreendido como nada e habitávamos um cansaço. Talvez com ela tenhamos nos avizinado das linhas de criação para podermos devir-outra do TOCCA. Ao vagar por entre as séries, nesta figura aventureira, outras luzes se colocaram na afirmação das diferenças a se fazerem em narrativas possíveis.

Pequenas fotografias do cotidiano do projeto vão buscando cartografar em palavras seus devires.

Chovia muito. O telhado de zinco aumentava o barulhar da chuva fazendo seu som percorrer toda a experiência daquela tarde. Sentados na cozinha fazíamos desenhos das ruas e casas do bairro, conversávamos sobre nossas impressões, era início de estágio. Neste dia, uma estudante de outro curso nos visitava e acompanhava a oficina de atividades lúdicas que acontecia no outro pedaço do barracão. O barracão é um espaço de terra cercado de madeira e coberto de lona com quatro janelas. Em alvenaria, tem-se apenas a cozinha e o banheiro, recém-inaugurado.

A chuva era forte e criava um pequeno fluxo de água na entrada do barracão, criou-se um rio. Ali fez a poesia. Durante alguns minutos pequenos barcos de papel e risos produziram um agenciamento com a chuva e seu barulhar.

Outro dia de calor e vento norte. O lugar onde realizamos parte das ações do TOCCA é conhecido como “estação dos ventos”, beirando a linha de trem. Quando chegamos, a correria era intensa, as crianças haviam construído uma pipa, ou melhor, muitas pipas com sacos plásticos. O colorido das sacolinhas, dos barbantes e das linhas traçava uma fuga para o olhar.

Um dia qualquer, tivemos ajuda de um pequeno andarilho montado em sua bicicleta nas visitas as pessoas. No caminho, uma surpresa e um ruído. Ele parara encantado, olhando para os sacos de lixo em frente à casa, na nossa boca as palavras de proteção vinham se formando, quando...ele acha um frasco de desodorante “roll-on” e, com grande habilidade, retira-lhe a bolinha. Sorri. As palavras secam em nós.

“Trajetos e devires, a arte os torna presentes uns nos outros; ela torna sensível sua presença mútua e se define, assim, invocando Dionísio como deus dos lugares de passagem e das coisas de esquecimento. (Deleuze, 1997 p.79)”.

Das tensões

A oficina brota de um emaranhado de linhas, que vamos tentando esticar e enrolar diferentemente neste texto. Referem-se a alguns modos de pensar a atividade em terapia ocupacional pós anos 80 no Brasil e às concepções de vulnerabilidade e isolamento social calcadas no referencial de Castel e os modos de proceder que decorrem destas, das muitas relações existentes e inventadas com a atividade de contar e ouvir histórias, dos processos de subjetivação contemporâneos e dos aprisionamentos do desejo em modelos de existência possíveis que se efetuará na forma de uma “burguesia planetária”. Modelo este que faz voltar o inacabamento, as faltas, a angústia de não estar à altura, de poder ser desligado. E também algumas linhas dizem dos riscos de efetuarmos estratégias de ação que tenham neste modelo seu principal referencial, o que decorrerá, dentre outros, em maneira de olhar e de pensar o social, os direitos, a cidadania, a vulnerabilidade etc. como tentamos problematizar. Com este modelo, outras linhas derivam na forma de atribuições de culpas individuais e coletivas, responsabilizações e sujeições variadas, toda sorte de sentimentos ligados à piedade e

compaixão, que vão e vem nos levando a uma vontade de nada generalizada. Com esta, veremos ainda nascerem respostas violentas na forma de uma reação que quer achar saídas a pontapés.

A todo tempo, observamos nos processos da oficina, e também do TOCCA, o quanto vamos e viemos entre as durezas e as levezas destas linhas. Um terreno de tensões. A instituição, muitas vezes, nos minava a força com palavras de ordem que se referiam à disciplinarização dos corpos na forma do discurso: “dar limites, estas crianças não tem limites em casa, somos responsáveis por ensiná-las aqui”; “não culpo vocês, vocês não têm didática”. Discursos que nos fizeram colar rapidamente em modelos de organização familiar e desenvolvimento infantil que derivam de diferentes teorias psicológicas, pedagógicas e terapêuticas ocupacionais. Discursos que tanto pareciam ferir nossa identidade de terapeutas ocupacionais quando se referiam a outros campos do conhecimento, quanto garantiam um lugar na relação de poder por meio de um saber sobre a saúde, sobre a atividade E, ainda, pareciam tocar na terrível necessidade de afirmação por exclusão: educação ou recreação ou terapia ocupacional ou. Outros discursos visavam, ainda, diferenciar as estratégias da universidade dos saberes práticos dos profissionais dos serviços.

Nestes tristes encontros, muitas vezes, reagimos respondendo duramente na forma de reafirmações constantes de identidade, reterritorializando os arquivos da história da terapia ocupacional, falando deste lugar de saber e de poder. A leveza dos possíveis, experimentada com as histórias e seus devires, era sufocada pelas possibilidades de, pelas necessidades de.

A força desterritorializante da oficina gerava respostas tais como, sumiço de materiais, a impossibilidade de trabalhar na sala, no pátio, nos restando uma pequena sala ao fundo de um corredor, crianças eram retiradas do grupo, e por vezes, no auge de um movimento de criação onde cantavam, tocavam, encenavam e faziam muito barulho, o grupo era invadido por profissionais da instituição para “conter a baderna”.

Neste campo de forças díspares e de tensões, pensamos que a insistência em fazer circular o poder e o saber no grupo, em não saber o que fazer *a priori* e descobrir com o grupo como agir em situações como esta, talvez, tenham auxiliado a reverter à sujeição em ação. Por outro lado, corremos sempre o risco de idealizar o grupo, enamorando-nos de uma “tendência à comunhão, até mesmo uma fusão, quer dizer, a uma efervescência que apenas reuniria os elementos para dar lugar a uma unidade, uma supraindividualidade que

se exporia às mesmas objeções que a simples consideração de um único indivíduo, enclausurado em sua imanência (Blanchot, 2013, p.18)”. Acompanhando Blanchot, não seria esta homogeneização da comunidade outro modo de sujeitar as singularidades a um regime qualquer dominante?

Em Guattari (2004), encontraremos um modo de pensar “grupo” em suas faces de grupos sujeitados e grupos sujeito com o que nos conectamos para seguir pensando. Para o autor, grupos sujeitados são aqueles cuja estrutura se forma de modo hierarquizado, e aonde as determinações de seu funcionamento lhes vem do exterior, ajustam-se a outros grupos, “(...) do grupo sujeitado, diríamos, ‘sua causa é ouvida’ (...) E não se sabe onde é ouvida, nem por quem, numa cadeia serial indefinida. (p.106)”. Os grupos sujeito, ao contrário, são aqueles que enunciam algo, buscam analisar seus modos de agir, “tentam assumir o sentido de sua práxis (...) colocando-se assim em uma postura de vir a ser o agente de sua própria morte (p.117)”. Contudo, diz-nos o autor, estas são faces de funcionamentos dos grupos, especialmente os que teriam maior vocação a ser grupo sujeito, que seria a de oscilar entre “uma subjetividade que tem a vocação de tomar a palavra e a de uma subjetividade alienada a perder de vista na alteridade social. (p.106)”.

Do vivo-morto, que o mestre define quem está vivo e quem está morto, sendo eliminado do jogo aquele que não consegue reagir adequadamente às ordens, ao esconde-esconde em que ocorrem mais variações entre aparecer e esconder, onde quem saiu foi quem foi pego na parada em uma destas condições, nos parece que o grupo foi exprimindo pequenos movimentos de resistência. Durante um tempo, achamos curiosa esta circulação das crianças que convocava as coordenadoras a brincarem de esconde-esconde antes do início de qualquer ação da oficina. Para que pudessem se reunir precisavam variar entre achar e esconder.

Guattari nos aponta que dentro do campo de problematizações e práticas grupais haveria uma diferença entre um processo de desalienação de grupo e análise de grupo, essa última no sentido da afirmação pelo encontro da linha de criação e seus movimentos. Como ela passa.

Encontramos neste jogo entre achar e esconder uma potência de variação e de afirmação de um processo frágil sempre em curso deste grupo. “O achar” pode vir a dizer dos momentos em que se formam corpos-sujeitos, palavras, gestos, expressões sonoras, plásticas de diferentes ordens, mas também, das narrativas molares das histórias de vida, da instituição, da assistência, da terapia ocupacional que foram se

presentificando no jogo. Esconder poderia enunciar o que some, esquece e se apaga destes “eus” que circulam para que um “além” disso, para que um impessoal se ponha no jogo, narrativas em que se inventam histórias de vida, em que se trafega por outros lugares, comer, beber, dançar, destruir o mundo como ele se apresenta, para se achar o mundo tal como ele é. Tal estado de jogo nos interessa marcar, estado de trânsito destes elementos simplesmente. Afirmação do jogar.

O canto da sereia e o caleidoscópio

Conta-se que os contadores de histórias devêm pássaros. Existiu um tempo na África em que não havia histórias e nem sabedoria. O mundo era triste. Até que um dia, um homem e um pássaro-escrivão, o marabu, saíram em busca de histórias.

Pousado no ombro do homem, conhecedor de qual pena poderia arrancar para escrever, o pássaro andou ao lado do homem. Devir homem do pássaro, devir pássaro do homem. Em seus trajetos atravessaram matos, savanas, rios e mares, escutaram os ventos, as pedras, as arvores, animais e as pessoas.

Das marcas dos trajetos, imprimiram com tinta feita de água, pó de carvão e goma-arábica, usando a pena de marabu, palavras que narravam às muitas histórias vividas, ouvidas e vistas. O homem, no entanto, receava por sua memória. Como haveria de guardar tantas histórias? Como saberia contá-las com o frescor das palavras-vivas?

Eis a resposta do pássaro. Era preciso mergulhar todas as folhas escritas em um canari (uma vasilha africana feita de porongo), com água, a tal ponto e por tanto tempo que fosse possível apagá-las. E, então beber toda a água até o último gole.¹⁴⁵

¹⁴⁵ Livre adaptação da história – porque os contadores de histórias tem boa memoria e apreciam bons vinhos - contados por Matos e Sorsy (2009).

Os “três momentos” da oficina¹⁴⁶ nos fazem querer virar algumas outras palavras em mais narrativas possíveis: a casa e sua relação com o morar; o programa culinário e o comer; o luau e o festar. Tornar verbo alguns substantivos que definem direitos essenciais, tais como, moradia, alimentação, lazer, talvez acene para uma reversão do poder que nos interessa pensar.

As crianças que frequentavam a oficina eram, em sua maioria, moradoras de zonas de ocupação da cidade. Suas casas beiram as linhas do trem, de madeira, de um ou dois cômodos no máximo e, algumas delas, sem banheiro dentro. Algumas destas crianças vieram com seus pais de outras ocupações irregulares, em movimentos de luta pela moradia, outras nasceram ali.

Localizam-se em algumas destas ocupações líderes comunitários, associações de moradores, ligações diretas ou indiretas com movimentos de luta pela moradia da cidade. As articulações entre o poder público e os movimentos acontecem com alguma dificuldade, em parte, quando estas lideranças ocupam a assembleia legislativa em dias de discussão sobre orçamento, e tensionam em relação aos bens que necessitam e aos quais têm direito: creches, escolas, postos de saúde, moradias, dentre outros. De outro lado, respondem os órgãos públicos com oferta de serviços públicos em cogestão com instituições da sociedade civil – ONGs, Entidades Filantrópicas, etc. – com moradias populares em locais da cidade com pouco ou nenhum recurso social investido (em educação, saúde, transporte público, saneamento, etc.). Tensões que repetem o “mesmo” no terreno social, que exprimem processos de subjetivação em corpos que vão variando e cristalizando entre a passiva recepção da assistência e a militância.

Este cenário¹⁴⁷ ganha nuance própria quando a Maria está doente e precisa ir ao médico, quando o Vinícius está com a orelha cheia de pus, a família da dona Eraci precisa levar documentos ao centro da cidade para renovar o benefício, quando seu João tem de ir às 3hs da manhã para a fila na secretaria de assistência social no centro para requerer o “bolsa família”.... Mas também, quando a associação de moradores se agencia com a cooperativa de alimentos e consegue uma vez por semana distribuir alimentos e orientar a dieta das crianças, quando o líder consegue mobilizar a equipe de um serviço socioassistencial para realizarem ações junto à população para facilitar o

¹⁴⁶ Referência ao modo como organizamos no tempo cronológico as experiências da oficina, especialmente, a partir da monografia de Alessandra Moura.

¹⁴⁷ Os nomes e as situações citadas são inventados pela mistura de muitas narrativas.

acesso, quando a população local organiza jogos de futebol, e em torno destes, a venda de produtos feitos pelos moradores, dentre outros.

Com Deleuze (1997) vimos aprendendo que a todo trajeto corresponde seu mapa de intensidades, de densidades e, “os dois mapas, dos trajetos e dos afectos, remetem um ao outro (p.77)”. Assim, detivemos o olhar nos trajetos inventados pelas crianças com os verbos referidos. Esposando as histórias vão inventando blocos de afectos e perceptos que abrem para novas narrativas de si e do mundo. Vemos que vão escrevendo pelo meio de suas histórias de faltas e de conquista de seus direitos substanciais quando podem respirar um pouco. Em alguns momentos voltam-se a matar vilões, e a encarnar ‘super heróis’, mas, é especialmente, quando encenam e se põem a viajar que parecem afirmar o vagar de possíveis.¹⁴⁸

Neste plano micropolítico, veremos agitarem-se as forças que vão se conectando e tornando-se uma massa capaz de reverter, de ganhar expressão em transformações sociais, o que parece sinalizar a biopotência. Para Guattari (1996), seria precisamente neste entrelaçamento que “convém apreciar o que são as articulações entre os diferentes níveis de subjetivação e os diferentes níveis de relações de forças molares (p.132)”.

Quando inventam a casinha, temos a sensação de que toda a precariedade que poderia se exprimir nas formas das caixas de leite recicladas, na tinta guache e na cola, torna-se um território existencial que decorre da saturação, do esgotamento da precariedade tornando-a outra coisa – uma casa feita de fabulações. Entretanto, a tal leveza corresponderá uma força de destruição e de reterritorialização ao lugar de vítimas. “-*nossa casinha foi destruída por (...).*” Este jogo de forças, que às vezes se assemelha a uma “dança das cadeiras”, faz circular a vítima e o algoz entre nós. “*não soubemos cuidar o suficiente*”, será uma das frases que vai atravessar a equipe, por exemplo. Temos aprendido com o entrelaçamento de Deleuze com Nietzsche (2001) que dentre as características do ressentimento encontra-se a necessidade de encontrar os culpados, de acusar¹⁴⁹.

É com o segundo projeto que parece haver um deslocamento maior desta captura, quando com a ajuda de Pedro e Dona Véia, se torna possível passear e contar histórias

¹⁴⁸ Ainda com a imagem da fita de moebius, seguimos com Deleuze leitor de Nietzsche, quando diz: “O que constitui o homem e o seu mundo não é apenas um tipo particular de forças, mas um devir de forças em geral. (p.251)”.

¹⁴⁹ “Adivinhamos o que é que pretende a criatura do ressentimento: pretende que os outros sejam maus, tem necessidade que os outros sejam maus para se sentir boa. (Deleuze, 2001, p.179.)”.

deste passeio. Experimentam desenhando, encenando, escrevendo, costurando outros personagens, vestem-se de outras intensidades, as meias personificam a vulnerabilidade, tornando-a força possível do ponto de vista da produção de si. Vítimas, algozes, vagabundos e heróis flanam entre nós, os colocamos na panela mágica. Neste momento, começamos a tecer a pergunta: como circula o desejo neste dispositivo, como se efetua em poder e saber?

Entendemos que alguns conceitos nos serviram para envelopar as experiências vividas, alguns as vestiam e as faziam escapar pelos buracos da trama de seus tecidos, mas outros as enrolavam de tal modo que se chegava a sufocar, precisamos rasgar alguns tecidos e juntar com outros e abandonar alguns pedaços ao longo de nossa escrita. Costuramos e descosturamos pedaços com tramas mais arejadas e mais densas, uma roupagem possível.

Acontece que em tempos contemporâneos, aprendemos que imanentes a alguns tecidos e suas tramas vêm modos de subjetivar por demais sedutores em seus ilusórios apaziguamentos das angústias do que vestir a cada vez. E seguimos por estes cantos das sereias, muitas e muitas vezes. Afinal, com sua voz sublime, a sereia iludia nossos olhos cansados, a ver pequenos oásis, rastros de uma utopia onde tudo se resolveria, onde os impasses, as tensões seriam apenas lembranças de uma vida passada. E como Ulisses, ficamos entre o afogamento, o enlouquecimento ou a cegueira de um combate incerto, contra algo sem rosto.

Um dos cantos que ouvimos seduzidos foi o do empoderamento¹⁵⁰. Conceito que em dado momento nos pareceu interessante, cheio de ruídos e de brechas. Agenciamo-nos a Nietzsche, lido por Deleuze (2001), para seguir pensando, o autor nos mostra que não basta combater o inimigo, conhecê-lo, tomar seu lugar de poder para estar senhor de sua vontade de poder, senhor de sua força, sua potência de agir. Ao contrário, esta parece nascer da afirmação que não deseja nada, não tem necessidade de nada.¹⁵¹ Com

¹⁵⁰ Tomamos como referência a discussão acerca do empoderamento e seus reflexos no Brasil, compreendendo que como conceito multifacetado ele se complica em diferentes lugares e horas, ganhando expressões singulares. Segundo Horochovski e Meirelles, 2007, "Vasta literatura alerta para a polissemia do conceito de empoderamento (Perkins, 1995; Rappaport, 1995; Romano, 2002; Antunes, 2002 e 2003; Gohn, 2004)". (p.491).

¹⁵¹ Diz Beckett (2004): Não somos mais nós mesmos, nessas condições, e é penoso não ser mais você mesmo, ainda mais penoso do que sê-lo, apesar do que dizem. Pois quando o somos, sabemos o que temos que fazer para sê-lo menos, ao passo que quando não o somos mais somos qualquer um, não há mais como nos apagar. Beckett, S. *Primeiro Amor*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2004 [1970].

eles, adentramos o conceito de empoderamento com algum cuidado, observando suas enunciações e o modo como lança luz neste campo problemático.

Palavra de origem inglesa, “empowerment”, tem algumas de suas raízes no liberalismo civil e religioso, a palavra ‘empower’ tem como tradução os verbos transitivos autorizar, habilitar ou permitir (Stoltz e Araújo, 2004, apud Kleba e Wendausen, 2009). Neste sentido, se referindo a modos de organização da gestão institucional em que se delega o poder de maneira dirigida a determinados grupos, grosso modo, na expectativa de maior produtividade para a própria instituição. Por outro lado, sua emergência também está relacionada à efervescência dos movimentos sociais em torno dos anos de 1970, voltados à emancipação e luta por direitos da população negra, das mulheres, pessoas com deficiência, em especial, em solo americano, em um sentido outro de reverter o lugar de “vulnerável, de fragilidade, de sem poder de transformação de sua realidade” em poder de agir em sentido próprio e de seu grupo. Nestes rastros dos movimentos sociais, encantamo-nos, cheiramos a vitalidade ali. Ressoava em algumas historietas que escutávamos que se referiam às ocupações dos lugares onde trabalhávamos: a luta daqueles sujeitos para terem o que comer e vestir, onde viver, estudar, descansar, se cuidar, exercer seus ofícios.

Foi, então, que o canto da sereia invadiu violentamente os sentidos e reagimos aderindo por certo tempo a este conceito e suas muitas vozes. Como é sedutor reencontrar na “comunidade” este lugar de combate a um mundo cruel que nos oprime, em vez de nos perguntarmos que vidas precisam oprimir e ser oprimidas, que discursos se engendram neste jogo em que a vida e a morte se alimentam por oposição.

Durante muito tempo a vida reativa esforçou-se por segregar os seus próprios valores, o homem reativo toma o lugar de Deus: a adaptação, a evolução, o progresso, a felicidade para todos, o bem da comunidade; o Homem-Deus, o homem moral, o homem verídico, o homem social. São estes valores novos que nos são propostos para o lugar dos valores superiores, são estes os personagens novos que nos são propostos para o lugar de Deus. Os últimos homens ainda dizem: nós inventamos a felicidade. Porque é que o homem teria morto Deus senão para lhe ocupar o lugar ainda quente? (Deleuze, 2001, p.227)

Seguimos as pistas daquilo que nos encantou. Em um texto que trata do empoderamento e a participação da comunidade nas políticas sociais, Gohn (2004), tece

uma narrativa que nos leva a ver os movimentos sociais de redemocratização do País e suas relações com os conceitos que lhes deram passagem, acenando para os usos feitos do conceito de empoderamento que se voltariam à minimização da condição de vulnerabilidade de pessoas e grupos. “A democracia direta e participativa, exercitada de forma autônoma, nos locais de moradia, trabalho, estudo etc. era tida como o modelo ideal para a construção de uma contra hegemonia ao poder dominante. (p.3)”. Em seu texto, vemos a efervescência de ações micropolíticas que implicava, em articulações as mais variadas que iam revertendo gradualmente o cenário hegemônico, ainda que por substituição de um modelo por outro. E de que modo, a nova organização social, política e econômica dominante irá cooptar o frescor destes movimentos em novas institucionalizações¹⁵². Com isso, destaca que o empoderamento vem se tornando um jargão das políticas públicas e seus analistas, principalmente, no que tange ao fomento de projetos autossustentáveis.

Para Gohn, o conceito de empoderamento não tem um caráter universal, referindo-se tanto “ao processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades - no sentido de seu crescimento, autonomia, melhora gradual e progressiva de suas vidas (material e como seres humanos dotados de uma visão crítica da realidade social) (Gohn, 2004, p.4)”, quanto a ações que se voltam à integração dos excluídos a seus bens de direito, sem dar-lhes condições de voz, de organização e de mobilização própria, contribuindo assim para atenções individualizantes em uma “ciranda interminável de projetos de ações sociais assistenciais. (Gohn, 2004, p.4)”.

Kleba e Wendausen (2009) a partir da síntese de diferentes autores afirmam que empoderamento se relaciona com uma ampliação do poder e da autonomia individual e coletiva, em suas relações interpessoais e institucionais, “principalmente daqueles submetidos a relações de opressão, discriminação e dominação social (p.736)”. E, que dentro deste processo seria importante a construção de canais de comunicação entre grupos, sujeitos e os equipamentos políticos mais amplos. Deste modo, se ampliaria o debate das condições sócio históricas e a condição de reversão de situações de opressão. Destacam, porém, que alguns outros autores apontam que o empoderamento não se relaciona com ações em que alguém assume a voz pelo outro, em uma espécie de

¹⁵² “No novo cenário, a sociedade civil se amplia para entrelaçar-se com a sociedade política, colaborando para o novo caráter contraditório e fragmentado que o Estado passa a ter nos anos 1990. Desenvolve-se o novo espaço público, denominado público não estatal, onde irão situar-se conselhos, fóruns, redes e articulações entre a sociedade civil e representantes do poder público para a gestão de parcelas da coisa pública que dizem respeito ao atendimento das demandas sociais. Essas demandas passam a ser tratadas como parte da “Questão Social” do país.” (Gohn, 2004, p.4).

infantilização da relação, nem com ações tutelares. “O papel dos técnicos seria o de mediadores, apoiadores no fortalecimento das pessoas para que encontrem suas próprias soluções e as implementem. (Kleba e Wendausen, 2009, p.736)”. Nestas autoras, ainda, encontraremos três níveis nos processos de empoderamento: nível pessoal ou psicológico, nível grupal, nível estrutural ou político.¹⁵³

Retomamos, aqui, pontos de contato com os rastros que o conceito deixa em nossos trajetos, por meio da ideia de um grupo, um projeto que pudesse ter tal autonomia que se sustentaria na contramão do que está posto no mundo e pudesse de alguma maneira reverter a condição com que havíamos entrado em contato por meio das experiências na comunidade de modo mais violento. (neste sentido com o que conseguíamos ver na miséria, no abandono, nas violências etc.) Estávamos culpados e precisávamos agir.

Lembramo-nos, naquele momento, das experiências das ecovilas, onde um ideal de vida coletiva, autossustentável, em “comunhão” com o meio ambiente, haviam se tornado para nós um modelo de combate ao neoliberalismo e suas produções. O quê nos levou a um dos inusitados desvios que o TOCCA fez por um ano e meio, que foi o de uma parceria com o projeto do Jardim Botânico da Universidade. Acompanhávamos as visitas das crianças de escolas públicas ao Jardim, auxiliando as monitoras a estabelecerem de modo mais lúdico a aproximação das crianças com aquele universo de fauna e flora. Neste período, discutíamos em equipe mais ampliada os modos da educação ambiental nas escolas e buscávamos pelo “elo perdido” desta comunidade ideal. Entretanto, apesar da riqueza das aventuras junto ao Jardim, que nos geravam muitas horas de discussão interna no projeto, nossos olhos e ouvidos estavam fechados para as singularidades, estudamos muito nesta época e procuramos, na arte, parcerias, tal como a do artista Hundertwasser¹⁵⁴, mas queríamos um modelo que nos salvasse ao invés de

¹⁵³ Não iremos nos aprofundar no detalhamento destes níveis tendo em vista que operam em outra lógica de pensamento da que buscamos acionar neste trabalho.

¹⁵⁴ Com o projeto, “*TOCCA Curumin - Narrativas do mundo, narrativas de mim, conversas com HUNDERTWASSER.*”, tivemos nossa primeira verba de extensão para o TOCCA em 2010/2011 por meio do FIEX/CCNE – UFSM. A proposta inicial era a de realizarmos no Jardim Botânico oficinas de atividades artísticas à população heterogênea. Com o passar do tempo, tomamos a oficina de contação de histórias como parte da efetuação do projeto e após minha licença gestante, retomamos a parceria com o Jardim Botânico a partir das visitas monitoradas. As oficinas foram intensão durante bastante tempo, mas por dificuldades concretas – espaço físico, materiais, equipe, horários de funcionamento - de ambos os projetos tornaram-se inviáveis de se realizar ali.

nos agenciarmos com. Não conseguíamos agir com as marcas, a volta que a força fazia era contra nós mesmos, a culpa¹⁵⁵.

Queríamos aproximar as crianças e jovens que atendíamos no projeto deste espaço de lazer e da aprendizagem de manejos ecológicos, acreditávamos que podiam ser saídas para reverter algumas condições de moradia e alimentação no bairro em que viviam. O que se mostrou com o tempo mais complicado, inclusive do ponto de vista prático, pois a terra sem saneamento básico fica comprometida para plantio de alimentos, por exemplo. Agidos, sujeitávamos os diferentes movimentos do projeto a alguns ideais. Por mais que as noções que utilizássemos buscassem no plano molar a emancipação dos sujeitos, por ex., no acesso a espaços públicos de seu lugar de moradia, no plano micropolítico havia uma hierarquia na escolha das ideias do que fosse lazer, por exemplo.

Com Guattari (1996), pudemos observar algumas problemáticas nas linhas deste conceito de empoderamento e suas efetuações. O autor nos leva a ver que

Opor uma política molar das grandes organizações, presentes em qualquer nível da sociedade (micro e macro), a uma função molecular que considera as problemáticas da economia do desejo, igualmente presentes em qualquer nível da sociedade, não implica uma valoração na qual o molecular seria o bom e o molar, o mau. Os problemas se colocam sempre e, ao mesmo tempo, nos dois níveis (p.133)

O que talvez consigamos aprender com a oficina seja esta condição precária de um dispositivo, afirmar um lugar que esteja sempre colocando e recolocando sua problemática, num procedimento mais caleidoscópico e fugidio às palavras de ordem. Neste sentido, o conceito de empoderamento pode vir a ser revertido em ações: “em poder”, “com poder” em um sentido mais afirmativo da força de existir. Para Guattari (1996), se houvesse um parâmetro primeiro e único para uma análise do desejo no campo social, seria o de estar alerta aos fatores de culpabilização, para tudo o que bloqueia as mutações no campo subjetivo. Nestas experiências seria preciso captar “os possíveis de que elas são portadoras (...), pois é através deste tipo de metabolismo que se forma

¹⁵⁵“o homem do ressentimento experimenta qualquer ser e qualquer objeto como uma ofensa na medida exatamente proporcional que lhe sofre o efeito (...) é por si mesmo um ser doloroso: a esclerose ou o endurecimento da sua consciência, a rapidez com a qual qualquer excitação se condensa e se congela nele, o peso das marcas que o invadem são outros tantos sofrimentos cruéis.” (Deleuze, 2001, p.174-5).

os verdadeiros vetores de transformação social. É por essa razão que me parece fundamental a prática de uma analítica social da culpabilidade. (p.135)”.

À medida que caminhamos, observamos, contudo, que ao constituirmos dispositivos que reconectassem os seres com suas forças, que os auxiliassem a encontrar palavras, gestos, silêncios que como pontes dessem passagem às marcas vividas nos encontros com o mundo, poderíamos abrir espaços produtores de outras dobras neste tecido e, com isso, à suposta fraqueza poderia revirar-se em força ativa.

Vagar e ocupar

“caminhando tem todas as possibilidades da ação em si: permite a escolha, o imprevisível, a transformação do virtual em obra. (...) Existe apenas um tipo de duração: o ato. O ato é o que produz o caminhando. Não existe nada antes e nada depois. “

Lygia Clark (1997)

Algumas estratégias dos movimentos sociais, na atualidade, se desenham na forma de ocupações, configuração de uma situação onde não foi possível negociar com o poder dominante. “Invasões” de espaços, instituições e terras públicas ou privadas vão abrindo fendas naquilo que estava parado, rasgando o tecido duro de modo a fazer aparecer questões antes colocadas no impensável ou na invisibilidade.

Em diagonal, passaremos pelas ocupações, fazendo fugir o iminente julgamento moral certo ou errado, apropriado ou não, bom ou mau, seguindo o rastro de uma estética, o rastro de uma ética e uma política que se afirmam ali, contaminando-nos.

A proximidade com estes movimentos vem de longe, fomos atravessados pelas ocupações estudantis, pelas ocupações artísticas, pelas aproximações com figuras que habitaram prédios no centro de São Paulo, em cada uma delas, viveu-se o risco de querer eternizar, de querer idealizar a efervescência de um junto. Por outro lado, se experimentou habitar espaços estrangeiros, tornar lugar de morada o insólito e transformar realidades. Inventaram-se casas provisórias, de passagem, para dizer a vida em sua potência de afirmação, mas também, quando se faz violência contra o mundo, quando se faz reação.

Os personagens deste texto agruparam-se e dispersaram-se em ocupações provisórias feitas nas narrativas, vagando por entre as palavras com seu enxame de sentidos. Vagabundearam, aventuraram-se, arriscaram-se nas linhas de captura das palavras, mas também, as tensionaram a sair dos trilhos.

Narrativas que tentaram enunciar os corpos em ocupações provisórias buscaram seguir a criança em seus trajetos pelo mundo (devir-criança), sustentando-se no “fio da cançãozinha” que balbucia por entre ursinhos e bola e um copo de água e saltos pelo espaço e corridas e um quebra cabeça e dança. Uma junção assimétrica, um “e”. Como

testemunhas deste movimento, vagando com ela por entre, ocupando e desocupando e ocupando e. Nesta ocupação provisória de papéis por palavras narradas por entre o que aconteceu, acontece e acontecerá, fomos inventando uma comunidade, cuja força política se engendra na afirmação de uma multiplicidade de olhares, de clínicas, de militâncias, de fazimentos e desfazimentos.

Testemunhas. Aventuramo-nos nestes rastros, nestes “restos” do acontecimento que viriam a contrapelo do arquivo¹⁵⁶, desmemoriados, inventamos um lugar e uma hora de dizer. Dissemos, e imediatamente, entendemos que isso não nos garantiria nada, não nos daria nem a salvação, nem o suplício, mas um lançamento em sempre outros modos de vagar.

Em nossos trajetos com o TOCCA, fomos acumulando histórias, embaralhando narrativas, esquecendo as palavras contadas. Encontramo-nos com pessoas, espaços, lugares, livros e textos, inventamos o que dizer com eles e perdemos e apagamos palavras e mais palavras.

Concordamos com Deleuze (1968) quando diz que

Nunca foi tão grande o esforço para distinguir dois domínios: revelação e expressão. Ou duas relações heterogêneas: entre o signo e o significado, a expressão e aquilo que é exprimido. O signo está sempre ligado a um próprio; ele significa sempre um mandamento; e ele funda nossa obediência. A expressão sempre diz respeito a um atributo; ela exprime uma essência, isto é, uma natureza no infinitivo; ela nos permite conhecê-la. (p.48)

Escrevemos, contamos histórias, juntamos conceitos, uma expressão TOCCA. Ocupamos a cena ao longo destas páginas escritas, buscando dizer dos processos de produção do TOCCA, cartografando seus modos de existir, observando seus procedimentos. À medida que fizemos morada, também sentimos o vento soprar, nos levando para longe. E, agora, esforçamo-nos neste trecho para finalizar o traçado destes movimentos, a questão talvez seja de suspender. Seguimos Inforsato (2010) quando diz, “o último passo, a última palavra do texto é, com efeito, a penúltima, uma vez que ele preza (provavelmente em

¹⁵⁶ No prefácio do livro de Agamben (2008) - “o que resta de Auschwitz” - Jeane Marie Gagnebin, afirma: “ podemos entender esse resto como aquilo que, no testemunho, solapa a própria eficácia do dizer e, por isso mesmo, institui a verdade de sua fala; e, no tempo humano, como aquilo que solapa a linearidade infinita do chronos e institui a plenitude evanescente do tempo-de-agora como kairos messiânico.” (p.11)

vão) por não desmontar o agenciamento em que ele fragilmente se instala. (...) o que lhe resta é a suspensão. (p.202)”.

Não encontramos uma verdade sobre o projeto, nem sobre as pessoas que por ele transitam, nem respondemos as questões, antes, quisemos aprender a colocá-las para seguir pensando. Observamos os procedimentos como quem sobrevoa grandes pedaços de terra, lançamos o olhar mais dirigido a algumas paisagens. Há movimento nos modos de agir do projeto, há conexões mais potentes e outras menos. Ao avizinhar-se da obra de Carmelo Bene, um encenador italiano, Deleuze (2010) afirma que sua peça termina com a “constituição do personagem, ela só tem como objeto o processo desta constituição, e não se estende para além dele. Ela para com o nascimento, enquanto é habitualmente na morte que se para. Não se concluirá daí que esses personagens tenham um ‘eu’. (p.31)”. Há uma terapêutica ocupacional que nasceu nesta expressão, e segue em trânsito, querendo estar ao lado, avizinhar-se, atravessada pelas tensões imanentes deste campo que se tentou cartografar, correndo o risco de querer obrar a vida do outro, a própria terapia ocupacional, o trabalho social.

Escrever não pôs fim nas tensões, não as resolveu, ao contrário as multiplicou, fez brotar a consciência. “A consciência, a tomada de consciência, é uma grande potência, mas não é feita para as soluções nem para as interpretações. É quando a consciência abandona as soluções e as interpretações que ela conquista sua luz, seus gestos e seus sons, sua transformação decisiva. (Deleuze, 2010, p.64)”.

Durante boa parte do tempo em que esta tese se fez, se viveu um encantamento e uma surpresa com os escritos de Deleuze acerca da expressão, quando toma Espinosa como companhia. De algum modo, buscamos compreender, sem conseguir totalmente, os três gêneros do conhecimento, o que atravessou todo este escrito e também os processos do projeto. Questão de uma vida que se atualizou deste modo nestas narrativas. De outro lado, à medida que as narrativas foram sendo tecidas, e a consciência de que fala Deleuze fora se abrindo aos microcosmos que vão se agenciando nos planos virtuais e atuais, experimentamos a compreensão da processualidade e sua condição frágil e fugaz. E, uma maior clareza do que seria a concepção de comunidade que rascunhamos ao longo deste escrito, diz-nos, Deleuze (2010):

Quanto mais alguém atinge esta forma de consciência de minoria, menos se sente só. Luz. Sozinho se é uma massa, ‘a massa de meus átomos’. E, sob a ambição das fórmulas, há a mais modesta apreciação do que poderia ser um teatro revolucionário, uma simples

potencialidade amorosa, um elemento para um novo devir na consciência. (p.64).

Não seria esta a beatitude, a potência amorosa de que fala Deleuze e também Espinosa? Um amor à vida, que não faz mais do que afirmá-la e multiplicá-la? Tal revolução não deseja nada, o desejo lhe transpassa, surge de sua expressão. Experimentamos.

Quando toma por intercessores os procedimentos de Carmelo Bene, Deleuze (2010) observa sua expressão naquilo em que ela subtrai elementos do Poder das figuras cênicas clássicas e dominantes, conseguindo deste modo, dar passagem a outras forças que virtuais estariam imanentes às obras que ele escolhe encenar, a seu modo. Com isso, oferece condições para que novos possíveis se abram e se coloquem em jogo. Estética e política.

Seguindo seus apontamentos, vamos pensando a respeito destes pequenos escritos na forma narrativa que operariam um testemunho, modos de exprimir o TOCCA, pequenos nascimentos. Na medida em que fomos construindo as histórias, pudemos experimentar novos trajetos com elas, deslocar a história cronológica do projeto por meio de suas intensidades, habitar novos lugares e tempos. Tentamos escrever pelo meio, cientes de que tal feito nos exigiria muito mais competência técnica do que temos, assim, meio mambembes, utilizamos as palavras nas feitura de pequenas histórias. O exercício do pensamento neste trabalho foi o de operar, principalmente, por retirada, mas também, na deformação. Narramos, também, para amputar as “grandes figuras”. As narrativas deste escrito buscaram fazer fugir o vulnerável, o empoderado, o pobre, o rico, o terapeuta, o paciente etc... Querendo encontrar outras figuras que pudessem nascer com elas. Não saberei se as encontramos.

É preciso fazer um corte, tratar de fechar este escrito para que ele possa abrir-se a outras forças. Tentaremos de outra maneira.

As tocas são formadas de túneis, muitos túneis, que vão se formando pelos caminhos que os bichos submersos na terra vão sendo impulsionados a fazer, para vida poder vingar em sua potência máxima. “Não basta nem dizer que as partículas intensas e movediças passam por buracos; um buraco é tão partícula quanto o que por ele passa. Os físicos dizem: os buracos não são ausências de partículas, mas partículas que andam mais rápido do que a luz. (Deleuze & Guattari, 1996, p.46)”.

Aprendemos a cavoucar ao longo de nosso trajeto de trabalho, fazer buracos nas palavras que compõem o TOCCA – Terapia Ocupacional, Corpo, Cultura e as Artes. Com algumas nos detivemos mais e, em outras indiretamente reconhecemos os efeitos e os rastros desterritorializantes, tentamos fazê-las virar, revirar para não adoecerem fixas em sentidos únicos, para não colarem rapidamente nas explicações dominantes. Talvez este tenha sido o procedimento. Narrar para atravessar o indizível e o invisível, para dar corpo às marcas do vivido e sair da paralisia, para fazer túnel.

Existia uma criança que tinha um sonho que se repetia, acordava e se deparava com o “homem-lobo”, morria de medo. Ensina-lhe de tudo para que pudesse dormir de novo, colocar um copo de água com açúcar de baixo da cama, amarrar uma fitinha de nossa senhora do bom fim no braço e fazer o pedido, não lavar os cabelos, não andar de pés no chão, não comer muito de noite (...) e virar o travesseiro de lado todas as vezes que tivesse um sonho ruim. Um dia, teve o sonho novamente, acordou viu a imagem do homem-lobo, e enquanto virava o travesseiro, ele se transformou em um monte de lobos. Alcateia. Suspensão.

O rizoma. Uma das características essenciais do sonho de multiplicidade é a de que cada elemento não para de variar e modificar sua distância em relação aos outros. (...) Ora, essas distâncias variáveis não são quantidades extensivas que se dividiriam umas nas outras, mas são, sobretudo, indivisíveis, relativamente indivisíveis, isto é, que não se dividem além ou além de certo limiar, não aumentam ou não diminuem sem que seus elementos mudem de natureza. (Deleuze & Guattari, 1996, p.44)

Talvez neste sonho de fim de tese o que se acione seja o contato entre estes corpos que compõem o TOCCA, que desenham suas durezas e levezas, mas também seu corpo sem órgãos. Pensamos no quanto escrever pequenos testemunhos funcionaram na ativação das forças criadoras e suas passagens, fazendo com que o corpo e o corpo sem órgãos se transpassassem, abrindo uma potência clínica, uma análise de suas posições.

Nestas viragens que as potências do falso abriram às ‘narrativas – testemunhos’ pudemos fabular pelo meio inícios e fins possíveis aos eventos, deslocamentos se fizeram em maior e menor grau, “por isso, a testemunha, o sujeito ético, é o sujeito que dá testemunho de uma dessubjetivação. (Agamben, 2010, p.151)”.

Neste território de palavras, que já não é mais o projeto, pudemos inventar outro dele apagando-o.

PÓS- ESCRITO.

Não sei onde estou
caminho sem olhar
pra longe de você
a chuva e seus túneis

Não sei aonde vou
mas tenho de cruzar
os riscos o lugar
a chuva e seus túneis

Uma visão em diagonal
um rosto no escuro
mais novo do que fui
o tempo em espiral

Caminho um corpo sem lugar
fotografia de alguém
mais novo do que fui
um corpo sem ninguém

Não sei onde estou
nem sei como voltar
pra perto de você
o tempo e seus túneis

Não sei aonde vou
receio te encontrar
e não reconhecer
a vida e seus túneis

Annita Costa Malufe.

Bibliografia

- Agamben, G. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo ed., 2008.
- _____. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. São Paulo: Boitempo ed., 2010.
- _____. **O Estado de Exceção**. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- _____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó. Argos, 2009.
- _____. **A comunidade que vem**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.
- ANGELI, A A C. **Projeto TOCCA – Terapia Ocupacional, Corpo, Cultura e as Artes**. Projeto de extensão. –Fundo de Incentivo à Extensão (FLEX),/ Centro de Ciências da Saúde(CCS) , Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, 2011; 2012;2013.
- _____. **Respiros – Por um estado de jogo entre o teatro e a clínica**. Dissertação Mestrado. (Núcleo de estudos da subjetividade) São Paulo: PUC, 2008.
- ARAGON, L. LIMA, E. NETO, J. (ORG.) **Subjetividade contemporânea – desafios metodológicos**. Curitiba: Ed. CRV, 2010.
- BARBA, E. **Queimar a casa**. São Paulo: Perspectiva ed., 2010.
- BAQUERO, RUTE VIVIAN ANGELO. *A situação das Américas: democracia, capital social e empoderamento*. IN: **REVISTA DEBATES**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.
- BAQUERO, Rute. *Empoderamento: questões conceituais e metodológicas*. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 2, p. 77-93, maio-ago. 2006.
- BARROS D.D. *Operadores de saúde na área social*, **Rev. Terap. Ocup.** da USP, São Paulo, vol.1(1), 1991, p:11-16.
- BARROS, D.D.; GHIRARDI, M. I. G.; LOPES, R. E. *Terapia ocupacional e sociedade*. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, São Paulo., 2002..
- BARROS, D D. *Terapia Ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar*. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**. v.15, n.3, p. 90-7, set./dez. 2004.

BARROS, D.D.; ALMEIDA, M.C. de; VECCHIA, T.C. *Terapia ocupacional social: diversidade, cultura e saber técnico*. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.18, n. 3, p. 128-134, set./dez. 2007.

BARROS, D. D.; LOPES, R E; GALHEIGO, S. M. *Terapia ocupacional: Concepções e perspectivas*. IN: ALBUQUERQUE E SOUZA, A.; GALVÃO, C. R. **Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

BARROS, D. D. *Terapia Ocupacional Social*. Revista de Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo, V.15, n.3, p.90-7, set/dez, 2004.

BECKETT, S. **Esperando Godot**. Trad. José Maria Mendes. Lisboa: Cotovia, 2000.

_____ **Primeiro Amor**. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2004 [1970].

_____ **O inominável**. Lisboa: Assírio & Alvin, 2002

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, Arte e política. (obras escolhidas, v.1)**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus editora, 1984.

BLANCHOT, M. **A comunidade inconfessável**. Tradução de Eclair Antonio Almeida Filho. Brasília: ed. UNB, 2013.

BOTEGA, L R. *Urbanização e ocupações na formação da periferia de Santa Maria – RS na segunda metade do século XX*. IN: Ribeiro & Weber (org.). **Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara dos Vereadores, 2012.

BRASIL. **Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS)**. Lei 8742, de 07.12.1993. Disponível on-line: www.congemas.org.br/loas.pdf. Acesso em dezembro de 2011.

BRASIL. **Orientações Técnicas Centro de Referência de Assistência Social**, 2009.

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social. Norma Operacional Básica – NOB/SUAS**. 2004.

BRUNELLO, M I. CASTRO, E. D., LIMA, E. M. F A. *Atividades Humanas e Terapia Ocupacional*. In: BARTALOTTI, C.C.; CARLO, MMR. (org) **Terapia Ocupacional no Brasil: Fundamentos e Perspectivas**. São Paulo: Summus, 2001.

CARDOSO JR, H. R.; *Foucault e Deleuze em coparticipação no plano conceitual*. IN: VEIGA-NETO ET AL. (ORG.). **Imagens de Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: DP&A ed., 2005.

CASTEL, R. *Classes sociais, Desigualdades Sociais, Exclusão Social*. IN: Balsa, C; BONETTI, L.W.; SOULET, MH.[ORG] **Conceitos e Dimensões da pobreza e da exclusão social – Uma abordagem transnacional**. Ijuí, ed. UNIJUI, 2006. (P.66)

_____ **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010.

_____ *Da indigência à exclusão, à desfiliação. Precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional*. In: LACETTI A. (org.) **Saúde Loucura 4**. São Paulo, Hucitec, 1994, p.21-48.

_____ WANDERLEY, L. E.; BELFIORE-WANDERLEY, M. **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 2011.

CASTRO, E. **Atividades Artísticas e Terapia Ocupacional Construção de Linguagens e Inclusão Social**. Tese de doutorado. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2001.

CASTRO, E.D. ET AL. *Análise de Atividades* IN: DE CARLO, M. CÂNDIDA, [ORG.] **Terapia Ocupacional – reabilitação e contextos hospitalares**. SP: ROCA.

COSTA, R. *Sociedade de Controle*. IN: **São Paulo em Perspectiva**, 18(1): 161-167, 2004.

COSTA, R. Por um novo conceito de Comunidade. IN: **Interface – comunicação, saúde e educação**. V.9. n.17, p 235-48, mar/ago, 2005.

CRUZ, L.R; GUARESCHI, N. **O psicólogo e as políticas públicas de Assistência Social**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2012.

DELEUZE & GUATTARI. **Mil platôs (vol 1)**. São Paulo: ed. 34, 1996.

_____. **Mil platôs (vol 4)**. São Paulo: ed. 34, 1997b.

_____ *Micropolítica e segmentaridade*. IN: **Mil platôs (vol 3)**. São Paulo: ed. 34, 2004.

_____. **Mil platôs (vol 5)**. São Paulo: ed. 34, 2005b.

_____ **o que é a filosofia?** São Paulo: ed. 34, 1997.

_____. **O Antiédipo**. Tradução Luiz B L Orlandi. São Paulo: ed. 34, 2010.

- _____. **Kafka – Para uma literatura menor.** Lisboa: Assírio&Alvim, 2002.
- DELEUZE, G. curso de 13 de janeiro de 1981. IN: DELEUZE, G. **Cursos sobre Spinoza (vincennes, 1978-1981).** Fortaleza: EDUECE, 2009.
- _____. **Em medio de Spinoza.** 2 ed. Buenos Aires: Cactus, 2008.
- _____. **Lógica do Sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____. **Imagem-tempo.** São Paulo: brasiliense, 2005.
- _____. **Foucault.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.
- _____. **Crítica e clínica.** Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. **Conversações.** Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____. **Espinosa – Filosofia Prática.** São Paulo: Escuta, 2002 [1981], p.55-8.
- _____. **Sobre Teatro.** Rio de Janeiro : ZAHAR, 2010.
- _____. **Nietzsche e a filosofia.** Porto: Rés-editora, 2001.
- _____. **Nietzsche.** Lisboa: Ed. 70, 2001. [original, 1965].
- _____. **Ilha Deserta.** São Paulo: Iluminuras, 2006.
- _____. **Mistério de Ariana.** Tradução Edmundo Cordeiro. Lisboa: Ed. Veja-Passagens. 1996.
- _____. **Diferença e Repetição.** São Paulo: GRAAL ed., 2006.
- DELEUZE, G. & PARNET, C. **Diálogos.** Lisboa: Relógio D'água, 2004.
- DOMINGUES, L. **À flor da pele.** Porto Alegre: Sulinas/Ed. UFRGS, 2010.
- DUARTE, A. *Sobre a biopolítica de Foucault ao século XXI.* IN: **revista Cinética – ensaios críticos.** http://www.revistacinética.com.br/cep/andre_duarte.htm. Acesso em 20/01/2013.
- ESCÓSSIA, L. *O coletivo como plano de criação na Saúde Pública* IN: **Interface (Botucatu)** vol.13 supl.1 Botucatu 2009.
- FAVRE, R. *Trabalhando pela biodiversidade subjetiva.* IN: **Cadernos de Subjetividade.** SP: Núcleo de Estudos da Subjetividade, 2010.

FEDIDA, P. Não estar em repouso com as palavras. IN: **Lygia Clark – da obra ao acontecimento. Catálogo da exposição: somos o molde. A você cabe o sopro.** São Paulo: Pinacoteca, 2006.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____ **A História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal ed., 2001.

_____ **A microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal ed, 2008.

_____ **O nascimento da Biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____ *A vida dos Homens Infames.* (1977) IN: Foucault, M. **Ditos e Escritos IV. Estratégia de saber-poder.** Rio de Janeiro: GEN – Grupo editorial Nacional, 2012.

_____ **Estratégia saber-poder. Ditos e escritos IV.** RJ: GEN /forense universitária, 2010.

FLORES, J R A. *Santa Maria: terra de humanidade e cultura.* IN: Weber, B. & Ribeiro, J I. **Nova história de Santa Maria: Contribuições recentes.** Santa Maria: [S.N.], 2010. (p.20).

FONSECA, T. M.G. ET AL. **Pesquisa e Acontecimento: o toque no impensado.** IN: *Psicologia em estudo.* Maringá: v.11 n.3.655-660, set/dez, 2006.

_____ ; KIRST, P. **Cartografias e Devires: a construção do presente.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

_____ ; ENGELMAN, S. (org.) **Corpo, Arte e Clínica.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

_____ ; COSTA, LA.; KIRST, P. Ritornelos para o pesquisar no contexto das tecnologias virtuais do sensível. IN: **Informática na Educação: teoria & prática,** Porto Alegre, v.11. n.1, jan/jun, 2008.

_____ Quando o mínimo é o máximo. IN: MACEDO, C. e outros. **Arca de Impurezas.** Porto Alegre: território das artes, 2008.

_____ e Costa, L.B. **Vidas do Fora.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2010.

GADELHA, S. IN: Lins, D. (org). Apresentação. IN: **Bárbaros, Civilizados.** São Paulo: ANABLUME editora, 2004.

GALHEIGO, S M. *transdisciplinaridade enquanto princípio e realidade das ações de saúde*. I N: **Revista de Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo**, v.10, n2/3, p. 49-54, mai/dez, 1999.

_____. Palestra ministrada por ocasião de um seminário da pós-graduação em Terapia Ocupacional na UFSCAR. 2012. (mimeo)

_____. *Narrativas contemporâneas*. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 1, p. 8-12, jan./abr. 2009.

GALLO, SÍLVIO E ASPIS, RENATA LIMA. *Ensino de filosofia e cidadania nas “sociedades de controle”: resistência e linhas de fuga*. IN: **Pro - Posições**, Campinas, v. 21, n. 1 (61), p. 89-105, jan./abr. 2010.

GOHN, M. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. IN: **Saúde e Sociedade** v.13, n.2. p.20-31, mai-ago, 2004.

GUARESCHI, N. M. F., LARA, L. & ADEGAS, M. A. *Políticas públicas entre o sujeito de direitos e o homo œconomicus* IN: **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 3, pp. 332-339, jul./set. 2010.

GUATTARI, F. **Caosmose**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

141

_____. **Psicanálise e transversalidade. Ensaios de análise institucional**. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica e Cartografias do Desejo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

FERREIRA, L.H.G **Enredar: “A arte de organizar encontros”**. 2006. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em 12/01/2014.

GUIRARDI, M. I. *Terapia Ocupacional em processos econômico-sociais*. IN: **Dossiê de Terapia Ocupacional Social**, cad. Ter. ocup., UFSCAR, São Carlos, v.20, n.1, p. 17-20, 2012.

GROTOWSKI, J. **Em busca de um Teatro Pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

HENZ, A. O. **Estéticas do Esgotamento: extratos para uma política em Beckett e Deleuze**. Tese de doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2005.

HOLMES, BRIAN. **La Personalidad Potencial – transubjetividad em la sociedade de control**. Disponível em: <http://brianholmes.wordpress.com/la-personalidad-potencial/> acesso em 20/01/2014.

HOROCHOVSKI, Rodrigo R.; MEIRELLES, Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. In: **Seminário Nacional Movimentos Sociais Participação e Democracia**. Florianópolis, 2007.

INFORSATO, E. A. **Clínica Barroca: exercícios de simpatia e feitiçaria**. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC-SP, Programa de Psicologia Clínica, 2005.

_____. **Desobramento. Constelações clínicas e políticas do comum**. Tese doutorado. São Paulo: USP, Faculdade de Educação, 2010.

KAFKA, F. **Um artista da fome/ a construção**. São Paulo: Cia. Das letras, 2007.

KLEBA, MARIA ELISABETH; WENDAUSEN, AGUEDA. *Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política*. IN: Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.4, p.733-743, 2009.

LAPOUJADE, D. *O corpo que não agüenta mais*. In: **Nietzsche e Deleuze. Que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

_____. *Deleuze: Política e informação*. In: **Cadernos de subjetividade**. São Paulo: PUC-SP, 2010.

_____. *Cinismo e Piedade*. IN: Lins, D. (org). **Bárbaros, Civilizados**. São Paulo: ANABLUME editora, 2004.

LIMA, E. M. F. A. & GUIRARDI, M. I. G. *Transdisciplinaridade*. IN: **Revista de Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo**, v. 19, n.3, p.153-158, se/dez. 2008.

LYGIA CLARK (catálogo). Barcelona (21/out–21/dez/1997). Fundación Tapies, 1997.

LINS, D. EXPRESSÃO – **Espinosa em Deleuze. Deleuze em Espinosa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

LEVI, P. **Afogados e sobreviventes**. São Paulo: editora Paz e Terra, 2004.

LISPECTOR, CLARICE. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2006.

_____. **Para Não esquecer**. RJ: Ed. ROCCO, 1978.

LOPES, R. ET AL, *Terapia Ocupacional no campo social no Brasil e na América Latina: panorama, tensões e reflexões a partir de práticas profissionais*. IN: **Dossiê de Terapia Ocupacional Social**, cad. Ter. ocup., UFSCAR, São Carlos, v.20, n.1, p. 21-32, 2012.

LOPES, R. E.; BORBA, P.L. O.; CAPELLARO, M. *Acompanhamento individual e articulação de recursos em terapia ocupacional social: compartilhando uma experiência*. IN: **O mundo da saúde**, São Paulo: 2011; 35 (2): 233-238.

MATOS, G. E SORSY., I. **O ofício do Contador de Histórias**. São Paulo: Martina Fontes, 2009.

MECCA, R. **Experiência estética na terapia ocupacional em saúde mental: gestos na matéria sensível e alojamento no mundo humano**. Dissertação mestrado. FMUSP: SP, 2008.

MACERATA, I. “...como bruxos maneando ferozes”:relações de cuidado e de controle no fio da navalha. Experiência “psi” em dispositivo da política de assistência social para crianças e a adolescentes em situação de rua. Mestrado em Psicologia /UFF, Niterói, 2010.

MACHADO, L.; LAVRADOR, M C C. Por uma clínica da expansão da vida. In: **Interface – comunicação, saúde, educação**. V.13, supl.1,p.515-21, 2009.

MÂNGIA, E. F. *Terapia Ocupacional: Práticas, Discursos e a questão da legitimidade científica*. . I N: **Revista de Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo**, v.10, n2/3, p. 55-9, mai/dez, 1999.

MAIA, A. *Do biopoder a governamentalidade: sobre a trajetória da genealogia do poder*. IN: **currículo sem fronteiras**, v.11,n.1,pp54-71, jan/jun, 2011. Disponível em: www.curriculosemfornteiras.org. Acesso em: 21/01/2013.

MERÇON, J. *Foucault, Agamben e Deleuze: relações entre vida e política*. IN: **Trilhas Filosóficas**. anoIII, numero 2, jul-dez.2010.

MELVILLE, H. **Baterbly. O escrivão**. São Paulo: Cosac & Naif, 2008.

HOROCHOVSKI, RODRIGO ROSSI; MEIRELLES, GISELLE. *Problematizando o conceito de empoderamento*. **Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia**, Florianópolis: UFSC, 25 a 27 de abril de 2007.

MOREIRA, F. & BARROS, J M. **Diversidade e identidades: fronteiras e tensões culturais no espaço urbano**. Políticas Culturais em Revista, 2 (2), p. 50-59, 2009.

MOURA, A. **Contar, criar, ressignificar histórias: uma experiência em terapia ocupacional no campo social.** Trabalho de conclusão de Curso de Terapia Ocupacional. UFSM, Santa Maria, 2014.

MOURA, A.; PONCIO, C. ANGELI, A AC. **Relatório final da oficina de contação de histórias.** UFSM, 2013. (mimeo).

NANCY, JEAN-LUC. *Meditação de método.* **ALEA** | Rio de Janeiro | vol. 15/2 | p. 303-311 | jul-dez 2013.

OLIVEIRA, A. **Corpos associados: a arte e o ato de experienciar de acordo com Gilbert Simondon.** IN: **Informática na educação: teoria & prática**, porto alegre, v.15, n.1, p.101-114, jan/jun, 2012.

ORLANDI, L. B. Anotações para palestra no IX Simpósio Internacional de Filosofia: **Nietzsche/Deleuze: “A inocência do devir / O devir criança do pensamento”**, organizado por Daniel Lins, Fortaleza 7-11 de setembro de 2008.

PÁDUA, E.MM. ; MAGALHÃES, LV. **Casos, Memórias e Vivências em Terapia Ocupacional.** Campinas, SP: Papyrus, ed. 2005. (p.7)

PASSOS; KASTRUP;ESCÓSSIA. **Pistas do método da Cartografia.**Porto Alegre: editora Sulina, 2009.

PELBART, P. **Vida Capital, ensaios de biopolítica.** São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____ **O avesso do Nihilismo. Cartografias do esgotamento.** São Paulo: n-1 edições, 2013.

_____ Lins, D. (org). **Bárbaros, Civilizados.** São Paulo: ANABLUME editora, 2004.

_____ **Vida nua, vida besta.** REV. Trópico. 25/10/2006. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl>. Acesso em: 10/05/2012.

_____ **Palestra – Encontro Simondon.** Mesa 3 Individualizações.(1 de 4) In:<http://www.youtube.com/watch?v=z7cPEeggag0>. Acesso em 10/12/2013.

PESSANHA, J. **Instabilidade Perpétua.** São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

RAMOS, N. ET AL. **Pesquisa e Diagnóstico sobre crianças e adolescentes em risco pessoal e social em Santa Maria: Construindo cidadania.** Relatório de Pesquisa. 2003.

RAMÃO, SILVIA REGINA; MENEGHEL, STELA NAZARETH; OLIVEIRA, CARMEN. *Nos caminhos de iansã: cartografando a subjetividade de mulheres em situação de violência de gênero*. IN: **Psicologia & Sociedade**; 17 (2): 79-87; mai/ago.2005.

RANIERE, E. **A Invenção das Medidas Socioeducativas**. Tese Doutorado. Porto Alegre: PPGPSI – UFRGS, 2014.

REIS, T. **A terapia Ocupacional Social: análise da produção científica do estado de São Paulo**. [Dissertação]. São Paulo, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2008.

RIBEIRO & WEBER (ORG.). **Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara dos Vereadores, 2012.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. Rolnik, S. *Políticas da hibridação: evitando falsos problemas*. IN: ARAGON, L. LIMA, E. NETO, J. (org.) **Subjetividade contemporânea – desafios metodológicos**. Curitiba: Ed. CRV, 2010.

RUIZ, C. A. *Sacralidade da vida na exceção soberana, a testemunha e sua linguagem – releituras biopolíticas da obra de Giorgio Agamben*. IN: **Cadernos do IHU**, ano 10, n.39, 2012.

_____. *As estratégias do (Bio) poder na inclusão/excludente da vida humana*. IN: **ETHICA**, Rio de Janeiro, v.14.n.2,p.11-39, 2007.

SANT'ANNA, D. B. **Corpos de Passagem**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SIMONDON, G. A gênese do indivíduo. Trad. Ivana Bentes. IN: Costa, R. Pelbart, P. (org) **Cadernos de subjetividade - Reencantamento do concreto**. São Paulo: EDUC, 2003.

SPOSATI, A. e outros (org). **Assistência na trajetória das políticas sociais brasileiras**. São Paulo: Cortez editora, 2010.

TOROSSIAN, S D; XAVIER, M A Z. *Contar e brincar entre a dor e o prazer – intervenção e política no campo da assistência social* IN: CRUZ, L.R; GUARESCHI, N. (org) **O psicólogo e as políticas de assistência social**. São Paulo: vozes, 2012.

Zourabichvili, F. **O vocabulário Deleuze**. Campinas: IFCH-UNICAMP. (Digitalização e disponibilização da versão eletrônica), 2004.

_____. Deleuze e o possível. IN: ALLIEZ, E. (ORG) **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: ed. 34, 2000.